

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
MESTRADO EM ENFERMAGEM
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: FILOSOFIA, SAÚDE E SOCIEDADE**

ANDRÉA MEDINA GONÇALVES CRUZ

**A ETNOFARMACOLOGIA COMO ABORDAGEM EDUCATIVA EM SAÚDE E
MEIO AMBIENTE NUMA COMUNIDADE RURAL DO ESTADO DE SANTA
CATARINA**

**FLORIANÓPOLIS
2004**

ANDRÉA MEDINA GONÇALVES CRUZ

**A ETNOFARMACOLOGIA COMO ABORDAGEM EDUCATIVA EM SAÚDE E
MEIO AMBIENTE NUMA COMUNIDADE RURAL DO ESTADO DE SANTA
CATARINA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para obtenção do título de Mestre em Enfermagem – Área de Concentração: Filosofia, Saúde e Sociedade.

Orientador: Dr. Antônio de Miranda Wosny

**FLORIANÓPOLIS
2004**

ANDREA MEDINA GONÇALVES CRUZ

**A ETNOFARMACOLOGIA COMO ABORDAGEM EDUCATIVA EM SAÚDE E
MEIO AMBIENTE NUMA COMUNIDADE RURAL DO ESTADO DE SANTA
CATARINA**

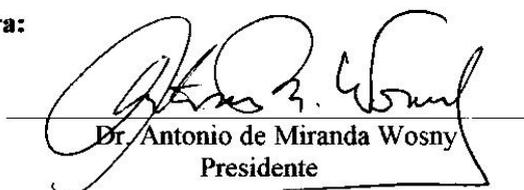
Esta DISSERTAÇÃO foi submetida ao processo de avaliação pela Banca Examinadora para obtenção do Título de:

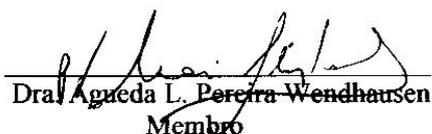
MESTRE EM ENFERMAGEM

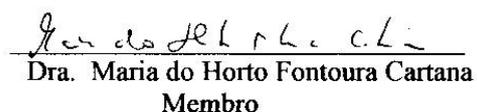
e aprovada em 10 de setembro de 2004, atendendo às normas da legislação vigente da Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-graduação em Enfermagem, Área de Concentração: Filosofia, Saúde e Sociedade.


Dra. Maria Itayra Padilha
Coordenadora do Programa

Banca Examinadora:


Dr. Antonio de Miranda Wosny
Presidente


Dra. Agueda L. Pereira-Wendhausen
Membro


Dra. Maria do Horto Fontoura Cartana
Membro

“Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1987, p. 68).

Dedico este estudo...

- A todas as pessoas com quem convivi ou tenho convivido.
- À comunidade do município de Passos Maia/SC, pela oportunidade do diálogo e pelo aprendizado.
- À minha família, pelo apoio e amor imensuráveis.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à todas as pessoas que me acompanharam nesta jornada tão importante para meu crescimento pessoal e profissional. Agradeço a todos aqueles que de uma forma ou de outra, compartilharam e me apoiaram, me ensinaram e me acolheram, e possibilitaram a realização deste estudo.

Ao Eduardo, meu esposo, meu companheiro, meu amigo, por acreditar em mim, por seu amor, paciência, incentivo e compreensão, que me amparam, me elevam e sempre me mostram quem sou e o caminho a seguir.

À minha família, pai, mãe e meu querido irmão, exemplos de vida, alegria, amor e dedicação, de esperança, criatividade, honestidade, humildade e superação.

À Claudia, a minha grande amiga, sempre presente em minha vida, cujo carinho, compreensão, confiança, perseverança e companheirismo foram essenciais para a realização e concretização desta jornada.

À minha amiga Débora, pelos momentos de amizade, descontração, carinho, apoio e incentivo e por acreditar em mim.

Aos meus sogros, pela acolhida, pelo apoio, carinho, tolerância e serenidade.

Agradeço ao meu orientador e amigo Toni, pelo carinho, compreensão, tranquilidade, competência e sabedoria, a quem cujos encontros e trabalhos sempre me ensinaram muito, contribuindo imensamente para o meu crescimento pessoal e profissional.

Aos meus grandes amigos e companheiros Ana, Adalbi, Alexandre e Camila por me ajudarem nesta jornada, pela amizade, carinho, pelos momentos de diversão e aprendizado.

À Dra. Maria Itayra, pelos seus ensinamentos enquanto fui sua bolsista e aluna especial, os quais oportunizaram o meu ingresso no Curso de Mestrado.

A cada uma das minhas colegas deste mestrado, também especiais, por terem compartilhado do aprendizado e de meu crescimento.

Às participantes do círculo de cultura, por compartilharem seus conhecimentos, sentimentos e experiências, contribuindo para este estudo e para um melhor cuidado à saúde e meio ambiente.

A toda comunidade do município de Passos Maia/SC pela acolhida carinhosa e

sincera.

Ao prefeito e funcionários municipais de Passos Maia/SC pelo acolhimento, apoio e esforços direcionados para a concretização e sucesso deste estudo.

À todos os componentes da banca de qualificação, por todas as suas valiosas contribuições, que facilitaram e enriqueceram este processo.

Aos professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação, pela disponibilidade e pronta atenção.

Ao Comitê de Ética em pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina pela avaliação e parecer favorável para a concretização deste estudo.

À Universidade Federal de Santa Catarina, pela iniciativa e compromisso com a produção e socialização do conhecimento.

CRUZ, Andréa Medina Gonçalves. **A etnofarmacologia como abordagem educativa em saúde e meio ambiente numa comunidade rural do estado de Santa Catarina.** 2004. 126f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Florianópolis, 2004.

RESUMO

Neste estudo problematizamos a relação “homem x meio ambiente” numa comunidade rural do estado de Santa Catarina, através de uma metodologia crítico-reflexiva, embasada no referencial teórico-metodológico de Paulo Freire. Este processo foi mediado pelo conhecimento popular do uso de plantas medicinais, valorizando a experiência e o contexto de vida dos sujeitos envolvidos no estudo. O estudo surgiu da constatação das condições de vida e saúde destas populações que apresentam extrema carência educacional, social, de saúde, saneamento básico e ambiental. O objetivo foi desenvolver atividades educativas que possibilitassem a participação da comunidade em debates sobre a saúde e a questão ambiental local, possibilitando um melhor cuidado, e buscando alternativas para o enfrentamento e superação dos problemas encontrados. O caminho metodológico foi orientado pelos “Círculos de Cultura” e Itinerários de Pesquisa de Freire (1987), envolvendo as etapas de investigação temática, observando-se a realidade e investigando temas de significado para a comunidade; a tematização, buscando o entendimento e conscientização; e a problematização, refletindo criticamente e construindo hipóteses de solução para a transformação da realidade. Foram considerados dois círculos de cultura (encontros) com a participação de 17 sujeitos no 1º e 33 no segundo. O registro dos dados se deu através de fotografias, anotações em caderno de campo e gravações em fita cassete. Todas as informações foram agrupadas e analisadas a partir de temas centrais como saúde e meio ambiente e os sub-temas extraídos destes. Constatamos que as condições necessárias para o alcance de uma vida mais saudável para esta população e um melhor cuidado ambiental, envolve ações educativas sobre o cuidado à saúde e ambiente, melhorias no município (atendimento primário à saúde e os profissionais envolvidos, vias públicas e transporte adequados, alternativas de obtenção de renda), conscientização e transformação dos valores humanos atuais. O processo de reflexão crítica desenvolvido durante toda esta experiência possibilitou analisar os principais problemas vivenciados pelos participantes do círculo de cultura, integrando as questões de saúde e meio ambiente a todos os outros aspectos de sua realidade. A aliança do saber científico e o popular, diferenciando-os e ao mesmo tempo promovendo um diálogo entre eles, mostrou-se um instrumento eficaz na construção do entendimento sobre as reais possibilidades de ações voltadas à promoção e cuidado da saúde e meio ambiente.

Palavras-chave: Comunidade rural. Saúde. Meio ambiente. Metodologia crítico-reflexiva.

ABSTRACT

In this paper we have created problems about the relationship between “man x environment” in a rural community in Santa Catarina State, Brazil, through a critical-reflexive methodology, having Paulo Freire’s theoretical-methodological referential as basis. This process was mediated by the popular plants medical uses knowledge, valuing individuals involved experience and life in the study. The study was born from the verification of that populations life and health conditions, which presents extreme educational, social, health, basic sanitation and environmental lacks. The goal was develop educational activities which make possible the community participation in discussions about health and the local environmental questions, possibiliting a better care and searching for alternatives in order to face and overcome the problems found. The methodological course oriented by Paulo Freire’s “Culture Circles” and Searching Itineraries (1987), involving the stages of thematic investigations, paying attention to the reality and inquiring significant themes to the community; the thesis built, in searching of the understanding and the problematization, reflecting critically and building solutions hypotheses to the transformation of the reality. Two hypotheses circles of culture (meetings) were considered with the participation of 17 individuals in the first one and 33 in the second. The data registration happened through photographs, notebook camp notes and recordings in tapes. All the informations were grouped and analyzed from central themes like health and environmental and sub-themes extracted from them. We verified that the necessary conditions to reach a healthier life to this population and a better environmental care, involves educative actions about health and environmental care, improvements in the municipal district (primary heeding to health and to the professionals involved, thoroughfares and adequate transportation, alternatives of gain income), becoming them aware and transformation of the currently human values. The reflection critical process developed during all this experience made possible analyze the main problems experienced deeply by the culture circle participants, integrating health and environmental questions to all the others aspects of their reality. The alliance of scientific and popular knowledge, making their differences and at the same time promoting a dialogue between them, showed an effective instrument in the understand building about real possibilities of actions pointed to health and environment promotion and care.

Key words: Rural community. Health. Environment. Critical-reflexive methodology.

RESUMEN

En este estudio problematizamos la relación “hombre X medio ambiente” en una comunidad rural del estado de Santa Catarina, por medio de una metodología crítica-reflexiva, tierra en el referencial marco-metodológico de Paulo Freire. Este proceso fue mediado por el conocimiento popular del uso de las plantas medicinales, valorando la experiencia y el contexto de vida de los sujetos involucrados en el estudio. El estudio apareció de la constatación de las condiciones de vida y salud de estas poblaciones que representan extrema carencia educativa, social, de salud, ambiental y de saneamiento. El orden fue de desarrollar actividades educativas que propiciara la participación de la comunidad en debates sobre la salud y la cuestión ambiental local, posibilitando un mejor cuidado, y buscando alternativas para el afrontamiento y superación de los problemas encontrados. El camino metodológico fue orientado por “Círculos de Cultura” y rutas de Pesquisa de Freire (1987), involucrando los pasos de la investigación temática, observando la realidad y investigando tema de significado para la comunidad; la tematización buscando el entendimiento y concientización; y la problematización, reflejando críticamente y construyendo hipótesis de solución para la transformación de la realidad. Fueron considerados dos círculos de cultura (encuentros) con la participación de 17 sujetos en el primer y 33 en segundo. El registro de los datos se dio por fotografías anotaciones en libreta de campo y grabaciones en cinta. Todas las informaciones fueron agrupadas y analizadas a partir de temas centrales como la salud y medio ambiente y los sub-temas extraídos de estos. Constatamos que las condiciones necesarias para el rango de una vida más saludable para la población es un mejor cuidado ambiental, involucrando acciones educativas sobre el cuidado de la salud y ambiente, mejoras en la ciudad (atendimiento primario a la salud y a los profesionales involucrados, vías públicas y transporte adecuado, alternativas de obtención de ingresos), concientización y transformación de los valores humanos actuales. El proceso de reflexión crítica desarrollado durante toda esta experiencia habilitó analizar los principales problemas vividos por los participantes del círculo de cultura, con la integración de las cuestiones de salud y medio ambiente en todos los aspectos de su realidad, la alianza del saber científico y el popular, diferenciándoles y al mismo tiempo promoviendo un diálogo entre ellos, y también ha mostrado un instrumento eficaz en la construcción del entendimiento sobre las reales posibilidades de las acciones dirigidas a la promoción del cuidado de la salud y el medio ambiente.

Palavra clave: Comunidad rural. Salud. Medio ambiente. Metodología crítica reflexiva

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CASAN – Companhia de Águas e Saneamento do Estado de Santa Catarina

CELESC – Centrais Elétricas de Santa Catarina

EPAGRI – Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural

GAPA – Grupo de Apoio aos Portadores de Aids.

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

MST – Movimento dos trabalhadores rurais Sem Terra

NEPEPS – Núcleo de Pesquisa e Extensão em Educação Popular e Saúde

PMPM – Prefeitura Municipal de Passos Maia

PSF – Programa Saúde da Família

UNISOL – Universidade Solidária

UNISUL – Universidade do Sul de Santa Catarina

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Cerimônia de Oficialização dos Projetos e Parcerias- momento de assinaturas dos representantes.	52
Figura 2: Crianças de 1ª a 4ª séries na escola municipal na comunidade Indumel – Passos Maia/SC – aguardando o teatro de fantoches.	62
Figura 3: Teatro de fantoches na escola municipal na comunidade Indumel – Passos Maia/SC.	62
Figura 4: Participantes do círculo de cultura – 1º encontro, Capela da Comunidade de União D'Oeste, município de Passos Maia/SC.	65
Figura 5: Participantes do círculo de cultura – 1º encontro, Capela da Comunidade de União D'Oeste, município de Passos Maia/SC.	65
Figura 6: Participantes do círculo de cultura – 1º encontro, Capela da Comunidade de União D'Oeste, município de Passos Maia/SC.	66
Figura 7: Participantes do círculo de cultura – 3º encontro, Centro Comunitário do Boqueirão, município de Passos Maia/SC.	70
Figura 8: Participantes do círculo de cultura – 3º encontro, Centro Comunitário do Boqueirão, município de Passos Maia/SC.	70
Figura 9: Participantes do círculo de cultura – 3º encontro, Centro Comunitário do Boqueirão, município de Passos Maia/SC.	71
Figura 10: Participantes montando a excicata. 3º encontro, Centro Comunitário do Boqueirão, município de Passos Maia/SC.	82
Figura 11: Participantes do círculo de cultura na confecção de cartaz sobre saúde e meio ambiente – recortes. 3º encontro, Centro Comunitário do Boqueirão, município de Passos Maia/SC.	83
Figura 12: Participantes do círculo de cultura na confecção de cartaz sobre saúde e meio ambiente – recortes. 3º encontro, Centro Comunitário do Boqueirão, município de Passos Maia/SC.	84
Figura 13: Participantes do círculo de cultura na confecção de cartaz sobre saúde e meio ambiente – recortes. 3º encontro, Centro Comunitário do Boqueirão, município de Passos Maia/SC.	84
Figura 14: Ervas trazidas pelas participantes do círculo de cultura para o chá de confraternização. 3º encontro, Centro Comunitário do Boqueirão, município de Passos Maia/SC.	87
Figura 15: Participantes do círculo de cultura em chá de confraternização. 3º encontro, Centro Comunitário do Boqueirão, município de Passos Maia/SC.	87
Figura 16: Participantes do círculo de cultura em chá de confraternização. 3º encontro, Centro Comunitário do Boqueirão, município de Passos Maia/SC.	88

SUMÁRIO

I APRESENTANDO A PROPOSTA DE ESTUDO	13
II OBJETIVOS	17
III REVISANDO A LITERATURA	18
IV REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO	27
4.1 VIDA E OBRA DE PAULO FREIRE	27
4.2 O PENSAMENTO DE PAULO FREIRE	32
4.3 A EDUCAÇÃO DIALÓGICA E PROBLEMATIZADORA DE PAULO FREIRE.....	37
4.4 CONCEITOS.....	42
4.5 PRESSUPOSTOS DA TEORIA PROBLEMATIZADORA	46
4.6 PRESSUPOSTOS PESSOAIS	47
V O CAMINHO METODOLÓGICO	48
5.1 CONTEXTO DO ESTUDO	48
5.1.1 Caracterização local – Passos Maia/SC	48
5.2 SUJEITOS DO ESTUDO.....	50
5.3 INSTRUMENTOS DA PRÁTICA EDUCATIVA	53
5.4 OS ENCONTROS (CÍRCULOS DE CULTURA)	55
5.5 COLETA DOS DADOS.....	58
5.6 REGISTRO DOS DADOS	59
5.7 INTERPRETAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	59
5.8 ÉTICA E PROTEÇÃO AOS DIREITOS HUMANOS	59
5.9 OUTRAS ATIVIDADES EDUCATIVAS	60
VI DESCREVENDO OS ENCONTROS/“CÍRCULO DE CULTURA”	64
6.1 FAZENDO AS APRESENTAÇÕES.....	66
6.2 FAZENDO NOVAMENTE AS APRESENTAÇÕES.....	71
6.3 TEORIZANDO E PROBLEMATIZANDO.....	88
6.3.1 Conhecendo a realidade	88
VII REFLETINDO SOBRE A ADEQUABILIDADE DO REFERENCIAL TEÓRICO SOBRE O ESTUDO DESENVOLVIDO	112
VIII REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	115

I APRESENTANDO A PROPOSTA DE ESTUDO

Durante minha trajetória acadêmica no curso de Ciências Biológicas sempre tive muitas dúvidas em que área atuar depois de formada, seja pela enorme dimensão de áreas que a biologia engloba, assim como pela minha admiração por distintas áreas, como por exemplo a ecologia e a botânica.

Nos últimos três anos da graduação atuei num laboratório de Embriologia em que realizava pesquisas com camarões de água-doce, convivendo com mestres e doutores nesta área e aprendendo técnicas laboratoriais. Neste período participei também de feiras/exposições e visitas de estudo programadas no laboratório onde me senti gratificada em trabalhar com educação, com as pessoas, e foi então que descobri meu interesse por trabalhos de extensão.

A idéia de atuar na área de educação em saúde portanto surgiu muito antes de meu ingresso no mestrado. Na verdade a minha ânsia em desenvolver algum trabalho comunitário que estivesse mais próximo da realidade de vida, que fosse além da idéia de simplesmente repassar meus conhecimentos acadêmicos, com o intuito de contribuir efetivamente para uma transformação das atuais situações da saúde e do meio ambiente que nos cercam, me levou a procurar pessoas e entidades que aparentemente tinham as mesmas preocupações.

Primeiramente participei de um curso sobre Temáticas Ambientais¹ que me trouxe novos conhecimentos, mas principalmente me proporcionou um crescimento pessoal no que se refere a minha consciência política e social, e que me levou também a participar de algumas elaborações de projetos de interesse político/sócio/ambientais.

Desta experiência surgiu então a dúvida de como realizar um trabalho no qual houvesse uma abordagem participativa da comunidade, e de como utilizaria meus conhecimentos adquiridos na academia. Então em 2002, com minha inserção na pós-graduação surgiu a oportunidade de concretizar minhas idéias. A princípio esta idéia me pareceu um tanto utópica mas a partir do momento que busquei suportes teóricos para este trabalho, encontrei em Paulo Freire um referencial que se enquadra na minha visão de mundo. Um referencial metodológico que já demonstrou, através de muitos outros autores que a utilizaram, tratar-se de um referencial teórico metodológico exequível e eficiente para a

¹ Realizado no Instituto de Ecologia Política. Organização Não Governamental – Projetos Sócio-Ambientais.

efetivação de uma educação que busca a conscientização e transformação do homem com relação a sua realidade e seu papel como sujeito no mundo.

A partir daí iniciei estudos exploratórios sobre educação em saúde e também através de encontros com profissionais atuantes e experientes na área comecei a identificar os principais problemas que permeiam as condições da saúde e do meio ambiente em nosso contexto municipal e estadual.

Através destes contatos acabei conhecendo alguns projetos de educação em saúde desenvolvidos em áreas rurais no meio oeste catarinense, com foco de atuação nos assentamentos, com trabalhadores provenientes do MST, coordenados pelo INCRA. Embora conhece-se pouco sobre o movimento destes trabalhadores e de sua realidade, descobri que tratava-se de uma comunidade em busca de condições de vida mais justas, e que atualmente apresenta estágios de extrema carência assistencial e educacional.

As condições de vida e saúde das populações rurais do Estado de Santa Catarina, em algumas regiões, não é distinta da maioria da população brasileira, pela suas circunstâncias de pobreza geral, a sua qualidade de vida apresenta-se fora de parâmetros mínimos de dignidade. Suas condições de produção e renda não lhes dão garantia de sobrevivência digna, tais como alimentação adequada, atendimento de necessidades de saúde, moradia saudável e garantia de um futuro mais digno para quem optou pela vida no espaço rural.

A atual condição de vida desta população e a idéia de trabalhar num contexto muito diferente daquela vivenciada por nós acadêmicos nas grandes cidades como Florianópolis, me despertou um grande interesse e também um desafio, que aceitei por considerar uma grande oportunidade de aprendizado e crescimento pessoal e profissional. Com a possibilidade de poder contribuir de forma mais efetiva para a melhoria das condições de saúde destas comunidades optei em realizar meu trabalho no município rural de Passos Maia/SC.

Conforme estudo realizado anteriormente por Antônio de Miranda Wosny² no município de Passos Maia, a realidade observada, apesar da atuação do poder municipal, apresentam as áreas ocupadas por assentados e acampados em extrema carência, educacional, social, saúde em geral, nutrição infantil, saneamento básico e ambiental. Algumas famílias assentadas ainda permanecem sob lonas no aguardo da demarcação de terras pelo governo federal. A precariedade quanto a higiene pessoal e domiciliar, adicionada ao intenso frio,

² Professor Adjunto do Centro de Ciências da Saúde – UFSC. Doutor em Enfermagem. Coordenador de Projetos em Educação em Saúde – Áreas Rurais, Núcleo de Extensão e Pesquisa em Educação Popular e Saúde (NEPEPS).

favorece o índice crescente e constante de verminoses, doenças da pele e respiratórias. Supõem-se ainda outras patologias comuns decorrentes de alimentação deficiente ou inadequada. Há depoimentos sobre a ocorrência de doenças crônico/degenerativas, especialmente Diabetes Mellitus e Hipertensão Arterial.

Este levantamento preliminar das condições de saúde desta população apontou uma comunidade que apresenta outros conhecimentos de cuidado à saúde, que não o tradicional biologicista, o uso de plantas medicinais, seja pelo fato de enfrentarem problemas em adquirir medicamentos industrializados ou mesmo por optarem pelos medicamentos naturais como fonte auxiliar ou alternativa de terapia.

Após tomar conhecimento da realidade vivenciada por esta população comecei a me questionar: De que forma eu poderia contribuir para uma melhor compreensão do “ser saudável” e “ambiente saudável” nesta comunidade, possibilitando um melhor cuidado à saúde e meio ambiente, minimizando a situação precária de desenvolvimento humano em que se encontra esta comunidade?

Diante deste questionamento resolvi desenvolver uma prática educativa baseada na metodologia problematizadora de Paulo Freire contemplando principalmente os moradores das áreas de assentamentos rurais de Passos Maia e assim desenvolver atividades que possibilitem a participação da comunidade em temas que promovam o debate sobre a saúde e a questão ambiental local, bem como de uma economia sustentada na exploração racional da terra e recursos naturais, a partir do estudo e produção de plantas medicinais.

A problematização se insere na educação libertadora defendida por Freire (1980), que busca a emancipação dos sujeitos, significando um processo de humanização e libertação dos homens no sentido de terem maior clareza dos processos da vida e desta forma terem melhores condições de interferir e intervir nesse processo em busca de ser mais, de melhor qualidade de vida, de reivindicar seus direitos, despertando para uma consciência crítica e desveladora que ultrapassa os limites da reprodução.

Esta metodologia opõe-se àquela chamada bancária, que trata de adestrar os indivíduos, desconsiderando-os enquanto sujeitos sociais, resultando num processo de dominação e dominados, de submissão, alienação, de proibição ao pensar verdadeiro, em que educandos não são chamados a conhecer, mas a memorizar o conteúdo narrado pelo educador.

Acredito que uma educação que respeita o educando, suas capacidades, suas crenças, sua cultura e o insira no mundo em que vivemos, pode transformar as pessoas. Educador e educandos aprendendo juntos, através do diálogo, da troca de experiências, de idéias, do

caminhar juntos, refletindo e compreendendo a realidade que os cercam, buscando novas formas de viver melhor.

Para esta comunidade, as plantas medicinais não apresentam-se somente como uma alternativa terapêutica, mas a partir de novos conhecimentos e um caminhar juntos, outras alternativas podem tornar-se interessantes. Visto tratar-se de uma comunidade rural que permanece ligada à terra e seu cultivo, o uso e cultivo de plantas medicinais e aromáticas, além de ser um instrumento possível de educação, pode vir gerar trabalho e renda para esta população.

O apoio de órgãos como o Núcleo de Extensão e Pesquisa em Educação Popular e Saúde (NEPEPS- UFSC) juntamente com o INCRA e EPAGRI que já vem desenvolvendo alguns projetos nestas comunidades viabiliza a presente proposta educativa, assim como esta poderá servir de subsídio para novas propostas.

Este trabalho, portanto, sistematiza o desenvolvimento da prática educativa realizada com moradores do município rural de Passos Maia, compreendendo a problemática ambiental e de saúde a partir dos conhecimentos populares sobre o uso das plantas medicinais na busca de uma forma de vida mais saudável.

II OBJETIVOS

Objetivo Geral:

- Desenvolver um processo educativo em saúde e meio ambiente mediado pelo conhecimento popular sobre o uso das plantas medicinais numa comunidade rural de Santa Catarina.

Objetivos específicos:

Relatar e discutir o processo educativo desenvolvido com moradores do município rural de Passos Maia/SC, através da metodologia problematizadora de Paulo Freire.

Identificar e analisar os cuidados e prevenção à saúde realizado pelo uso de plantas medicinais locais.

Identificar e analisar as principais causas de degradação do meio ambiente no município.

Relatar as estratégias que podem minimizar a problemática ambiental e de saúde dos moradores da área rural favorecendo uma vida mais saudável.

Listar as espécies vegetais medicinais presentes e utilizadas pela comunidade no cuidado à saúde, tanto as cultivadas como as extraídas da mata nativa.

III REVISANDO A LITERATURA

A educação em saúde é o campo de prática e conhecimento do setor saúde que tem se ocupado mais diretamente com a criação de vínculos entre a ação médica e o pensar e fazer cotidiano da população. Diferentes concepções e práticas tem marcado a história da educação em saúde no Brasil, mas somente a partir da década de 1970, que profissionais da saúde insatisfeitos com as práticas mercantilizadas e rotinizadas dos serviços oficiais e desejosos de uma atuação mais significativa para as classes populares, vem se dirigindo às periferias dos grandes centros urbanos e regiões rurais em busca de formas alternativas de atuação (VASCONCELOS, 1998).

Primeiramente estes profissionais ligaram-se às experiências informais de trabalho comunitário, principalmente junto à Igreja Católica. Após uma longa convivência com os problemas de saúde do meio popular e a interface com movimentos sociais locais e a militância de outros grupos intelectuais, muitos destes profissionais passaram a reorientar suas práticas no sentido de buscar enfrentar de uma forma mais global os problemas de saúde encontrados. Esta participação dos profissionais nas experiências de educação popular, trouxe para o setor saúde, uma cultura de relação com as classes populares que representou uma ruptura com a tradição autoritária e normatizadora da educação em saúde (VASCONCELOS, 1998).

Assim, no setor saúde, a educação popular passou a se constituir, em vários serviços, não como uma atividade a mais que se desenvolve entre tantas outras, mas como um instrumento de reorientação da globalidade de suas práticas, na medida em que dinamiza, desobstrui e fortalece a relação com a população e seus movimentos organizados (BRANDÃO, 1986, VASCONCELOS, 1998).

A educação popular não deve ser confundida com a educação informal, pois existem muitas propostas educativas que se dão fora da escola, mas que utilizam métodos verticais de relação educador-educando. Segundo Brandão (1982), educação popular não visa criar sujeitos subalternos educados, visa participar do esforço que já fazem hoje as categorias de sujeitos subalternos para a organização do trabalho político que, passo a passo, abra caminho para a conquista de sua liberdade e de seus direitos.

De acordo com Vasconcelos (1998) a educação popular é um modo de participação de agentes eruditos (professores, padres, cientistas sociais, profissionais da saúde e outros)

neste trabalho político, buscando trabalhar pedagogicamente o homem e os grupos envolvidos no processo de participação popular. Para tanto a educação popular utiliza-se de formas coletivas de aprendizado e investigação, de modo a promover o crescimento da capacidade de análise crítica sobre a realidade e o aperfeiçoamento das estratégias de luta e enfrentamento de suas dificuldades. Um elemento fundamental do seu método é o fato de tomar como ponto de partida do processo pedagógico o saber anterior das classes populares.

A educação popular é potencialmente um instrumento de alargamento do cuidado à saúde na sociedade atual, pois com sua constante busca da interdisciplinaridade entre os profissionais, fortalece e reorienta suas práticas, saberes e lutas, utilizando-se de seus valores, interesses e entendimentos, e não mais de normas consideradas cientificamente e universalmente corretas.

Na atualidade o empenho de inúmeros segmentos sociais está voltado ao desenvolvimento de ações que contribuam para maior qualidade de vida das populações urbanas e rurais no Brasil. São movimentos populares que lutam pela moradia, posse de terra, acesso a bens e serviços públicos tais como saneamento ambiental, água tratada, creches, escola, posto de saúde, dentre outros. As lutas por aumentos salariais reais, pela estabilidade de emprego, pela posse de terra significam ganhos para a saúde e estão indissociavelmente ligadas à conquista de serviços de saúde voltados para a saúde da população (VALLA, STOTZ, 1993, WOSNY, 1994)

E para não ficar à margem dos movimentos sociais, a Universidade através da extensão universitária, vai além da Universidade na comunidade, em forma de serviço, ensino ou pesquisa estendida. A extensão abriu caminho para a universidade aproximar-se da comunidade, democratizando o saber institucionalizado, buscando identificar-se com a realidade e redefinir seu compromisso com a sociedade como um todo (WOSNY, 1994).

Para Wosny (1994) surge então a possibilidade da nova sala de aula, onde a produção do saber poderá ocorrer interdisciplinarmente e de conformidade com os interesses de todos os seus construtores. Esta perspectiva da extensão pode dar espaço para a constituição do ensino e da pesquisa predominantemente extra campus, com participação mais efetiva da sociedade, estabelecendo-se um novo modelo de relação universidade/sociedade, e ainda unir esforços a diversos atores governamentais e não governamentais envolvidos no projeto de transformações sociais no campo e na cidade.

Esta relação universidade/sociedade é abordada, discutindo-se alguns elementos históricos e princípios da extensão universitária brasileira, na UFSC e no seu Departamento

de Enfermagem, onde a idéia principal é, através da democratização das ações em saúde, abrir espaços educativos interdisciplinares, possibilitando à universidade qualificar sua estrutura de formação em saúde e transformar-se interagindo com a comunidade (WOSNY, 1994).

Para Wosny (1996) aquele que atua como Educador de Saúde na população rural não pode ser visto como um Agente Assitencial de Saúde ou um Atendente de Saúde Rural, não é para isso que está preparado, trata-se de um agente político, animador de discussões, organizador do debate que capacitará a comunidade na compreensão e defesa de seus direitos de saúde.

Diferentemente dos médicos, os educadores precisam acentuar nos indivíduos a sua condição de sujeitos. Os educadores dirigem-se aos indivíduos que, para enfrentar seus problemas, devem agir como sujeitos de suas próprias vidas e, para tanto, adquirir consciência da ampla tessitura social na qual estão inseridos (VALLA, STOTZ, 1993).

Como exemplos de propostas concretas de ensino, pesquisa e extensão indissociados, numa ação integrada com a comunidade, suas organizações e o serviço local de saúde, destacam-se os esforços de alguns grupos de professores dos Departamentos de Saúde Pública e Enfermagem, que atuam nos cursos de Graduação e Pós-graduação em Enfermagem da UFSC, num desafio da extensão universitária em saúde pelo fato de se tentar romper com as formas tradicionais educativas desta prática. (WOSNY, 1994, WOSNY et al., 1995).

Ações desta natureza são de extrema importância quando consideradas as populações que possuem dificuldades de acesso ao conhecimento seja pelo fato de sua condição social e/ou cultural, ou então por encontrarem-se em regiões de difícil acesso, como no caso de comunidades da região agrícola.

No Brasil atual cerca de 353 milhões de hectares são ocupados por imóveis rurais, mas apenas 52 milhões de hectares estão sendo utilizados para a agricultura, o que demonstra a tendência à concentração fundiária. Mesmo ancorados pela Lei na constituição Federal de 1988, milhares de posseiros perderam suas terras ou tiveram de vendê-las a preços irrisórios, enquanto centenas de milhares de pequenos proprietários foram obrigados a entregá-los aos bancos credores, por não conseguirem pagar suas dívidas (MORISSAWA, 2001).

Os números dos censos agropecuários de 1985 indicam que existe muita terra ociosa no Brasil, e enquanto isso milhões de famílias sem terra estão no aguardo de uma solução para suas vidas por parte do governo, que até hoje mantém o atrasado padrão de concentração fundiária, sem dar a devida atenção aos investimentos voltados para a modernização da agricultura baseada em unidades de produção familiar, em tecnologias e redução ou

eliminação de impostos para a agropecuária (MORISSAWA, 2001).

Dentro deste contexto, em termos históricos da humanidade, pode-se dizer que o nascimento do Movimento dos Sem Terra (MST) se deu já na Antiguidade, quando famílias poderosas passaram a cercar o pedaço de chão em que moravam para evitar que viessem “compartilhar” seus bens, dando início à propriedade privada. No Brasil, a luta pela terra enfrentou uma realidade específica de um país cujas terras pertenceram a outro país por mais de trezentos anos e depois foram praticamente dadas aos poderosos por meio de uma lei que excluiu muitos milhares de famílias, e mesmo depois de outras leis e políticas agrárias, nada mudou substancialmente até hoje. (MORISSAWA, 2001).

A semente do movimento independente MST conhecido como é hoje, foi semeada em setembro de 1979, ainda em plena ditadura militar com o advento da ocupação da Fazenda Macali no Rio Grande do Sul. Esta foi o estopim para muitas outras lutas, neste estado e em todo o país, que geraram lideranças e o incremento da consciência da necessidade de ampliação das conquistas em busca de um objetivo mais alto: a reforma agrária (MORISSAWA, 2001).

O mesmo autor coloca que o resultado mais importante deste início de organização dos Sem Terra foi que, em seguida, começaram a discutir, realizar assembléias em cada acampamento e analisar quais seriam as saídas. Neste processo de conscientização, eles se juntaram com outros acampados militantes da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e da Reforma Agrária, passando a buscar soluções coletivas. A partir destes novos grupos de discussão e conscientização formou-se um movimento social que dentre as decisões tomadas começaram as reivindicações junto ao governo por alguns assentamentos no estado do Rio Grande do Sul.

No estado de Santa Catarina a mobilização dos camponeses iniciou-se em meados dos anos 70, quando uma série de circunstâncias mostrava claramente os objetivos do governo em relação à questão agrária. Embora essas lutas estivessem acontecendo simultaneamente por todos os estados brasileiros, tratava-se ainda de iniciativas isoladas, sem nenhum contato entre elas, somente a partir de 1980 começaram a ocorrer debates e encontros entre diversas lideranças de luta pela terra no país (MORISSAWA, 2001).

No início de 1990, o MST já contabilizava 300 associações nos assentamentos (de compra de maquinaria, compra e venda de produtos, lavoura coletiva, construção de benfeitorias, criação de pequenas agroindústrias); 10 cooperativas (incluindo todas as atividades produtivas); mas faltava infra-estrutura social: escolas, atendimento médico,

energia elétrica, estradas e meio de transporte.

Em Santa Catarina, as lutas prosseguiram na década de 90, em diversas formas com diversas conquistas: Catanduvas, Passos Maia, Fraiburgo, Mafra, Abelardo Luz e Joinville formam novos focos de ocupação. Somente no ano de 1999 foram capacitados mais de 8 mil assentados e acampados. Hoje o MST conta com mais de 4 mil famílias assentadas, 94 escolas de assentamento, 4 cooperativas regionais, 6 associações, além da Cooperativa de Reforma Agrária de Santa Catarina (MORISSAWA, 2001).

Atualmente no estado de Santa Catarina, a comunidade agrícola, as propriedades rurais, constituem em sua maioria pequenos produtores de culturas de subsistência onde a qualidade de vida nessa realidade ainda apresenta níveis incompatíveis com o mínimo exigido para que os moradores do campo assegurem sua cidadania (WOSNY, 1996).

Diante desta realidade e mediante o descaso das autoridades em tentar solucionar os problemas da comunidade como um todo, a maioria da população rural se vê expulsa do campo, não encontrando muitas opções, acabam alojando-se nas periferias urbanas, agravando ainda mais o problema, onde as condições de habitação, os serviços públicos de saúde, educação, lazer, trabalho e transporte não oferecem sequer o indispensável para a sobrevivência do ser humano (BRANDÃO, 1986, WOSNY, 1994).

Para reverter este processo é necessário que o indivíduo tenha condições para conhecer suas possibilidades de vida tornando-se cômico das possibilidades de todas as pessoas nas mesmas circunstâncias em que ele vive (WRIGHT MILLS apud VALLA, STOTZ, 1993).

A maioria dos trabalhadores brasileiros foi excluído de qualquer possibilidade de reflexão sobre as origens dos agravos à saúde da população e suas práticas ativistas imediatas, pois se mantém absortas em sua luta pela sobrevivência imediata, imposta por um modelo econômico alienante e decorrente da inexistência de um processo educativo de massa que atenda uma necessidade dessa magnitude. O rompimento dessa alienação recebeu importante contribuição através da proposta educativa de Paulo Freire, que ousou estabelecer um processo de comunicação entre universidade e sociedade de forma revolucionária, participativa (WOSNY, 1994).

Dentre as inúmeras propostas de melhorias das condições de vidas das populações rurais, tem-se dado muita atenção àquelas relacionadas ao cuidado à saúde, embora esta área encontre-se ainda muito deficiente. Devido muitas vezes à condição de pobreza que encontram-se estas populações e também por encontrarem-se muito distantes dos órgãos de

atendimento primário à saúde, o uso popular de plantas medicinais tem se tornado uma boa opção no cuidado à saúde, além de promover um espaço de educação e também de renda para estas famílias.

O uso de espécies vegetais, com fins de tratamento e cura de doenças e sintomas, remonta ao início da civilização, desde o momento em que o homem despertou para a consciência e começou um longo percurso de manuseio, adaptação e modificação dos recursos naturais para seu próprio benefício (DI STASI, 1996; MEDEIROS, 2001).

Cerca de 80% da população mundial vive nos denominados países em desenvolvimento ou subdesenvolvidos e apenas 20% da população mundial, que habita os países desenvolvidos é responsável pelo consumo de 85% dos medicamentos industrializados disponíveis no mercado. No Brasil, 20% de nossa população consome 63% dos medicamentos disponíveis e o restante encontra nos produtos de origem natural, especialmente nas plantas medicinais, a única fonte de recurso terapêutico (DI STASI, 1996).

Di Stasi (1996) coloca que tanto os problemas de saúde, em decorrência da falta de medicamentos para a maioria da população, como a ausência de uma política eficaz neste setor, possuem origem não apenas na falta de unidade de pensamentos, mas também na completa ausência de incentivos e interesses na solução destes problemas. Salienta ainda a importância de trabalhos voltados para a obtenção de dados, propostas e abordagens de execução de programas de atendimento primário de saúde, baseados na utilização de fitoterápicos em substituição a inúmeros fármacos cujo acesso à população é proibitivo.

Ainda em relação ao exposto, sabe-se que bilhões de dólares são gastos anualmente na pesquisa e desenvolvimento de novas drogas, cujo ônus, aditado dos custos de industrialização, intermediação e impostos, é repassado à população a preços proibitivos. Só no Brasil são mais de 50 milhões de pessoas que não tem acesso regular aos fármacos devido à baixa renda per-capita (SILVA-JÚNIOR apud MICHALAK, 1997)

Neste contexto, Medeiros (2001) indaga se não é imperativo que haja uma reflexão sobre a adesão e a absorção ingênua dos produtos gerados pelo conhecimento científico, sem analisar o seu impacto sobre a saúde e o bem-estar da humanidade. Entretanto, como fugir desse consumo desenfreado, ingênuo e acrítico para uma escolha mais natural e menos lesiva à saúde como a fitoterapia?

Mesmo nos tempos atuais, com o progresso das ciências modernas, com o crescimento da biotecnologia e o advento dos produtos transgênicos, toda esta evolução científica contrapõe-se à simplicidade do consumo das plantas medicinais, que possui fácil

cultivo, fácil manipulação e grande consumo. Assim, Medeiros (2001) afirma que é possível que tal alternativa natural possa estar livre destes efeitos colaterais trazidos pela industrialização, à medida que são consumidas de forma sistematizada, crítica e consciente.

Entretanto a sociedade ainda enfrenta, na atualidade, problemas que dificultam o alcance de sua saúde, quanto ao conhecimento básico sobre o emprego preventivo ou coadjuvante terapêutico das plantas medicinais ou fitoterapia, mesmo porque, os benefícios de se conhecer profundamente o efeito terapêutico de uma planta não se distribuem de modo equânime e acessível às pessoas que vivem em contextos adversos (MEDEIROS, 2001).

Diante deste realidade a autora ressalta a necessidade da implementação de um processo educativo que supere as deficiências no campo do conhecimento da saúde, em especial no emprego das plantas medicinais e sua conservação no meio ambiente.

Simões et al (1980) coloca que nos últimos anos, alguns fatores tem contribuído para o aumento da utilização de plantas medicinais, mesmo em camadas sociais que até então não o empregavam: a crise econômica, o alto custo dos medicamentos industrializados, o difícil acesso da população à assistência médica e farmacêutica, bem como uma tendência generalizada dos consumidores em utilizar, preferencialmente, produtos de origem natural. O mesmo autor diz que o entusiasmo atual em relação ao uso de plantas medicinais e seus extratos na assistência à saúde podem ser entendido pela sua aceitabilidade, derivada da inserção cultural e pela atual disponibilidade destes recursos, ao contrário do que ocorre com outros medicamentos que na sua maioria são dependentes de matéria-prima e tecnologia externas.

Com relação a utilização e disponibilidade destes recursos naturais, Silva-Júnior (1997) observa que além de possuir o maior banco de germoplasma da Terra, o Brasil detém ainda características peculiares que o habilitam a qualidade de franco consumidor de plantas medicinais. Grande parte do conhecimento fitoterápico nacional deve-se ao legado das inúmeras tribos indígenas brasileiras, da colonização européia e dos escravos africanos. Além de sua utilização aliar-se a vexatória conjuntura sócio-econômica da maioria dos brasileiros e a ineficiência do sistema oficial de saúde pública.

Este conhecimento enraizado na cultura brasileira pode ser explorado mediante estudos etnobotânicos. A etnobotânica é a ciência que estuda e interpreta a história e a relação das plantas nas sociedades antigas e atuais. Caracteriza-se por ser uma ciência voltada para o conhecimento de suas culturas, sendo possível até a criação de subsídios para a recuperação de suas histórias. Neste sentido trata-se de uma verdadeira relação planta-homens com

enfoque em vários ramos do conhecimento humano, entre eles a história, antropologia, botânica, ecologia etc (LEITÃO, 2003).

Segundo Leitão (2003) os estudos etnobotânicos de registro de plantas medicinais, assim como seus usos e formas terapêuticas desenvolvidas por grupos humanos, têm oferecido a base para diversos estudos básicos e aplicados, especialmente no campo da fitoquímica e farmacologia, inclusive como ferramenta para o descobrimento de novas drogas. Nesse contexto insere-se a Etnofarmacologia, como um ramo da Etnobiologia/Etnobotânica que trata das práticas médicas, especialmente remédios, usados em sistemas tradicionais e alternativos de medicina.

Estudos que compreendam levantamentos etnobotânicos, abordando plantas medicinais, além de permitir um melhor conhecimento das plantas e das informações populares já detidas pelas comunidades, possibilita um melhor estudo da reserva genética da flora brasileira.

A respeito da disponibilidade destes recursos, embora o Brasil seja um país com flora luxuriante, percebe-se que o advento da transformação das plantas, cujo valor terapêutico foi confirmado pelas pesquisas farmacológicas, em medicamentos para a população, esbarra na dificuldade de obtenção da matéria-prima na quantidade e qualidade necessária ao processamento, pois o extrativismo de plantas medicinais tem sido uma prática abusiva e indiscriminada (SILVA-JÚNIOR, 1997).

O mesmo autor coloca que este extrativismo infrene e sem critérios, a poluição ambiental, o uso indiscriminado de agroquímicos, o urbanismo, as queimadas e o cultivo extensivo tem sido as principais causas que tem afetado a biodiversidade, resultando com isso em redução drástica ou até extinção de espécies de valor fitoterápico. A produção sistemática de plantas medicinais reduz ou elimina os riscos de agressão ao meio ambiente, contribui com a saúde e a economia do consumidor e constitui-se numa alternativa rentável àqueles produtores que optarem por esta atividade.

Vieira & Weber (1997) colocam que o futuro do meio ambiente está sendo jogado sobretudo no domínio das modalidades de gestão dos recursos renováveis, tanto no caso dos mesmos estarem sendo superexplorados, quanto no caso da exploração estar acarretando a degradação do meio ambiente. Enfim, o fato de os recursos estarem sendo descuidados, implica no abandono das práticas de conservação do meio que resultavam de sua valorização econômica, tanto no contexto da economia doméstica como naquele ligado à economia de mercado.

Para que as ações no âmbito da sustentabilidade dos recursos naturais tenha êxito, torna-se necessário, contudo, que o meio ambiente não seja visto somente como uma fonte de coações e de custos suplementares a serem assumidos, mas também como uma fonte de serviços imateriais e como um potencial de recursos naturais a serem mobilizados visando o desenvolvimento econômico e social (VIEIRA & WEBER, 1997).

Além da idéia da sustentabilidade, o ambiente é visto pela Educação Ambiental como uma fonte educativa, ou seja, trata-se de um meio estratégico de aprendizagem e de preparação do indivíduo para a vida. Neste novo papel da educação, não basta a natureza e o meio como recursos educativos, nem basta preparar o indivíduo para transformar a natureza e o meio em benefício seu e da espécie. É necessário compreender que o ambiente não é somente um meio para satisfazer as necessidades humanas, mas é o “meio ambiente” do ser humano, que condiciona a própria sobrevivência. A humanidade pode interagir com este ambiente desde que conheça sua dinâmica, suas regras e experiências (PAGNAXCHELSCHI apud OLIVEIRA, 1998).

Diante da complexidade em que encontra-se a sociedade humana atualmente, verifica-se um grande incremento de estudos e ações voltados para a gestão dos recursos naturais e sua preservação. Considerando-se os recursos vegetais com potencialidades terapêuticas, destacam-se vários seguimentos de estudo: compreendendo sua identificação, cultivo, descrição botânica e suas utilidades, embora haja muito ainda que se descobrir e relatar.

Diante de tanta abrangência de estudos na área, vê-se a possibilidade de utilização do conhecimento sobre as plantas medicinais como um instrumento para a prática da Educação em Saúde: envolvendo os cuidados, prevenção e promoção da saúde, e para a Educação Ambiental, dentro do enfoque de conservação, preservação e biodiversidade vegetal.

IV REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO

Para uma Bióloga, adentrar no campo de conhecimentos da Enfermagem a princípio pareceu ser muito interessante e enriquecedor, mas por outro lado não deixou de ser um grande desafio. Este desafio tem se tornado menos ameaçador ao passo que venho tomando consciência da história desta profissão e das concepções teóricas e metodológicas destes profissionais.

O contato inicial com a enfermagem me fez compreender que a assistência prestada por estes profissionais procura sempre ser fundamentada por referenciais teórico-metodológicos que orientam e possibilitam a prática de um cuidado à saúde voltado para a coerência entre o pensar e o fazer. Seguindo esta filosofia, procurei refletir sobre meu modo de pensar e ver o mundo na busca de um referencial que pudesse fundamentar o cuidado que pretendo prestar à comunidade, em minha proposta de educação em saúde e meio ambiente que utilizará a flora medicinal como mediadora deste processo. Considerando o exposto, optei pela utilização de um referencial teórico centrado nas concepções de Paulo Freire, em sua pedagogia problematizadora, cujos pressupostos vêm ao encontro de minhas idéias sobre uma educação voltada para a transformação, num processo de tomada de consciência crítica e no qual o educando é sujeito responsável pela construção de seu próprio conhecimento.

4.1 VIDA E OBRA DE PAULO FREIRE

Paulo Reglus Neves Freire, filho de Joaquim Temístocles Freire e Edeltrudes Neves Freire, nasceu no dia 19 de setembro de 1921 em Recife/PE, onde conheceu desde cedo a pobreza do Nordeste Brasileiro, uma amostra da pobreza na qual está submersa a nossa América Latina. Sua obra em parte se deve ao fato de ter sido alfabetizado pelos pais à sombra das árvores de sua casa, a partir de palavras de seu cotidiano, onde os gravetos serviam de giz e o chão de quadro-negro (GADOTTI, 2000).

Perdeu o pai aos 13 anos, quando já morava em Jaboatão a 18 km de Recife, um lugar aparentemente mais fácil de sobreviver. Somente aos 15 anos de idade resolveu prestar exame para admissão no ginásio e mesmo assim tinha medo de fazer perguntas em sala de

aula, pois sendo mais velho que os outros alunos, sentia-se obrigado a formular questões mais inteligentes e mais rigorosas que as demais (GADOTTI, 1991).

Por volta dos 23 anos iniciou o curso na Faculdade de Direito do Recife onde conheceu Elza Maria Costa Oliveira que se tornaria sua esposa e mãe de seus cinco filhos. Elza era professora primária e alfabetizadora e foi sua maior incentivadora na carreira de docente. Freire veio a dedicar-se ao trabalho educativo como professor secundário após abandonar a profissão de Advocacia logo na sua primeira causa (GADOTTI, 2000).

Em 1946 começou a trabalhar no Serviço Social da Indústria (SESI) onde permaneceu por oito anos. Aí, aprendeu a pensar sempre na prática. No SESI dirigiu o Departamento de Educação e de Cultura onde coordenou professores nos trabalhos com crianças e suas famílias e de onde obteve experiências que o conduziram ao seu “método” de alfabetização.

Em seu percurso como alfabetizador percebeu a grande distância entre a linguagem culta e a linguagem popular dos trabalhadores. O estudo da linguagem popular foi o ponto de partida para o aperfeiçoamento de seus trabalhos em Educação Popular.

Foi um dos fundadores e o primeiro Diretor do Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife, quando em 1958 elaborou um novo método de alfabetização de adultos: “*A educação de adultos e as populações marginais: o problema dos mocambos*”.

Em 1959 escreveu “*Educação e atualidade brasileira*”, tese com a qual obteve o grau equivalente a doutor, na Escola de Belas Artes do Recife, e onde já propunha uma pedagogia específica, associando estudo, experiência vivida, trabalho, pedagogia e política (GADOTTI, 1991).

A partir disso inicia a criação de associações de pais, de alunos, conselhos escolares, com finalidades educativas, onde associou a formação da consciência crítica à organização popular.

O “método” de Freire nasceu no interior do Movimento de Cultura Popular do Recife, no final da década de 50, época em que metade dos 30 milhões de habitantes viviam na “cultura do silêncio”, como Freire dizia, ou seja analfabetos. Para isso era preciso “dar-lhes a palavra” para que “transitassem” para a participação na construção de um Brasil, que fosse dono de seu próprio destino e que superasse o colonialismo. Desta experiência surgiram os chamados “Círculos de Cultura” (GADOTTI, 2000).

Em 1962, na cidade de Angicos/RN, Freire coloca em prática pela primeira vez o seu método de alfabetização, onde são alfabetizados 300 trabalhadores rurais em apenas 45 dias.

Esta experiência levou o presidente João Goulart e o Ministro da Educação Paulo de Tarso Santos a convidar Freire a repensar a alfabetização de adultos em âmbito nacional.

Então em 1964, o golpe militar veio interromper os trabalhos de Freire, que já contavam com a instalação de 20 mil “Círculos de Cultura” para 2 milhões de analfabetos, levando à repressão toda a mobilização já conquistada. Freire foi preso e interrogado e após 72 dias foi convencido a optar pelo exílio, sendo contratado pelo Ministério da Educação da Bolívia, país onde permaneceu apenas alguns dias (GADOTTI, 2000).

Devido a mudança de governo na Bolívia, Freire foi trabalhar no Chile na formulação do Plano de Educação em Massa junto ao Instituto de Capacitação e Investigação em Reforma Agrária. No Chile, Paulo Freire trabalhou como professor da Universidade Católica de Santiago e como consultor da UNESCO. Em seis anos de trabalho Freire conseguiu reduzir em 5% o percentual de analfabetismo no país, o que levou a UNESCO a conceder ao Chile a distinção como uma das 5 nações que melhor superou o problema do analfabetismo.

Em sua permanência no Chile, Freire dedicou-se principalmente à formação de adultos camponeses, novos profissionais e técnicos que apoiariam o processo de mudança no setor agrário. Este foi um tempo de muita reflexão para Freire, que o levou a melhor compreender o golpe militar de 64 e repensar suas práticas.

O momento histórico que Freire viveu no Chile foi fundamental para explicar a consolidação de sua obra, iniciada no Brasil. Essa experiência foi fundamental para a formação de seu pensamento político-pedagógico. No Chile, ele encontrou um espaço político, social e educativo muito dinâmico, rico e desafiante, permitindo-lhe reestruturar seu método em outro contexto, avalia-lo na prática e sistematizá-lo teoricamente. (GADOTTI, 2000, p. 3)

No ano de 1967, Freire visita pela primeira vez os Estados Unidos da América, coordenando seminários em universidades de vários estados. Escreve neste ano seu primeiro livro intitulado “Educação como prática de liberdade”, obra em que coloca a liberdade como ponto central de sua concepção educativa, onde a libertação é o fim da educação, num processo de conscientização. Escreve também “Extensão ou comunicação” onde faz uma análise de conceitos, colocando a extensão cultural como proposta invasora e a comunicação como conscientizadora.

Ainda no Chile, em 1968, escreve sua obra mais conhecida: “A pedagogia do oprimido”, onde evidencia a opressão da educação capitalista. Este livro mostra a necessidade

de se posicionar a educação como um instrumento de conscientização, libertação e transformação (GADOTTI, 2000).

A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se, na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação (FREIRE, 1987, p. 41)

Em 1969, Freire recebe um convite da universidade de Harvard para dois anos de trabalho, e oito dias depois chega da Suíça uma carta-convite do Conselho Mundial das Igrejas. Depois de passar quase um ano em Harvard, no início de 70, foi para Genebra, pois via o Conselho Mundial das Igrejas como uma instituição histórica e na qual poderia desenvolver um trabalho conjunto. Permaneceu em Genebra durante 10 anos, onde completou 16 anos de exílio.

No início da década de 1970, Paulo Freire se torna presidente do Instituto de Ação Cultural (IDAC), um centro de pesquisa e intervenção pedagógica, formado por um grupo de exilados brasileiros. Este torna-se um espaço para implementar ações, para pensar e experimentar uma prática educativa, e ao reencontrá-la, aprender com ela e se instrumentalizar mais, para o alcance de uma intervenção da realidade de forma concreta.

Nos anos que se passaram, Freire assessorou vários países da África, recém-libertada da colonização européia, auxiliando-os na implantação de seus sistemas de educação. Em 1975, Freire e seus companheiros do IDAC foram convidados a desenvolver um programa nacional de alfabetização em Guiné-Bissau. Desta experiência resultou uma das obras mais importantes de Freire: "*Cartas à Guiné-Bissau* (1997)". De acordo com Gadotti (2000), Paulo Freire assimilou a cultura africana pelo contato direto com o povo e com seus intelectuais.

Durante todos os anos de exílio, sua esposa Elza o acompanhou e jamais retornou ao Brasil, explicando-se pelo fato de não pisar num país onde isto era vedado ao seu marido. Com a lei da anistia, Paulo Freire visita o Brasil durante um mês em agosto de 1979. Retorna definitivamente em 1980 para trabalhar na Universidade Estadual de Campinas, e a convite de D. Paulo Evaristo Arns, acaba indo trabalhar na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), no Programa de Estudos Pós-graduados em Educação.

Em 1980, Freire filia-se ao Partido dos Trabalhadores (PT), e segundo Gadotti (2000), este contato com o PT e com a situação da classe trabalhadora brasileira deu um novo

rigor ao pensamento de Freire, podendo-se dividi-lo em duas fases distintas e complementares: O Paulo Freire latino-americano (décadas 60-70), autor de *Pedagogia do Oprimido*, e o Paulo Freire cidadão do mundo (décadas 80-90), dos livros dialogados, e de sua experiência pelo mundo.

Nos anos de 80, Freire engajou-se sobretudo na luta pela escola pública de qualidade para todos – a escola pública popular, que culmina na ação que realizou, entre 1989 e 1991, junto a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo e no livro “*A educação na cidade*” (1991). Este livro retrata a luta concreta pela transformação de um sistema educacional burocrático e obsoleto, e no qual ele declara que “mudar é difícil, mas é possível e urgente” (GADOTTI, 2000).

Mesmo com a morte de sua esposa Elza em outubro de 1986, Freire não abandona o seu compromisso com a educação e a mudança, e aos seus 65 anos continua suas atividades acadêmicas, dando aulas, ministrando cursos especiais, orientando teses e fazendo conferências, o que mostra sua enorme vitalidade e produtividade.

Em 1988 casa-se com Ana Maria Hasche, uma ex-aluna também viúva e com 54 anos, que como Elza o acompanha e incentiva.

No início da década de 1990, Freire restabelece os conselhos de escola e os grêmios estudantis e dá início a um Movimento de Alfabetização da Cidade de São Paulo - MOVA, um projeto em parceria com os movimentos populares e populares da capital que criaram, para isso, o “*Fórum dos movimentos populares de alfabetização de adultos da cidade de São Paulo*”, interrompido pela nova administração da Secretaria da Educação em 1993.

Nestes primeiros anos da década de 90, Freire publicou importantes obras como: “*Pedagogia da esperança*” (1992), que mostra o pensamento de Paulo Freire como um pensamento internacional e transdisciplinar, ou seja, mostra que seu pensamento não se limita à teoria educacional, e sim penetra em áreas muito distintas, como as áreas das ciências sociais e das ciências empírico-analíticas, mas sem deixar de ser o educador. E é a partir do ponto de vista do educador que funda sua visão humanista-internacionalista (socialista), sendo ao mesmo tempo homem do diálogo e do conflito (GADOTTI, 2000).

Em 1993 publica “*Professora sim, tia não*”, em 1994: “*Cartas a Cristina*” e em 1995, “*À sombra desta mangueira*”. São obras que revelam um Paulo Freire mais literário e poético e um pensamento analítico-histórico e em evolução permanente.

Em 1996, Paulo escreve seu último livro: “*Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa*”. O conteúdo desta obra é descrito por Edna Castro de

Oliveira no prefácio à 24ª edição, de 2002:

(...) As idéias retomadas nesta obra resgatam de forma atualizada, leve, criativa, provocativa, corajosa e esperançosa, questões que no dia a dia do professor continuam a instigar o conflito e o debate entre os educadores e as educadoras. (...) a sensibilidade com que Freire problematiza e toca o educador aponta para a dimensão estética de sua prática que, por isso mesmo pode ser movida pelo desejo e vivida com alegria, sem abrir mão do sonho, do rigor, da seriedade e da simplicidade inerente ao saber-da-competência.

Paulo Freire falece em São Paulo/SP a 2 de maio de 1997. Mas entre dezembro de 1996, quando publicou *“Pedagogia da autonomia”*, e maio de 1997, Freire não ficou sem colocar suas idéias no papel e então em 2000, sua esposa Ana Maria Araújo Freire publica *“Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos”* de Paulo Freire.

Esta obra trata-se das leituras de muitas *Cartas*, forma de comunicação que Freire mais gostava de utilizar, que falam, discutem e comentam com alegria ou indignação os fatos sobre os quais ele estava construindo o seu novo discurso antropológico-político.

Como diz Ana Maria Araújo Freire (Nita) no prefácio à 3ª edição brasileira de *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos* (2000):

(...) Somente quando ficou claro pra mim tudo o que em mim se passava é que foi possível entender que era necessário enfrentar as emoções – e ler as Cartas. Depois de analisadas sob a perspectiva de sua incompletude é que tive certeza que deveria publicá-las, que não poderia sonegar este legítimo direito dos estudiosos(as) de Paulo e, sobre tudo dele próprio. Esses escritos, compreendi, são fundamentais para quem estuda a obra freireana tanto por neles estarem, de fato, as suas últimas reflexões críticas, como pela importância e modo de abordagem dos temas tratados. (...) Por fim, quero que os leitores e leitoras de Paulo não considerem esta “uma obra póstuma” dele, como tanto se fazia e algumas vezes ainda se faz. Prefiro que esta seja considerada como a obra que celebra a sua VIDA.

4.2 O PENSAMENTO DE PAULO FREIRE

Paulo Freire, sem dúvida alguma, foi um educador humanista e militante e seu pensamento – a sua “teoria do conhecimento” – só pode ser entendida no contexto em que surgiu, ou seja, no início da década de 50, época em que pensava-se na Educação para Adultos como pura reposição dos conteúdos transmitidos à crianças e jovens.

Já Freire pensou num método de educação baseado no diálogo, que consiste em uma

relação horizontal e não vertical entre as pessoas. Trabalha teoricamente a partir da realidade, ou seja, pensa a realidade e a ação sobre ela, sendo metodologicamente um pensamento sempre atual que ganha força devido à compreensão política que traz em seu contexto.

Segundo Gadotti (2000), todo o pensamento de Freire tem uma relação direta com a realidade, essa é sua marca. Nunca se comprometendo com esquemas burocráticos, sejam os esquemas do poder político ou os esquemas do poder acadêmico, comprometeu-se acima de tudo com a realidade a ser transformada.

(...) Paulo Freire pode ser visto como cientista ou como educador, contudo estas duas visões não supõem uma outra: Paulo Freire não se separa da política, deve ser considerado também como político. Esta é a dimensão mais importante de sua obra, ele não pensa a realidade como um sociólogo, que procura apenas entendê-la. Ele busca, nas ciências (sociais e naturais), elementos para, compreendendo mais cientificamente a realidade, poder intervir de forma mais eficaz nela. Por isso ele pensa a educação ao mesmo tempo como **ato político**, como **ato de conhecimento** e como **ato criador** (GADOTTI, 2000, p.8)

Freire reconhece que a idéia de democracia deve ser construída pela base e que o despertar para a consciência crítica ocorre quando o oprimido começa a reconhecer a sua própria dignidade. A denominação de oprimido aparece primeiramente em sua obra “*Pedagogia do oprimido*”, como condição enfrentada por milhares de brasileiros que vivem em miséria absoluta. Mas o significado universal de sua obra reside no fato de que a relação oprimido-opressor ocorre mundialmente, em maior ou menor grau, e, por isto, não é apenas uma pedagogia “terceiro mundista”, e as mais variadas experiências enriquecem esta teoria.

O ponto central de sua concepção educativa, desde as suas primeiras obras, está na libertação como o fim da educação, ou seja, a finalidade da educação é libertar-se da realidade opressiva e da injustiça, tarefa que considera permanente e infundável. Esta educação voltada para a liberdade visa a transformação radical da realidade para torná-la humana e permitir que homens e mulheres sejam reconhecidos como sujeitos da sua história e não como objetos. O mundo que nos rodeia é um mundo inacabado e isso implica a denúncia da realidade opressiva, da realidade injusta, inacabada e o anúncio de uma outra realidade através de crítica transformadora.

O anúncio é a necessidade de criar uma nova realidade, que é a utopia do educador. A utopia se situa no horizonte de experiência vivida. Em Paulo Freire, a realidade projetada (utopia) funciona como dinamismo de seu pensamento agindo diretamente sobre a práxis, logo, para ele não há uma teoria separada da prática.

De acordo com Gadotti (1991), não se poderia falar em “método Paulo Freire”, pois se trata muito mais de uma teoria do conhecimento e de uma filosofia da educação do que um método de ensino, e sendo mais preciso, deveria-se chamar a esse “método” de “sistema”, “filosofia” ou “teoria do conhecimento”. Para o autor a filosofia é fundamentalmente uma atitude que o homem toma diante da realidade, refletindo criticamente sobre ela e o refletir é o ato de se retomar, reconsiderar os dados disponíveis, revisar, vasculhar em uma constante busca de significado, é examinar detidamente, prestar atenção, avaliar com cuidado.

O pensamento de Paulo Freire é por muitos considerado um pensamento utópico, mas não utópico no sentido de definitivamente irrealizável. Para ele a utopia não é idealismo, é a dialetização, ou seja, o ato de denunciar a estrutura desumanizante e de anunciar a estrutura humanizante. Por esta razão, para Freire a utopia também é compromisso histórico.

Gadotti (2000) coloca que ao sustentar uma abordagem educativa no aluno, partindo de sua realidade e enfatizando a discussão, o diálogo, a comunicação, Paulo Freire respeita o conhecimento do aluno e sua autonomia, com capacidade para assumir a sua própria aprendizagem.

Demonstra ainda que é claramente visível que sua prática pedagógica tem muito a ver com a sua religiosidade e no movimento socialista cristão das décadas de 50 e 60. A consciência política dessa prática o fez perceber que era inviável a neutralidade por ser educador e por ser cristão, tornando-se desta forma um ser político.

A influência da Igreja Católica marcou tanto a sua prática (foi militante no movimento de ação católica) quanto suas idéias pedagógicas, onde atribuía ao cristianismo um valor progressista: dizia que a Igreja Profética é a Igreja da Esperança, a esperança que só existe no futuro, futuro que só as classes oprimidas têm, uma vez que o futuro das classes dominantes é a pura repetição de seu presente de opressores.

O pensamento de Freire pode ser relacionado com o de muitos educadores contemporâneos: como Pichon-Riviére, psicólogo suíço que atuou na Argentina, detentor de um pensamento aberto, não-etnocêntrico, não-autoritário e que também busca a transformação através da consciência crítica. O educador americano Theodore Brameld, assimila-se a Freire pelo seu enfoque na ênfase no diálogo entre educador e educando, a relação entre política e educação e a aquisição de conhecimento como fator social.

Outro paralelo que se pode fazer é entre as obras de Freire com as de Enrique Dussel, um dos teóricos da Teologia da Libertação, onde ambos destacam a importância do papel do próprio oprimido na luta libertadora. Alguns ainda o aproximam do educador japonês Januz

Korczak que morreu com duzentos alunos numa câmara de gás nazista, tornando-se exemplo lendário de uma pedagogia centrada no amor, na autosugestão e no anti-autoritarismo. (GADOTTI, 2000).

Encontramos também grande afinidade de Freire com o revolucionário educador francês Celestin Freinet, que utilizava-se de um método global de alfabetização associando a leitura da palavra à leitura do mundo. Assim como Freire acreditava na capacidade do aluno em organizar sua própria aprendizagem.

Os pensamentos freireanos são compartilhados por muitos estudiosos e educadores, e inversamente encontramos muito das concepções destes autores no pensamento de Freire, como é o caso do grande educador socialista polonês Bogdan Suchodolski, que confessou compartilhar das idéias de Paulo Freire, enquanto este nutria uma admiração pessoal, chamando-o carinhosamente de o “último humanista” do século.

Muitos outros filósofos e educadores identificam-se com Freire, como Pierre Bovet que acreditou no papel político de uma educação para a paz, e Carl Rogers que defendia a liberdade de expressão individual, com a crença na possibilidade de os homens resolverem, eles próprios, seus problemas, desde que motivados interiormente para isso.

Paulo Freire era também grande admirador da pedagogia de Anísio Teixeira, do qual considerava-se discípulo e com o qual concordava na denúncia do excessivo centralismo, ligado ao autoritarismo e ao elitismo da educação brasileira. Teixeira introduziu no Brasil o pensamento de John Dewey, que como Freire, insiste no conhecimento da vida da comunidade local, sem o qual não é possível ensinar. Mas Dewey difere de Freire na noção de cultura, que neste caso não envolve a problemática social, racial e étnica, ao passo que na concepção freireana, ela adquire uma conotação antropológica, já que a ação educativa é sempre situada na cultura do aluno.

Embora Freire e o grande educador e lingüista soviético Lev Vygotsky tenham vivido em tempos e hemisférios diferentes, a abordagem de ambos enfatiza aspectos fundamentais, relativos a mudanças sociais e educacionais que se interpenetram. Enquanto Vygotsky enfoca a dinâmica psicológica, Freire se concentra no desenvolvimento de estratégias pedagógicas e na análise da linguagem. E mesmo em épocas e lugares diferentes, ambos perceberam a necessidade de associar a conquista da palavra à conquista da história.

Ainda podemos citar Anton Semiónovitch Makarenko, educador na década de 20 e 30, de crianças e jovens abandonados, onde características como a humildade, a simplicidade e o otimismo são comuns ao educador Freire.

A filosofia de Freire nutre-se de obras de autores como Gramsci, Kosita e Habermas que se reflete nos diálogos para educadores dos Estados Unidos da América, na década de 80, adotando a tese marxista de que o educador precisa ser educado, educando suas próprias determinações, conhecendo-as para poder agir sobre elas.

Além do marxismo, a pedagogia problematizadora de Freire aproxima-se também da fenomenologia onde a descrição da realidade tem como ponto de partida para a reflexão o próprio homem, procurando encontrar o que é realmente dado na experiência e descrevendo o que se passa no ponto de vista daquele que vive determinada situação concreta.

Percebe-se ainda ter aproximações com o existencialismo, cuja corrente de pensamento baseia-se no homem que se constrói e que pode ser sujeito quando integrado em seu contexto, que reflete sobre ele e com ele se compromete, buscando a integração do conhecimento com o vivido, por intermédio da interação entre homem e mundo, entre sujeito e objeto. A realização de um trabalho de conscientização ocorre em um processo de tomada de consciência crítica de uma realidade que se desvela progressivamente.

Paulo Freire quando desenvolveu a “Teoria da Problematização” não pensou em ensinar letras e palavras, buscou construir uma pedagogia comprometida com a vida e com a existência humana, que valoriza o cotidiano e as experiências de vida do indivíduo/coletividade, que através do retomar reflexivo buscam a transformação da realidade.

(...) A partir de sua prática, Freire criou o método, que o tornaria conhecido no mundo, fundado no princípio de que o processo educacional deve partir da realidade que cerca o educando. Não basta saber ler que “Eva viu a uva”, diz ele. É preciso compreender qual posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho (GADOTTI, 2000, p.2)

O método de Paulo Freire parte sempre das fontes culturais e históricas dos indivíduos, e o profissional deve sempre ser um inventor e re-inventor constante, em que educandos e educadores são mediatizados pelo objeto a ser desvelado. Devem ter uma atitude crítica em torno do objeto e não um discurso do profissional sobre o objeto. Nesta relação educando/educador ambos são curiosos acerca da análise do tema problematizado, sem transferência de conhecimento do educador ao educando. Para Wosny (1994) o que se estabelece é uma parceria de pessoas em relação dialógica num itinerário que questiona a natureza do conteúdo temático de forma que, além da apreensão, ocorre a possibilidade de produção conjunta de conhecimento.

Para desenvolver o processo educativo, Freire propôs um itinerário metodológico de pesquisa que ficou conhecido mundialmente como Círculo de Cultura, um tipo especial de grupo que reúne pessoas que vivenciam problemas ou situações semelhantes. Aqui encontra-se o animador (educador), que é a pessoa do grupo que vai se colocar e ser colocada como organizador das questões básicas para o encontro e os encaminhamentos que surgirem das relações e convívio dos componentes do Círculo de Cultura (Wosny, 1994, Saupe et al., 1996).

Neste *itinerário de pesquisa*, Freire procura resgatar a capacidade crítica de educadores e educandos, onde ambos crescem e aprendem juntos, concebendo o educador como aquele que proporciona aos educandos, as condições em que se dê a superação das limitações em busca do verdadeiro conhecimento. (Freire, 1991; Luz, 2001)

Este itinerário metodológico, conforme Gadotti (2000) consiste de três momentos dialética e interdisciplinarmente entrelaçados: a investigação temática, a tematização e a problematização. Cada momento será descrito detalhadamente no item metodologia, embora as etapas de utilização do mesmo, venham sendo modificadas para adaptar-se às mais divergentes linhas de atuação. Segundo Gadotti (2000, p.7):

(...) Os inúmeros leitores de Paulo Freire buscam em sua obra respostas às mais variadas questões. Por isso, ela pode ser lida de diferentes maneiras, segundo o interesse do leitor. Mas todas elas se encontram numa concepção filosófica e metodológica particular do autor.

4.3 A EDUCAÇÃO DIALÓGICA E PROBLEMATIZADORA DE PAULO FREIRE

Paulo Freire tem um modo dialético de pensar, onde nunca se separa a teoria da prática, e no qual o conhecimento desempenha um papel emancipador. Sua proposta pedagógica fundamenta-se nas ciências da educação, principalmente a psicologia e a sociologia, e a metodologia das ciências sociais, que se situam no âmbito de uma visão libertadora, problematizadora e histórico-crítica. Seu conteúdo programático não se trata de uma doação ou imposição de informações, mas a devolução destas de forma organizada, sistematizada e acrescentada de visão crítica.

Heidemann (1994) coloca que o processo pedagógico libertador de Paulo Freire é *Pedagógico* porque estabelece a “educação” como o processo possível ao partilhamento do conhecimento vivenciado com o mundo e do mundo entre os homens, não só pela troca

objetiva de conhecer o cognicível, mas também pela transcendência que este conhecer permite. *Libertador* porque conhecer o cognicível implica também em consciência crítica deste. Na medida em que os homens criticizam, libertam-se na transformação e construção de si mesmos e do mundo. *Educação Problematizadora* porque, a nível da consciência dos sujeitos, implica sempre num ato de desvelamento da realidade – tendo como elemento crítico o diálogo – na medida em que resgata de suas próprias histórias enquanto autores e atores sociais, isto é, sua “práxis”.

Paulo Freire em seu livro “*Educação como prática da liberdade*” procura mostrar qual é o papel da educação, do ponto de vista do oprimido, na construção de uma sociedade democrática ou “sociedade aberta”. Para ele, a educação é um momento do processo de humanização, portanto sendo possível engajar a educação no processo de conscientização e de movimento de massas. Nesta obra Freire também desenvolve o conceito de “consciência transitiva crítica”, entendendo-a como a consciência articulada com a práxis, e que para alcançar esta consciência, que é ao mesmo tempo desafiadora e transformadora, são imprescindíveis o diálogo crítico, a fala e a convivência.

o diálogo é uma exigência existencial, é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado(...) (FREIRE, 1987, p.79)

Na concepção de Freire, o diálogo é uma relação horizontal, que nutre-se de amor, humildade, esperança, fé e confiança. Para ele a primeira virtude do diálogo consiste no respeito aos educandos, não somente enquanto indivíduos, mas também enquanto expressões de uma prática social. Outra virtude fundamental é escutar as exigências e opções do educando. Há ainda outra que é a tolerância, que é a virtude de conviver com o diferente para poder brigar com o antagônico (FREIRE, 2002).

Estas concepções sobre diálogo contrastam diretamente com o diálogo proposto pelas elites, que é vertical, que forma o educando-massa, impossibilitando-o de se manifestar. E neste suposto diálogo, cabe ao educando apenas escutar e obedecer. E neste caso, segundo Gadotti (2000), para passar da consciência ingênua à consciência crítica, é necessário um longo percurso, no qual o educando rejeita a hospedagem do opressor dentro de si, que faz com que ele se considere ignorante e incapaz. É o caminho de sua auto-afirmação enquanto sujeito.

Na proposta pedagógica de Freire, a liberdade do educando não é proibida de

exercer-se, pois essa opção não é na verdade pedagógica, segundo o autor, é política, o que faz do educador um político e um artista, e não uma pessoa neutra.

Em “*Pedagogia do Oprimido*”, Freire consegue completar suas concepções pedagógicas acerca das diferenças entre a “pedagogia do colonizador” e a “pedagogia do oprimido”. Com essa ótica de classe mais definida, onde evidencia-se os que oprimem e os que são oprimidos, Freire concebe dois tipos de educação: a educação bancária, representada pela pedagogia burguesa do colonizador e a educação problematizadora, que parte dos oprimidos.

Na educação bancária (burguesa), a educação é entendida como um instrumento de opressão, para levar o homem ao ajustamento, a adaptação, anulando o poder criador dos educandos, estimulando sua ingenuidade e não a criticidade, negando sua ontológica vocação de *ser mais*. (FREIRE, 1987).

Na verdade, o que pretendem os opressores é transformar a mentalidade dos oprimidos e não a situação que os oprime, e isto para que, melhor adaptando-os a esta situação, melhor os dominem (FREIRE, 1987, p. 60)

Nesta concepção bancária, predominam relações narradoras, dissertadoras, e tem por finalidade manter a divisão entre “os que sabem” e “os que não sabem”, entre os oprimidos e os opressores. Ela nega a dialogicidade (WOSNY, 1994; GADOTTI, 2000).

Na visão bancária da educação, o saber é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo o qual esta se encontra sempre no outro. O educador, que aliena a ignorância, se mantém em posições fixas, invariáveis. Será sempre o que sabe, enquanto os educandos serão sempre os que não sabem. A rigidez destas posições nega a educação e o conhecimento como processos de busca (FREIRE, 1987, p. 58)

Já a educação problematizadora funda-se justamente na relação dialógico-dialética entre educador e educando, onde ambos aprendem juntos. Incentiva a criatividade e estimula a reflexão e a ação verdadeiras dos homens sobre a realidade, responde à sua vocação, como seres que não podem autenticar-se fora da busca e da transformação criadora. Desta forma, a educação problematizadora implica num esforço permanente através do qual os homens vão percebendo, criticamente, como *estão sendo* no mundo *com que e em que* se acham (FREIRE, 1987).

Na concepção problematizadora de Freire, a ação do educador deve estar infundida na profunda crença nos homens e em seu poder criador. Deve ser um companheiro dos educandos, em suas relações com estes. O educador não pode efetuar a mudança sem conhecer o mundo que cerca o educando, suas relações com o mundo e sua visão deste, sem confronta-los com a realidade. Freire concebe o educador como aquele que proporciona aos educandos, as condições em que se dê a superação das limitações em busca do verdadeiro conhecimento. (FREIRE, 1987; LUZ, 2001)

Esta prática implica, que o acercamento às massas populares se faça, não para levar-lhes uma mensagem “salvadora”, em forma de conteúdo a ser depositado, mas, para, em diálogo com elas, conhecer, não só a objetividade em que estão, mas a consciência que tenham desta objetividade; os vários níveis de percepção de si mesmos e do mundo em que e com que estão (FREIRE, 1987, p. 86)

Para Saupe *et al* (1996), Paulo Freire ultrapassa o campo específico da educação para o mundo dos homens, utilizando um método capaz de viabilizar o processo de crescimento da organização e consciência política da comunidade, visando sempre a transformação.

E de acordo com Wosny (1994) a metodologia de Freire, não se trata apenas de um *itinerário de pesquisa*, um roteiro instrucional que se aplica num determinado projeto, é sobretudo, uma forma de evidenciar os conflitos, pois considera que o processo educativo é acima de tudo um processo de politização.

Freire não é um autor no qual se possa buscar idéias feitas, respostas prontas para nossos problemas, como as receitas de cozinha. (...) O significado mais profundo de sua obra é o de nos fornecer pistas, linhas de partida, para os caminhos a descobrir, na construção do futuro. (...) Seus escritos representam um desafio à nossa reflexão crítica, à nossa criatividade, e um apelo à nossa ação, mais do que resposta às nossas indagações. Sua concepção de uma pedagogia aberta, fiel à realidade sempre tão diferente e complexa de cada comunidade, não permite uma sistematização definitiva (ANDREOLA apud GADOTTI, 2000, p. 13).

A implementação do método de alfabetização de Freire, no interior do Movimento de Cultura Popular do Recife, época em foi criado o “Círculo de Cultura”, foi muito importante no desenvolvimento posterior da obra de Paulo Freire, demonstrando que a forma de trabalhar, o **processo** do ato de aprender, era determinante em relação ao próprio **conteúdo** da aprendizagem.

Gadotti (2000) coloca que os métodos desenvolvidos por Freire, baseados na

participação do sujeito na aprendizagem e no processo de construção do conhecimento, não é apenas algo mais democrático, mas demonstrou ser também eficaz. Ao contrário da concepção tradicional da escola, que se apoiava em métodos centrados na autoridade do professor, Paulo Freire comprovou que os métodos novos, em que alunos e professores aprendem juntos, são mais eficientes.

Na Educação Problematicadora o homem é percebido como ser consciente capaz de ser mais, autor de sua história, com autonomia e capacidade de libertação. Com isso, a Problematicadora passa a ser uma forma de transformação social, sendo cada vez mais utilizada por outras áreas, além da educação.

Percebe-se uma empatia muito forte entre a enfermagem e a Educação Problematicadora, que vem, cada vez mais, em muitos serviços, fundamentando a prática destes profissionais, desde locais de atendimento a comunidade, até escolas de formação em enfermagem. Esta atuação envolve a compreensão da relação homem/ coletividade com o mundo, o que influencia o processo saúde- doença. Também percebe e valoriza a influência do homem sobre sua vida e sobre as questões sociais, buscando contribuir através da educação em saúde para o desenvolvimento de uma reflexão crítica que fundamente a decisão consciente. É um compromisso profissional com a libertação, a busca juntamente com a população, do enfrentamento de suas dificuldades individuais e coletivas, fazendo-se respeitar os direitos de cidadãos.

Fazendo-se um levantamento nos registros das dissertações e teses registradas na Pós- Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina, encontramos mais de 30 dissertações de mestrado que utilizaram Paulo Freire como referencial teórico, nas diversas áreas de abrangência destes profissionais. Destacam-se trabalhos com grupos de mulheres para o cuidado na gestação, com crianças, com pacientes em período pré-operatório, grupos de alcoólicos, sobre a atuação do próprio profissional de enfermagem em diversos setores de atendimento, sobre o cuidado humanizado, enfim, todos com uma abordagem educativa apoiada no pensamento crítico em busca de transformações da realidade que se mostra.

Saupe e colaboradores (1998) nas leituras dos trabalhos desenvolvidos pelos profissionais enfermeiros percebem a esperança destes em transformar a sociedade em que estão “convivendo” e “contextualizando” na busca de uma nova sociedade, mais humana e igualitária. Isto é detectado pela crescente presença de trabalhos que utilizam-se das concepções de Freire na abordagem das questões educativas que compõem o papel do

enfermeiro enquanto educador, mais especificamente em programas de educação informal ou não formal. Embora não seja enfermeira, encontro-me a caminho de tornar-me uma profissional da área da saúde, e neste contexto, coloco-me como educadora, mediadora das discussões sobre saúde junto à comunidade, pretendendo preservar os princípios que norteiam as ações da enfermagem.

Para a Enfermagem e, acredito que para outros profissionais da saúde, a Teoria de Paulo Freire amplia a discussão sobre posturas filosóficas e conceituais que servem para a prática tornando-a uma práxis transformadora. Deste modo permite abordar o processo educativo desenvolvido junto aos sujeitos/família sob o ponto de vista de transformação dos determinantes de fatores sociais alterando a configuração dos agravos à saúde. Por outro lado, permite que a enfermagem afaste-se do caráter caritativo e da concepção hegemônica do cuidado à saúde, pois permite que os profissionais percebam-se como agentes da saúde dos outros e também da sua.

4.4 CONCEITOS

Além dos pressupostos teóricos e metodológicos reconheci nos trabalhos e Teorias de Enfermagem a presença de alguns conceitos que dão suporte e direção a sua prática profissional, entre eles destacam-se: ser humano, saúde/doença, cuidado, enfermagem e ambiente. Embora apresentados separadamente, na realidade durante todo o processo educativo e de cuidado, mantém-se intimamente inter-relacionados. Entre todos os conceitos acima citados, os discutidos por Freire e outros autores do tema, escolhemos para subsidiar este trabalho: ser humano, diálogo, pensamento crítico, saúde, cultura, meio-ambiente, desenvolvimento sustentável e educação popular em saúde.

A construção dos conceitos e pressupostos está fundamentada nas concepções de Paulo Freire somando-se à minhas crenças e valores adquiridos durante a vida pessoal e profissional. Os conceitos podem ter significados diferentes e isto dependerá das percepção das pessoas, de suas experiências e vivências e também podem se modificar conforme adquirimos novos conhecimentos e exercitamos a reflexão crítica.

Acredito que o marco conceitual além ser uma referência para a prática, auxiliando na compreensão do que é importante observar, auxilia na interpretação do que é vivenciado.

Ser humano: “são seres históricos, seres que estão sendo, como seres inacabados, inconclusos, *em e com* uma realidade que sendo histórica, também é igualmente inacabada. Diferem dos outros animais por se saberem inacabados, tem a consciência de sua inconclusão. São seres capazes de criar, recriar, refletir, transformar a si e a realidade em que vive” (FREIRE, 1987, p. 72/73).

Neste trabalho, o ser humano trata-se de moradores de área rural, muitos deles ex-acampados do movimento MST, onde por longos períodos de luta por terra, passaram por muitas dificuldades e sofrimentos, vivendo em lonas, e nos últimos anos com a reforma agrária conquistaram o direito à terra. São pessoas que desejam ser mais, que estão em busca de uma identidade, de uma nova vida, mais digna e com cidadania. A

Além dos agricultores assentados fazem parte deste estudo agricultores tradicionais e moradores de diversos segmentos da comunidade local, pessoas interessadas em adquirir mais conhecimentos para transformar sua vida numa vida mais saudável assim como poder contribuir para que outros também consigam alcançar estes objetivos.

O educador (a) também é um ser humano importante neste estudo, que possui sensibilidade, coragem, anseios, amor, e que educa-cuidando conforme os ensinamentos adquiridos em sua vida pessoal, mediatizados por suas crenças, valores, cultura e também pelos conhecimentos adquiridos na formação profissional. Este ser humano é o mediador deste processo educativo, interagindo com as pessoas da comunidade, outros profissionais e consigo mesmo.

Diálogo: “é uma exigência existencial, é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado. (...) É um ato de criação, é o encontro dos homens para *ser mais*. Não se manifesta somente pela linguagem falada, mas pelo ouvir e sentir. Na concepção de Freire, o diálogo nutre-se de amor, humildade, fé, esperança e confiança” (FREIRE, 1987, p. 79/82).

O **diálogo** é parte da natureza humana, selando o relacionamento entre sujeitos cognitivos. Ele é libertador, é uma comunicação democrática horizontal, que invalida a dominação reafirmando a liberdade dos participantes de refazer sua cultura. A palavra no diálogo é ação- reflexão capaz de transformar o mundo (FREIRE, 2001).

Para que ocorresse o diálogo de forma horizontal, o educador representado por mim neste trabalho, precisou primeiramente propiciar um espaço de diálogo, motivando e animando os educandos para este diálogo, valorizando seus conhecimento, idéias e opiniões,

emergidos de sua realidade, que então foram teorizados e problematizados em busca do alcance do desenvolvimento das potencialidades de crescimento individual e coletivo.

Pensamento crítico: Modo de pensar e ver a realidade com criticidade. Substitui situações ou explicações mágicas por princípios autênticos de causalidade. É indagador, investiga, força, choca, ama o diálogo, aceita o novo, não repele o passado. Está sempre disposto às revisões. “...Pensar que percebe a realidade como processo, que capta em constante devenir e não como algo estático. Não se dicotomiza a si mesmo na ação. “Banha-se” permanentemente de temporalidade cujos riscos não teme”. (Freire, 1987, p. 82).

A ação do homem só tem sentido se for compromissada com a realidade. O homem existe, está inserido no mundo e toma conhecimento deste mundo, sendo até capaz de modificá-lo. Esta ação modificadora torna-se impossível, se ele estiver imerso e acomodado a este mundo e for incapaz de distanciar-se dele para admirá-lo e perceber o seu conjunto. Este ato de refletir “distante” da realidade faz o homem perceber que a realidade é mutável e, a partir desta visão crítica da realidade, torna-se capaz de assumir seu compromisso e modificar o mundo em que vive (FREIRE, 1983).

O pensamento crítico neste estudo será aplicado para que os moradores rurais percebam as questões que influenciam positivamente e negativamente em sua saúde e então possam refletir sobre as possibilidades de mudança de hábitos e comportamentos individuais e/ou coletivos em busca de uma melhor qualidade de vida.

Saúde: é um processo natural e dinâmico dos seres vivos determinado pelos domínios: biológico, físico, mental, cultural e espiritual e suas relações com os outros seres e o ambiente. Na concepção deste trabalho, o ser saudável é estabelecido pelo próprio indivíduo para sua condição de estar/ sentir-se bem, e a saúde não é vista como o oposto da doença.

Para que os moradores rurais alcancem esta condição de “ser saudável” é necessário que interajam com o ambiente e que estejam dispostos a compartilhar experiências, sentimentos e desenvolver potencialidades para a superação de problemáticas reais e não a adaptação ao momento vivido.

Cultura: É construída no dia a dia, no encontro das semelhanças e diferenças do homem, dentro da visão que ele tem da sua própria cultura e realidade, pois é uma forma de

compreender seu mundo e se expressar no mundo ”; “é tudo o que é criado e re-criado pelo homem. Consiste em re-criar e não repetir. (...) é o processo de transformação do mundo pelo trabalho. (...) se co-substanciando na criação de um outro mundo; o mundo da cultura que se alonga no mundo da história” (Freire, 1981, p. 15).

Na realidade desta prática educativa, a cultura está em processo de construção e comunhão, pois trata-se de uma comunidade oriunda de locais diversificados e portanto trazendo crenças e experiências múltiplas. Mas ao mesmo tempo em que este fato prejudica a interação de pensamentos e ações, favorece a comunidade no incremento de conhecimentos que traz, sendo possível aproveitar-se desta diversidade cultural desde que as pessoas estejam dispostas ou sejam estimuladas a trocar experiências e vivências.

Meio Ambiente: Envolve todo o conjunto de condições, leis, influências e interações internas e externas de ordem física, química e biológica, que permite, abriga e rege a vida em todas as suas formas. Proporciona ao ser humano relacionar-se com outros seres, outro ser humano, com grupos e com a sociedade como um todo. Portanto exerce caráter relacional, organizacional e dialógico, como resultado das relações entre duas organizações com lógicas distintas: uma ecológica (natureza) e outra cultural (sociedade), cada uma com um poder, e portanto ambiente também é uma relação de poder (SILVA, 1998, p.203).

O ambiente deste trabalho é representado por tudo que cerca estes moradores de área rural, partindo do interior de sua casa, comunidade, natureza, mundo, e abrangendo todas as suas formas de relações. Por compreender o contexto físico, social, cultural, econômico e político, onde o ser humano insere-se e interage, é transformado por ele e o transforma, num processo dinâmico e contínuo.

Desenvolvimento sustentável: Um desenvolvimento que satisfaz às necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazer às suas. A promoção do Desenvolvimento Sustentável é assumida como um processo de capacitação das pessoas, pois a elas é dirigido o novo estilo de desenvolvimento e cabe a elas mudar as lógicas de intervenção pessoal e coletiva na natureza. (SILVA, 1998, p.17).

No contexto deste estudo, o conceito de desenvolvimento sustentável será discutido e debatido entre os participantes, e então de forma conjunta e participativa, serão identificados os principais pontos problemáticos das questões ambientais e então buscar-se-á meios de superação.

Educação popular em saúde: é um modo de participação de profissionais (professores, padres, cientistas sociais, profissionais da saúde e outros) num trabalho educativo e político, buscando trabalhar pedagogicamente o homem e/ou grupos na promoção e crescimento da capacidade de análise crítica sobre a realidade e o aperfeiçoamento das capacidades e estratégias de luta e compreensão dos problemas de saúde e suas soluções. Educação baseada no diálogo, ou seja, na troca de saberes entre o saber científico e o popular (VASCONCELOS, 1997).

Assim como Brandão (1995), acredito que a educação se dá em todo lugar e em todos os dias, não sendo possível separar a nossa vida da educação. Ela é inerente ao ser humano, é nossa companheira em todos os momentos da vida, estamos sempre ensinando e aprendendo.

4.5 PRESSUPOSTOS DA TEORIA PROBLEMATIZADORA

- “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1987, p. 68).
- “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho, os homens se libertam em comunhão” (FREIRE, 1987, p. 52).
- Para o homem o mundo é uma realidade objetiva, independente dele, possível de ser conhecida. O homem não apenas *está* no mundo, mas *com* o mundo.
- “O homem é um ser inconcluso, e consciente de sua inconclusão, está em constante movimento de busca do *ser mais*” (FREIRE, 1987, p. 72).
- Os homens tem o poder de fazer, de criar, de transformar.
- O educando é capaz de assumir a sua própria aprendizagem, de transcender situações-limite e possui forças de crescimento e auto-avaliação.
- “A ação do educador deve identificar-se desde logo com a dos educandos, devendo orientar-se no sentido da humanização de ambos” (FREIRE, 1987, p. 62).
- O educador deve ser aquele que proporciona aos educandos, as condições em que se dê a superação das limitações em busca do verdadeiro conhecimento, sendo imprescindíveis o diálogo, a fala e a convivência, estimulando a capacidade reflexiva do grupo a tomarem consciência de suas potencialidades para enfrentarem seus

problemas cotidianos, voltados principalmente para a melhoria de suas condições de vida.

➤ “O educador deve ser um companheiro dos educandos, em suas relações com estes” (FREIRE, 1987, p. 62).

➤ O educador deve banhar-se de respeito, ética, coragem, flexibilidade, interesse, rigorosidade metodológica, criticidade, bom senso, humildade, tolerância, alegria e esperança, curiosidade, segurança, consciência do inacabamento, generosidade, assim como deve estar disponível ao diálogo, querer bem os educandos, compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo, ou seja, ver a educação como "*ato amoroso*" - "ato" como ação, prática, libertação, e "amoroso" como bem-querer, confiança e reciprocidade (FREIRE, 1987).

➤ A educação é um processo de formação mútua e permanente, e que deve permitir uma leitura crítica do mundo.

➤ Somente conhecendo o indivíduo e suas circunstâncias é possível uma ação eficiente em saúde (BRICEÑO-LEON, 1996).

➤ Ninguém pode cuidar da saúde do outro se este não quer fazê-lo por si mesmo (BRICEÑO-LEON, 1996).

4.6 PRESSUPOSTOS PESSOAIS

➤ A educação em saúde e meio ambiente, a partir da formação de um Círculo de Cultura, proporciona uma interação entre educador (animador) e educandos (moradoras rurais), vivenciando a troca e reflexão de saberes populares e científicos que culmina na produção de um novo conhecimento.

➤ A educação, voltada para a saúde e meio ambiente, é uma das estratégias que pode capacitar e direcionar o ser humano para sua autonomia na conquista de melhores condições de vida.

➤ Não é possível alcançar a saúde sem um ambiente saudável.

➤ Não há ambiente saudável sem a compreensão do mesmo.

V O CAMINHO METODOLÓGICO

5.1 CONTEXTO DO ESTUDO

Este estudo resultou da prática assistencial desenvolvida durante o percurso como mestranda no ano de 2003, que tratou-se de uma ação educativa de construção de conhecimentos em saúde e meio ambiente desenvolvida no município de Passos Maia/SC.

5.1.1 Caracterização local – Passos Maia/SC

Na década de 1940 surge a comunidade de Passos Maia, localizada no oeste catarinense, resultante do processo migratório de gaúchos e paranaenses descendentes de imigrantes italianos e outras etnias. Estes colonizadores foram atraídos pela rica e extensa Floresta de Araucária da região, dando-se a partir de 1946 o início da exploração da indústria extrativista da madeira. Em 1956 passou a ser distrito de Ponte Serrada, sendo denominado município em 21/12/1991, o qual sua instalação definitivamente ocorreu em 01/01/1993. O município dista 519 km de Florianópolis e encontra-se próximo das cidades de Xanxerê, Faxinal dos Guedes, Ponte Serrada, Água Doce, Abelardo Luz, Vargeão e Irani.

A população do município, no primeiro momento era caracterizada de flutuante tendo em vista sua base extrativista e a construção civil. O último censo realizado em 2002, divulgado pelo governo estadual, demonstra que a população atual corresponde a 5.087 habitantes, distribuída em uma área territorial de 600 km², sendo encontrada na área urbana cerca de 800 habitantes. A população do município de Passos Maia, é constituída de pequenos proprietários urbanos e rurais, latifundiários, pequenos comerciantes e aposentados. As atividades econômicas na região, além do comércio local, estão direcionadas à agropecuária (gado e porco), extração e transformação de madeiras, transportes, serviços públicos e profissionais liberais. As principais atividades agrícolas são constituídas pela cultura de cereais, especialmente milho, feijão e soja, cultiva-se também maçã e erva mate. Mas a derrubada desordenada das matas trouxe também uma crise para o setor madeireiro que levou

à necessidade de uma política de reflorestamento na região.

Paralelo às dificuldades existentes no seu processo de desenvolvimento, o município teve o ônus de abrigar em sua extensão territorial a partir do anos de 1995 até a presente data, 14 áreas de assentamentos e 1 acampamento, provenientes do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST). Esta ocupação se deu pelo fato do município de Passos Maia, na ocasião, compreender grandes latifúndios, onde dentre os 450 produtores rurais apenas 50 correspondiam aos grandes proprietários detentores de 75% da área, a maioria improdutivo.

Em sua totalidade perfazem aproximadamente 490 famílias, constituídas por crianças, jovens e adultos, originários da região do meio oeste catarinense, cuja origem étnica é predominada por poloneses, italianos e caboclos.

Os assentamentos Zumbi dos Palmares, 29 de Julho, 20 de Novembro, Conquista dos Palmares, Maria Rosa, 13 de Junho, União do Oeste, Quiguay e Sapateiro I e II totalizam aproximadamente 360 famílias e os antigos acampamentos 25 de Março, Novo Horizonte, Dentinho e Maria Cristina contam com 130 famílias. O histórico do município em relação à reforma agrária levou ao surgimento de um novo acampamento de sem terra no município, que já conta com cerca de 120 famílias no mês de junho de 2003.

Os assentamentos, Sapateiro I e II, Quiguay e Conquista dos Palmares, embora, estejam fixados em suas propriedades entre 5 a 10 anos, enfrentam muitas dificuldades estruturais e agrícolas. Entretanto, há de se considerar que comparado aos assentamentos locais mais recentes, sobressaem-se em melhores condições. De modo geral, de acordo com informações de especialistas técnicos agrícolas da PMPM, além de terem sido inseridos em local de mata nativa e/ou áreas já degradadas, as terras demarcadas e negociadas pelo INCRA são deficientes, apresentando alta acidez, são rasas e impróprias para a agricultura. O acesso a estas áreas, é dificultado, pois constitui-se de estradas antigas, íngremes e pedregosas. O deslocamento entre a sede do município até os assentamentos, em média correspondem de uma (01) a duas (02) horas de viagem em ônibus gratuito da prefeitura existente para o transporte escolar.

A infra estrutura ainda apresenta grandes deficiências, no que se refere a água, energia, esgoto, lixo e habitação. O abastecimento de água, embora realizado pela CASAN, ainda não supre as reais necessidades da população, tendo em vista a existência de poços artesianos, o que correspondente a 17,82% da população (PMPM,1993). No ano de 2002 iniciou-se um projeto de proteção de fontes e diminuição da distância de acesso à água que visa principalmente a melhoria da qualidade e das condições de uso.

A energia elétrica é fornecida pela CELESC, correspondendo ao abastecimento em média de 68% da população (PMPM,1993). O esgoto, ainda não corresponde ao que poderia se chamar de saneamento básico, é freqüente o uso de fossas rústicas e o hábito de jogar dejetos humanos a "céu aberto". O lixo ainda não apresenta sérios problemas, visualizando-se no município a criação de uma perspectiva ecológica do destino dos resíduos, cujo propicio básico prevê separação e reciclagem. Atualmente o lixo excepcionalmente é jogado nos rios, sendo o orgânico reutilizado nas hortas e, os plásticos, latas e vidros recolhidos pelo sistema de coleta local, os papéis e outros são queimados pelo próprio morador.

5.2 SUJEITOS DO ESTUDO

Os sujeitos participantes deste estudo constitui-se de mulheres entre 18 e 70 anos, pertencentes tanto à área urbana como rural, assim como membros das pastorais e /ou postos de saúde locais que possuem algum conhecimento no uso de plantas medicinais e/ou demonstraram interesse e aceitaram o convite à participação da proposta de trabalho aqui detalhada.

1º Contato

Em visita ao município no dia 11 de abril de 2003, o nosso grupo (formado por mim, o Prof. Antônio de Miranda Wosny, a Profa. Lenize Mattos Lima e alguns alunos de graduação da UFSC) foi recepcionado pelo Prefeito Sr. Ivandre Bocalon e integrantes da EPAGRI que levaram-nos a percorrer grande extensão do município, principalmente a área de assentamentos rurais, para que tivéssemos um primeiro contato com a realidade local. Neste dia visitamos a residência da D. Floraci, conhecida carinhosamente por Dona Flora, moradora assentada a quase 7 anos no local e que já possui um significativo conhecimento da flora medicinal, possuindo várias espécies cultivadas em seu jardim.

Após apresentações pessoais foi exposto a ela minha proposta de estudo e feito um convite a sua participação. D. Flora, que já era conhecida do Prof. Antônio, recebeu-nos carinhosamente e mostrou-se muito entusiasmada em participar dos encontros para a discussão sobre saúde e meio ambiente, propondo-se a convidar algumas amigas que também possuem interesse no uso adequado das plantas medicinais.

Contato institucional

A presente proposta de dissertação de mestrado também contribui com outros dois projetos de educação em saúde e meio ambiente que encontram-se em desenvolvimento no município de Passos Maia. Os projetos em questão são intitulados “*Oficina Fitoterápica: espaço de educação, trabalho e renda*” e “*Educação em Saúde para a Promoção de Domicílios Saudáveis na Área Rural*”, que tem entre as principais finalidades, promover a vivência e o intercâmbio entre alunos de graduação e pós-graduação da Universidade Federal de Santa Catarina e a realidade do município rural de Passos Maia.

Para apoiar e consolidar tais projetos buscou-se várias formas de parcerias, o que levou ao envolvimento de vários órgãos institucionais municipais, estaduais e federais. Dentre eles destacam-se o apoio da Prefeitura Municipal de Passos Maia, Secretaria da Saúde e Secretaria da Educação de Passos Maia, EPAGRI, INCRA, Pastoral da Criança – Passos Maia, entre outros.

Para firmar tais parcerias ocorreu no dia 12 de abril de 2003 no município de Passos Maia uma Cerimônia de Oficialização dos Projetos e Parcerias (Vide figura 1), onde estavam presentes: o Prefeito Sr. Ivandre Bocalon, a Vice-Prefeita Sra. Adiles, a Srta. Isaura Bressan (representante da EPAGRI em Passos Maia), o Presidente da Câmara dos Vereadores, demais autoridades municipais e o Prof. Lineu Schineider (representando o reitor da UFSC), o Prof. Antônio de Miranda Wosny e a Profª. Lenize Mattos Lima (autores dos projetos) assim como os alunos de graduação e pós-graduação envolvidos na proposta e alguns representantes da comunidade.

Nesta cerimônia foram apresentados os encaminhamentos e objetivos dos projetos e explicitado nossa filosofia de trabalho que visa uma preocupação com a valorização do ser humano e uma busca de melhores condições de vida, através de uma metodologia pedagógica que valoriza o conhecimento popular e que tem como base a troca de saberes. Ao final desta cerimônia, após a assinatura das parcerias, esclareceu-se as responsabilidades de ambas as partes envolvidas para a execução dos projetos, como a disponibilização de alojamentos para os estudantes em estágio no município, alimentação, entre outros.



Figura 1: Cerimônia de Oficialização dos Projetos e Parcerias- momento de assinaturas dos representantes.

Dentre os moradores da comunidade presentes na cerimônia destaca-se a D. Flora e algumas amigas que me foram apresentadas, e aproveitando a oportunidade, apresentei-me a todos e comentei brevemente sobre minha proposta de dissertação de mestrado a ser desenvolvida no município. Deste modo iniciei minha aproximação e inserção no grupo que pretendo trabalhar, sendo o primeiro e importante passo no processo da pesquisa participante (BRANDÃO, 1995).

Agendamento dos encontros

O agendamento dos encontros da prática educativa foram efetuados através de contato telefônico com a Srta. Isaura Bressan da EPAGRI, que é uma pessoa-chave para qualquer contato a ser efetuado com a área rural e que disponibiliza o que for necessário para a efetividade das atividades propostas. Ela trabalha no município a muitos anos e conhece detalhadamente a comunidade rural, sejam as propriedades tradicionais e/ou principalmente os assentamentos.

O convite aos moradores do município para os encontros foi efetuado via rádio local, pela senhorita Isaura, estendendo-se a toda comunidade, informando o tema, data, hora e local. A princípio o planejado foram três encontros, com previsão de 3 horas cada, agendados para três dias consecutivos, aproveitando o período em que estaria presente na cidade, e isto levou em conta principalmente o fato do município ser distante de Florianópolis, o tempo disponível para a execução da prática e a disponibilidade dos membros da comunidade. Os encontros foram marcados para os dias 09, 10 e 11 de junho de 2003 no período vespertino.

Ao chegar no município dia 06 de junho de 2003 e contatar a Isaura me dei conta de os encontros não poderiam ser efetuados da forma planejada, pois os contatos com a Isaura, foram feitos via telefone e percebi que alguns pontos não ficaram muito claros e os encontros foram agendados da seguinte maneira: No primeiro dia (09/06/03) o encontro seria na comunidade de assentamentos União-D'Oeste, no segundo dia (10/06/03) em Santo Antônio e no terceiro dia (11/06/03) na sede do município (com integrantes da Pastoral da Criança).

Estes encontros foram programados desta maneira pela grande dificuldade que o município apresenta com relação ao transporte coletivo dos moradores. O único meio de transporte são os ônibus escolares da prefeitura que circulam apenas nos esparsos horários de aula das crianças, os quais os moradores podem utilizar gratuitamente, mas algumas comunidades ficam muito distantes umas das outras e estes ônibus muitas vezes não circulam entre elas. Diante deste quadro, onde trabalharia com três grupos diferentes e não mais um único grupo em três encontros, foi necessário reorganizar e reestruturar as atividades para executá-las em um único dia/encontro, dentro das possibilidades do município.

5.3 INSTRUMENTOS DA PRÁTICA EDUCATIVA

Propondo-se a desvelar a percepção da comunidade sobre cuidado à saúde e meio ambiente, partindo do conhecimento popular do uso das plantas medicinais, encontramos na metodologia da problematização, proposta por Paulo Freire, ferramentas apropriadas para alicerçar o processo educativo. Para Freire (1988) uma ação educativa, deve ser tratada como um processo dinâmico, aberto e contínuo, que visa o crescimento e desenvolvimento do homem em todas as suas instâncias e nas relações com outros homens e a natureza.

Os encontros foram inspirados nos “Círculos de Cultura” de Freire e em seu

Itinerário de Pesquisa, por trata-se de um “método” que visa colocar os educadores e educandos em constante processo de ação-reflexão-ação, partindo de situações históricas individuais e coletivas, num processo dialógico, problematizador e conscientizador que proporciona o desvelamento e transformação da realidade.

No projeto inicial os encontros contavam ainda com recursos de dinâmicas de grupo que não se mostraram adequadas e não puderam ser efetuadas devido às modificações provenientes do agendamento destes encontros, como explicitado anteriormente.

O itinerário de pesquisa de Freire consiste basicamente de três etapas, que não ocorrem necessariamente de forma estanque:

Investigação temática: nesta etapa realiza-se uma prévia pesquisa para a investigação do universo de temas vividos pela comunidade. Os temas aqui identificados e considerados de significativa importância comunitária, relacionados com o cotidiano dos indivíduos e da comunidade a que pertencem, podem ser considerados “temas geradores”, transformando-se no ponto de partida para o alcance dos anseios da comunidade. A determinação do tema gerador é de fundamental importância, pois é a partir dele que se desencadeará o processo educativo e transformador da realidade (BRANDÃO, 1981; GADOTTI, 1991; WOSNY, 1994). A partir de uma grande tema gerador, o cotidiano e as condições de vida desta comunidade foram sendo discutidas e levantaram-se outros temas geradores, os subtemas.

Tematização: esta é a fase onde os participantes do “Círculo de Cultura” expõem seu entendimento sobre o tema e os temas identificados são codificados e decodificados. A codificação é a fase em que os indivíduos são tomados de consciência da situação existencial compartilhada e então contextualizados. Decodificação é a análise e conseqüente reconstrução vivida: reflexão e abertura de possibilidades concretas de ultrapassagem. Nesta etapa, o educador exerce um papel muito importante de possibilitar que os participantes educandos penetrem no significado temático, diante do qual se acham, e o vejam com outros olhos, levando-os a uma ação na busca de sua superação e não a adaptação (BRANDÃO, 1981; GADOTTI, 1991; WOSNY, 1994). Aqui as participantes dos encontros expuseram seu entendimento sobre os temas geradores e então os problematizaram, deixando clara sua visão de mundo, suas crenças e conhecimentos.

Problematização: nesta fase os participantes educandos retomam sua ação refletindo criticamente sobre a mesma, através de diálogos em torno de situações concretas, reais, existenciais. Aqui ocorre a desmistificação da realidade, onde o homem se vê consciente e

parte integrante do mundo. Após a tomada da realidade, novos temas podem ser gerados, e a temática identificada é problematizada e decomposta em subsistemas que poderão ser trabalhados sucessivamente pelos grupos. O objetivo final é a transformação, entendida como resultado da ação e reflexão dos homens sobre a realidade, favorecendo a ação voltada para o ato de criar e recriar o mundo, modificando a realidade onde o homem é sujeito por natureza (BRANDÃO, 1981; GADOTTI, 1991; WOSNY, 1994). Através dos diálogos, de depoimentos e atividades em grupo buscou-se resgatar o conhecimento popular do uso das plantas medicinais, e partindo deste cuidado à saúde, trabalhou-se uma reflexão crítica acerca dos problemas ambientais locais e de saúde que afetam a comunidade com o intuito de incentivar a transformação, na busca de atitudes, possibilidades e/ou estratégias para a superação dos mesmos, visando o melhoramento das condições de vida desta comunidade.

5.4 OS ENCONTROS (CÍRCULOS DE CULTURA)

Como já descrito anteriormente as atividades e dinâmica dos encontros foram modificadas, ficando estruturada da seguinte forma:

Foram realizados três encontros: o 1º (09/06/03) e o 3º (26/06/03) encontros são constituídos do mesmo grupo, ou seja, estas participantes tiveram dois momentos de contato com a proposta e o 2º encontro trata-se de outro grupo de participantes, ou seja outro “Círculo de Cultura” e não será descrito neste relatório. O encontro agendado com as mulheres envolvidas na Pastoral da Criança (11/06/03) foi cancelado devido a outra reunião na cidade onde era imprescindível a presença das mesmas.

1º ENCONTRO

Centro Comunitário – Comunidade União D’Oeste

1º momento: apresentação

- Apresentação individual de todos os presentes.
- Apresentação da proposta da prática: ouvir e discutir juntos sobre saúde e meio ambiente.
- Convite a participação desta proposta.

- Apresentação das questões éticas: consentimento livre e esclarecido, respeito, sigilo e liberdade de participação (registro dados).

- Breve exposição do referencial metodológico.

2º momento: A) investigação temática, B) tematização e problematização

A) investigação temática

- 1º Tema gerador: O que é saúde para você?

A concepção de saúde foi investigada através deste questionamento e a partir dos depoimentos das participantes foram identificadas e interpretadas as palavras geradoras ou subtemas.

- 2º Tema gerador: O que você entende por meio ambiente?

A percepção sobre o meio ambiente foi levantada a partir dos depoimentos e experiências das participantes e vários subtemas foram identificados e interpretados.

B) tematização e problematização

Subtemas: as participantes problematizaram as palavras geradoras oriundas dos dois temas geradores principais, explicitando seu entendimento sobre elas e como estes fatores influenciam em sua saúde e na saúde da comunidade e também como poderia se resolver estes problemas e o que seria necessário para superar estas situações.

3º momento: finalização

- Apresentação de material sobre plantas medicinais

- Agendamento dos próximos encontros: melhor local, horário...

- Convite à participação da “1ª Semana de Plantas Medicinais de Passos Maia” a ser realizada no município na última semana de julho de 2003.

- Pedido e orientação às participantes para trazerem amostras frescas de plantas medicinais que encontram-se nos jardins ou na mata ao redor de sua casa para o próximo encontro.

- Avaliação oral do encontro (pelos participantes)

3º ENCONTRO

Centro Comunitário – Comunidade Boqueirão (mesmo grupo do 1º encontro)

1º momento: apresentação

- Apresentação individual de todos os presentes.
- Breve apresentação da proposta da prática: ouvir e discutir juntos sobre saúde e meio ambiente.
- Convite a participação desta proposta.
- Apresentação das questões éticas: consentimento livre e esclarecido, respeito, sigilo e liberdade de participação (registro dados).
- Breve exposição do referencial metodológico.
- Leitura de mensagem¹ – “fazemos a diferença e somos fortes”

2º momento: A) investigação temática, B) tematização e problematização

A) investigação temática

- 1º Tema gerador: Plantas Medicinais.

O conhecimento sobre a fitoterapia foi levantado a partir de uma exposição de plantas medicinais locais trazidas pelas participantes do grupo. Cada participante pegou as plantas que trouxe e fez uma demonstração para o restante do grupo, descrevendo seu uso e preparo no cuidado à saúde.

Com as plantas trazidas para o encontro foi montada uma exsicata (secagem e armazenagem das plantas) para posterior identificação botânica, atividade que visava a discussão da importância da identificação correta das plantas a serem utilizadas como medicamento. Para tal atividade utilizou-se de várias folhas de jornal e papelão cortados no tamanho das folhas de jornal e barbante.

B) tematização e problematização

Subtemas: as participantes problematizaram as palavras geradoras oriundas da troca de conhecimentos sobre o uso das plantas medicinais. Dialogaram e refletiram sobre os cuidados e mau usos das plantas medicinais e as possibilidades de cultivo para uso próprio e para comercialização, buscando melhoria da saúde e também das condições financeiras da comunidade.

3º momento: “novos participantes”

▪ Breve recapitulação, com a participação do grupo, das questões sobre saúde e meio ambiente discutidas no encontro anterior (1º encontro) devido a inserção de novos participantes.

Para a investigação das novas concepções de saúde e percepções sobre o meio ambiente e também para fazer um resgate com o grupo que participou do primeiro encontro foi realizada atividade em grupo: a confecção de cartaz, usando folhas de papel brancas, colas coloridas, lápis e canetas coloridas, revistas e jornais, sendo livre a colagem, o desenho e a escrita. A reflexão mais profunda sobre o conteúdo dos cartazes produzidos a partir desta atividade não pode ser efetuado devido ao tempo disponível (principalmente no que se refere ao transporte) e deverá ser detalhada em encontro posterior.

4º momento: finalização

- Avaliação da possibilidade de novos encontros: melhor local, horário...
- Sensibilização e convite à participação da “1ª Semana de Plantas Medicinais de Passos Maia” a ocorrer na última semana de julho de 2003 e discussão do número de vagas para os cursos.
 - Avaliação por escrito do encontro (pelos participantes).
 - Leitura de artigo em revista: exemplo de mulheres trabalhando e obtendo renda com plantas medicinais.
 - Momento de confraternização: Chá com bolachas caseiras preparadas pelas participantes.

5.5 COLETA DOS DADOS

O método para a coleta dos dados constitui-se da observação participante e os encontros do “Círculo de Cultura” e atividades desenvolvidas durante a “1ª Semana de Plantas Medicinais de Passos Maia” como o cultivo e exposição de plantas medicinais realizada com as crianças da rede municipal de ensino.

5.6 REGISTRO DOS DADOS

O registro dos dados se deu na forma de anotações em caderno de campo, gravação em fitas cassete dos encontros, além do registro fotográfico.

5.7 INTERPRETAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados foi efetuada em três etapas: 1^a) se deu através da transcrição das fitas; 2^a) após a leitura da leitura e releitura do conteúdo das transcrições, com o auxílio do referencial teórico e do marco conceitual, os depoimentos foram interpretados e categorizados em dois temas centrais e sub-temas extraídos destes. 3^a) os dados categorizados foram relacionados com os objetivos da proposta e o referencial teórico.

Para BARDIN (1977) a análise de conteúdo atualmente trata-se de um conjunto de instrumentos metodológicos em constante aperfeiçoamento que se aplicam a discursos (conteúdos) extremamente diversificados. O fator principal destas técnicas está na hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência. Enquanto esforço de interpretação, a análise de conteúdo oscila entre os dois pólos do rigor da objetividade, da fecundidade e da subjetividade.

5.8 ÉTICA E PROTEÇÃO AOS DIREITOS HUMANOS

O projeto foi encaminhado à Comissão de Ética da Universidade Federal de Santa Catarina em 09 de fevereiro de 2004, para ser avaliado sob às normas referente às Resoluções 196/96 e 251/97 do CNS que apresentam os requisitos necessários à pesquisa com seres humanos, e também pelo fato do estudo ser realizado na comunidade de Passos Maia/SC, onde não existe este tipo de comissão. O presente projeto foi aprovado pela referida comissão em 28 de junho de 2004.

Cada participante dos encontros ou “Círculo de Cultura” primeiramente foi

informado sobre a proposta a ser desenvolvida, incluindo seus objetivos, e em seguida recebeu as informações sobre a liberdade de participação e desistência no processo educativo, a garantia do sigilo e anonimato, o preenchimento do consentimento livre e esclarecido (Anexo 1) e também sobre o uso de imagens e gravações durante os encontros, conforme determina a resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde que estabelece as normas que regulamentam as pesquisas realizadas com seres humanos.

Após a explicitação deste conteúdo foi feito o convite à participação e todas as participantes dos encontros aceitaram e assinaram os termos de consentimento, autorizando qualquer publicação que venha a ser realizada a partir dos dados desta prática.

O cuidado ético deve estar presente em todas as relações entre os seres humanos, e como diz Freire (2002, p. 36):

sendo os homens e mulheres seres histórico-sociais, nos tornamos capazes de comparar, de valorar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper, por tudo isso, nos fizemos seres éticos, sendo impossível pensar o ser humano longe da ética, quanto mais fora dela.

Para o mestre Freire a prática educativa tem de ser um constante testemunho rigoroso de decência e de pureza. O ensino apresenta como caráter fundamental o formar, e se é respeitada a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não poderá dar-se alheio à formação moral do educando (FREIRE, 2002, p. 37).

5.9 OUTRAS ATIVIDADES EDUCATIVAS

Paralelamente à execução do Círculo de Cultura desenvolvi outras atividades educativas com a comunidade local, abrangendo tanto a área urbana quanto a rural, e envolvendo crianças e adultos. Embora não faça uso do itinerário de pesquisa, as ações educativas nesta proposta também estão alicerçadas nas concepções e princípios da pedagogia de Paulo Freire.

Durante o período de execução do processo educativo, participei da idealização e organização de um evento no município de Passos Maia/SC. Trata-se da “*1ª Semana de Plantas Medicinais de Passos Maia*” (Anexos 2, 3 e 4), que também compreenderá a “*1ª Exposição de Plantas Medicinais de Passos Maia*”, e a “*1ª Semana de Educação Escolar*

para um Domicílio Saudável em Área Rural” (Anexos 5 e 6), realizada no período de 28/07 a 01/08/03.

A “1ª Exposição de Plantas Medicinais de Passos Maia” foi realizada pelo envolvimento das crianças de 1ª a 4ª séries da rede educacional do município, na questão do cuidado alternativo à saúde e os cuidados ao meio ambiente, com o plantio de mudas de plantas medicinais que foram expostas à comunidade durante o evento. Para sensibilização das crianças à participação deste evento elaborou-se uma abordagem mais lúdica, envolvendo o uso de teatro com fantoches e também um concurso.

O concurso tratou de premiar 40 crianças com uma viagem à Florianópolis, em época de verão, para conhecer a capital do estado, a Universidade Federal de Santa Catarina e também como forma de lazer, conhecendo e curtindo o mar. Para participar do evento e do concurso as crianças tiveram que além de fazer o plantio, também escrever uma pequena redação sobre a planta medicinal que escolheram, contendo seu uso terapêutico e demais espécies vegetais medicinais encontradas em suas casas e na mata ao redor delas. As crianças selecionadas serão recebidas e alojadas na Universidade Federal de Santa Catarina, sendo o transporte fornecido pela Prefeitura de Passos Maia, e alojamentos e alimentação adquiridos pela UFSC através de projetos de extensão universitária desenvolvidos em conjunto no município em questão, Passos Maia.

Com esta atividade objetivou-se além do envolvimento destas crianças com a saúde e o meio ambiente, fazer um levantamento das espécies vegetais que a comunidade utiliza terapeuticamente e conhecer suas formas de utilização.

Para o convite às crianças foi realizado no dia 27 de junho de 2003 um dia de visitas às escolas públicas de Passos Maia. Primeiramente efetuou-se uma reunião com as professoras de 1ª a 4ª séries em cada estabelecimento, passando as orientações necessárias para a efetivação das atividades com as crianças, assim como efetivou-se a distribuição dos potes para o plantio das mudas.

Logo após realizou-se um teatro de fantoches, com a ajuda de estudantes da graduação em Enfermagem da UFSC, bolsistas de projetos paralelos no município, que constava de quatro personagens: o vovô, os netinhos Pedro e Maria e um tio. Neste teatro as crianças conversaram sobre um concurso que aconteceria na cidade e entre as conversas com o Avô e o Tio, descobriam como participar do evento e do concurso (Vide figuras 2 e 3).



Figura 2: Crianças de 1ª a 4ª séries na escola municipal na comunidade Indumel – Passos Maia/SC – aguardando o teatro de fantoches.



Figura 3: Teatro de fantoches na escola municipal na comunidade Indumel – Passos Maia/SC.

Também durante este período, participei de reuniões semanais para idealização e confecção de material didático (brinquedos infantis com motivos em saúde e meio ambiente e elaboração de teatros de fantoches e dramatizações) voltados para as atividades educativas com as crianças realizadas durante o evento, estruturando assim a “1ª Semana de Educação Escolar para um Domicílio Saudável em Área Rural”.

Também nesta mesma semana foram realizadas, juntamente com as atividades educativas, a aplicação de teste de acuidade visual (Tabela de Snellen) para detectar crianças com deficiência visual. Paralelo a isto realizou-se reuniões com as professoras para explicação do procedimento do uso desta Tabela para posterior utilização pelas mesmas.

Para a viabilização deste evento também foram realizadas reuniões com os representantes do governo municipal.

VI DESCREVENDO OS ENCONTROS/“CÍRCULO DE CULTURA”

Neste momento do estudo relato e procuro refletir sobre a experiência desenvolvida nos encontros no município de Passos Maia/SC.

Para o tratamento dos resultados obtidos e interpretação dos mesmos, compus os elementos de codificação e decodificação com seus desdobramentos, os quais me permitiram trazer a contribuição do estudo, com uma discussão dos dados à luz do referencial teórico-metodológico. Para Freire (1983), os elementos de codificação e decodificação se traduzem nos temas e sub-temas, por isso pode-se considerar os temas centrais e sub-temas que se originaram dos dados coletados.

Descrição dos encontros:

1º ENCONTRO:

O primeiro encontro foi realizado em 09 de junho de 2003, das 14:00 às 16:00 horas, na Capela da Comunidade de União D'Oeste, ao lado do Centro Comunitário, como estava previsto, já que o centro estava muito sujo após os homens da comunidade terem jogado bola no campo de futebol anexo e frequentado o local com os pés cheios de barro. O convite ao encontro havia sido feito via rádio local e mesmo com um dia muito chuvoso e as estradas de terra estarem cobertas de barro, e ainda a deficiência de transporte de muitos assentamentos para este local, estiveram presentes 17 mulheres da comunidade, algumas vindas a pé de longa distância (Vide figuras 4, 5 e 6).

Estava muito ansiosa pois era o meu primeiro contato efetivo com estas pessoas e principalmente minha primeira experiência com a metodologia de Freire. Estava nervosa também pois diante das circunstâncias dos agendamentos dos encontros tinha que modificar todo o planejado e tentar alcançar os objetivos em apenas um encontro com o grupo, ou seja desenvolver o “Círculo de Cultura” em apenas 2 horas. O período de 2 horas foi estipulado logo no início do encontro, conforme conversa com as participantes, pois as 16:00 horas era o último ônibus que serviria pra elas, já que o próximo, do horário das 18:00 h, havia quebrado (recebemos esta informação de uma participante que viu o mesmo parado na estrada). Antes de iniciar o encontro propriamente dito, pedi para que organizássemos os bancos da igreja de forma mais próxima de um círculo e todas me ajudaram. Além de me sentir mais a vontade desta forma, reporte-me à Freire que diz que o educador deve se colocar e ser colocado como

um animador de debates, que não deve estar no centro da roda, deve ser um companheiro ...



Figura 4: Participantes do círculo de cultura – 1º encontro, Capela da Comunidade de União D'Oeste, município de Passos Maia/SC.



Figura 5: Participantes do círculo de cultura – 1º encontro, Capela da Comunidade de União D'Oeste, município de Passos Maia/SC.



Figura 6: Participantes do círculo de cultura – 1º encontro, Capela da Comunidade de União D'Oeste, município de Passos Maia/SC.

6.1 FAZENDO AS APRESENTAÇÕES...

Primeiramente agradei a presença de todas e me apresentei dizendo meu nome, de onde eu sou (naturalidade), onde moro, o que faço e o que mais gosto e menos gosto no lugar onde moro. Após isso propus que cada uma fizesse a mesma apresentação individual, deixando livre a escolha da primeira a começar. Neste momento houve um pouco de constrangimento e uns instantes de silêncio seguidos de risos contidos, até que uma das participantes que já havia me conhecido anteriormente, tomou a iniciativa e começou as apresentações, que seguiram-se bem descontraídas conforme cada participante falava. Nesta apresentação constatei que o grupo era constituído de mulheres agricultoras, sendo que algumas também eram Agentes Comunitárias de Saúde, membros da Pastoral da Criança e/ou do Movimento dos trabalhadores Sem Terra, e que a maioria já estava assentada no município em média a 6 anos. Todas disseram gostar muito do local onde moram embora o fator transporte atrapalhe um pouco, não havendo nada que realmente não gostassem.

Após as apresentações fiz uma breve descrição de minha proposta de prática, esclarecendo que esta faz parte da disciplina de “Projetos de Prática Assistencial de Enfermagem e de Saúde” e parte de minha dissertação de mestrado que integram o Curso de

Mestrado em Enfermagem da UFSC.

Após saberem a razão de minha presença fiz o convite a participação dos encontros, embora aparentemente não seria possível outro encontro com este grupo devido ao prazo da prática. Todas se olharam e ficaram um pouco surpresas visto que já estavam dispostas a participar, afinal estavam ali, mas demonstraram entusiasmo e também um sentimento de “veremos o que vai ser isso”... Então expus as questões éticas, deixando claro sobre a participação ser voluntária e a condição de desistência assegurada a qualquer momento do processo. Passei a seguir às informações quanto ao uso de imagem e voz (fotografias e gravações) e referi-me ao preenchimento do consentimento livre e informado. Neste momento houve uma pequena pausa, um silêncio, e todas se entreolharam buscando cúmplices para a resposta sobre as proposições que fiz. Após a primeira a se manifestar dizendo que aceitava todos os termos e que não tinha problema algum em gravar e tirar fotografias e que assinaria o consentimento, todas aceitaram.

Quanto ao sigilo e anonimato das participantes comentei que poderíamos usar nomes fictícios e a princípio elas me perguntaram por quê não poderiam usar os nomes verdadeiros e eu respondi que se alguém fizesse questão tudo bem, mas acrescentei que este procedimento era para resguardar a privacidade, ajudando também a pessoa a se soltar nos depoimentos e então aceitaram a proposta dos apelidos. Já que havia ficado claro que estávamos ali para conversar sobre a relação do homem com a natureza, no intuito de melhorar esta condição levando a uma vida mais saudável, optamos juntas em utilizar como nomes fictícios algo que tivesse a ver com a natureza, o que não excluía o homem.

Explicitarei então os objetivos desta prática educativa, de forma bastante clara, e iniciei uma explanação sucinta sobre o referencial metodológico de Paulo Freire. Neste momento descobri que o referencial de Paulo Freire já era conhecido de algumas participantes, e que estas tinham alguma noção do que eu estava falando, demonstrando muito prazer neste contato com sua metodologia. Elas tiveram contato com Paulo Freire devido ao envolvimento com o Movimento (MST), que em sua filosofia e ações educativas encontramos muitos princípios compartilhados com o autor.

A gente lê muito Paulo Freire, a gente estuda a metodologia dele, a vida dele... (Beija-flor)

A gente lê bastante Paulo Freire no movimento. Em casa tem carta de P. Freire, livro de P. Freire. A gente quando lê P. Freire se apaixona... (Golfinho).

Minha expectativa neste momento era grande pois o material que eu havia preparado para levantar as questões sobre saúde e meio ambiente eram programadas para três dias de encontro e como tudo foi modificado na última hora não tive como conseguir material para elaborar oficinas neste dia. Portanto para levantar os sub-temas geradores, dirigi-me às participantes e coloquei, que já que iríamos falar de saúde e meio ambiente, primeiramente gostaria de saber “O que é saúde para você?”.

Após este questionamento houve novamente instantes de silêncio e desta vez não me preocupei pois já havia percebido que este silêncio era uma busca de maior segurança para a resposta que viriam a dar. Deixei claro que as respostas eram voluntárias, que estávamos ali juntas pra um diálogo, uma troca. Neste momento recebi em minhas mãos o chimarrão que estava passando pela roda e isso ajudou pois me mantive ocupada por alguns instantes e não pude me pronunciar, e elas então começaram seus depoimentos. Conforme cada uma expunha sua percepção sobre saúde, as outras acrescentavam ou discordavam. Durante este processo fui identificando nos depoimentos as palavras geradoras e anotando em caderno de campo. Aos poucos elas foram se soltando e algumas que eu havia percebido serem mais tímidas começaram a interferir nos depoimentos das outras, apenas acrescentando novas informações, mas já estavam participando também.

Conforme eu identificava as palavras geradoras já as colocava em questionamento, em discussão.

Com o término do tempo procurei fazer uma avaliação do nosso encontro, pedindo que as participantes se expressassem verbalmente quanto ao que acharam deste encontro e se era o que estavam esperando. Neste momento deparei-me com as seguintes falas:

Eu vim com outra visão, em nossos encontros, a gente já trabalhou com o professor Toni e daí tem um projeto de implementação de hortos medicinais, então eu vim com essa visão...Eu vim achando que a gente ia conversar sobre isso, sobre onde ia ser montado, se tem mais gente... (Golfinho).

A gente tava esperando outra coisa, mas foi uma conversa muito boa (Rosa).

Eu gostei muito deste encontro, embora eu vim com outra visão, foi muito bom esta troca de experiências, de conversa... (Golfinho).

E a Andréa é uma pessoa que nem a gente, fala igual nós, a gente entende bem, não é que nem outros que vem de fora, a gente se deu bem (Alecrim).

Após ouvir estes depoimentos e observar um grande entusiasmo pela participação em novos encontros, fiquei aliviada e feliz ao perceber que havia conseguido inserir-me neste

grupo, que havia conseguido desenvolver um espaço de diálogo, de reflexão.

Antes de nos despedirmos expliquei os encaminhamentos que estavam sendo feitos a respeito daquele projeto³ citado acima que envolve a construção de hortos medicinais e cursos de capacitação em fitoterapia. Convidei-as participarem da “1ª Semana de Plantas Medicinais de Passos Maia”⁴ a ser realizada na última semana do mês de julho, onde serão organizados vários cursos com diversos profissionais especializados na área, salientando a presença de um especialista em mercado de plantas medicinais que trará informações muito importantes para quem desejar produzir plantas medicinais como fonte alternativa de renda.

3º ENCONTRO:

O terceiro encontro foi realizado em 26 de junho de 2003, das 14:00 às 17:00 horas, no Centro Comunitário do Boqueirão como foi combinado no primeiro encontro. O convite ao encontro novamente foi feito via rádio local, chamando as pessoas desta localidade que já haviam participado do encontro comigo em 09 de junho. Estava um dia muito bonito, ensolarado, mas um pouquinho frio, e ao chegar ao local tive uma grande surpresa ao encontrar presentes 33 mulheres da comunidade, algumas acompanhadas de seus filhos pequenos e/ou adolescentes (Vide figuras 7, 8).

Fiquei a princípio um pouco assustada com o número de participantes, mas logo que cheguei as mulheres que já me conheciam foram me recepcionar com beijos e abraços e eu acabei me soltando rapidamente. Então cumprimentei todas as presentes e perguntei sobre este fato do número de participantes ter aumentado, pois também já havia notado que algumas das mulheres presentes no primeiro encontro não encontravam-se ali neste dia.

Elas me disseram que muitas não puderam ir naquele dia e horário mas que outras que ouviram falar do encontro se interessaram e compareceram.

O local já estava preparado da forma como propus no encontro anterior, os bancos de madeira foram dispostos em forma de círculo e havia uma mesa arrumada (vide figura 9), onde estavam expostas todas as plantinhas medicinais que as participantes trouxeram para o encontro, como eu havia pedido.

³ O projeto intitula-se “Oficina fitoterápica rural: espaço de educação, trabalho e renda”, em andamento no município de Passos Maia/SC, coordenado pelo professor Dr. Antônio de Miranda Wosny do departamento de Enfermagem da UFSC.

⁴ A “1ª Semana de Plantas Medicinais de Passos Maia” a ser realizada de 27/07 a 10/08/2003, está sendo organizada sob a coordenação do prof. Dr. Antônio de Miranda Wosny, que visa capacitar pessoas da comunidade local no cuidado, preparo e comercialização de plantas medicinais. Sua programação encontra-se em anexo.



Figura 7: Participantes do círculo de cultura – 3º encontro, Centro Comunitário do Boqueirão, município de Passos Maia/SC.



Figura 8: Participantes do círculo de cultura – 3º encontro, Centro Comunitário do Boqueirão, município de Passos Maia/SC.



Figura 9: Participantes do círculo de cultura – 3º encontro, Centro Comunitário do Boqueirão, município de Passos Maia/SC.

6.2 FAZENDO NOVAMENTE AS APRESENTAÇÕES...

Primeiramente agradei a presença de todas e propus que novamente fizéssemos as apresentações individuais pois havia companheiras novas que eu gostaria de conhecer. Da mesma forma como no encontro anterior, expliquei como faríamos as apresentações e comecei dizendo meu nome, de onde eu sou (naturalidade), onde moro, o que faço e o que mais gosto e menos gosto no lugar onde moro.

Neste momento *Alecrim* já tomou a iniciativa e iniciou as apresentações individuais do grupo, sendo seguida pela companheira ao lado em sentido horário. As novas participantes também passaram pelo mesmo processo de constrangimento, mas participaram desde o início, inclusive algumas de suas filhas adolescentes. As novas integrantes, assim como as demais, também era constituído de mulheres agricultoras, algumas membros da Pastoral da Criança e/ou do Movimento dos trabalhadores rurais Sem Terra, com média de permanência nos assentamentos de 5 anos. Constatei novamente que todas gostam muito do local onde moram não havendo nada que realmente não gostem, embora o fator transporte tenha aparecido novamente como um fator que atrapalha um pouco.

Para que as novas integrantes ficassem a par dos objetivos deste encontro, explicitarei novamente minha proposta de prática, esclarecendo que esta faz parte da disciplina de “Projetos de Prática Assistencial de Enfermagem e de Saúde” integrante do Curso de Mestrado em Enfermagem da UFSC., detalhando os objetivos. Após esta explanação expus sucintamente o referencial metodológico de Paulo Freire. Desta vez as novas integrantes não mostraram-se conhecedoras de Freire, embora já tivessem ouvido falar seu nome, desconheciam a sua pedagogia. Agora sabendo da razão de minha presença, fiz novamente o convite a participação dos encontros, mesmo que não fosse possível, no prazo da prática, a realização de novos encontros.

Expus as questões éticas, deixando claro sobre a participação ser voluntária e a condição de desistência assegurada a qualquer momento do processo. Passei a seguir às informações quanto ao uso de imagem e voz (fotografias e gravações) e referi-me ao preenchimento do consentimento livre e informado, mas como não esperava tantas integrantes novas, possuía em mãos apenas três cópias e fiquei de trazer o restante numa próxima oportunidade. Mesmo assim, após a leitura do consentimento livre e esclarecido, todas concordaram com os termos descritos.

Fiz a proposta do uso de nomes fictícios para as novas integrantes, seguindo a mesma ideia anterior sobre nomes relacionados com a natureza, e para facilitar e não ocorrer repetições, li para elas os apelidos já escolhidos pelas companheiras do primeiro encontro.

Antes de iniciarmos as atividades programadas para o encontro, uma das participantes, a *Beija-flor*, pediu para fazer a leitura de uma mensagem e logo lhe passei a palavra. Tratava-se de um texto que ela conseguiu num dos encontros do movimento, divulgado pelo GAPA, onde enfatizava-se fortemente a força que o homem tem no direcionamento de sua vida, ou seja, como cada faz a diferença no dia a dia e como podemos ser fortes. Dizia muita coisa que compartilhava com Freire no diz respeito à capacidade do ser humano em intervir no mundo, em ser capaz de assumir sua aprendizagem e exercer sua autonomia, assim como só depende de cada um ser consciente de suas possibilidades para então poder transformar o mundo.

Todas as participantes ouviram atentamente a linda mensagem, escrita poeticamente, com exceção de algumas crianças que não tinham idade para entender nada do que estava acontecendo ali. Após esta leitura *Beija-flor* passou a palavra a mim novamente. Iniciei o encontro demonstrando como gostei do modo que prepararam o local e a exposição das plantas e propondo que cada uma que trouxe planta medicinal levantasse e se colocasse no

centro do círculo ou onde desejasse, e mostrando a plantinha para o grupo, descrevesse seus nomes, usos e forma de preparo. Neste momento descrevi qual era a minha intenção com esta programação, que basicamente tinha como objetivo discutir os cuidados e mau usos das plantas medicinais além é claro de uma rica troca de conhecimentos e experiências.

Apresentei também a minha proposta de construção de uma excicata⁵, utilizando as plantas que elas trouxeram, no intuito de enfatizar a importância da identificação correta das plantas a serem utilizadas terapêuticamente.

Antes de iniciar perguntei ao grupo quanto tempo dispúnhamos para o encontro e desta vez descobri que poderíamos nos estender até as 18:00h mas eu estava de carona como carro da EPAGRI acompanhada pela Srta. Isaura e esta me disse que poderíamos ficar até no máximo as 17:00h.

Após estas explanações incitei o grupo para que uma delas começasse a apresentação de suas plantas. Mesmo estando num momento descontraído, houve aquela pausa silenciosa e troca de olhares para ver quem começava, no início todas parecem muito tímidas, até que uma tomou coragem e se posicionou em frente a mesa e começou expondo a seguinte planta, da seguinte forma:

Essa aqui é a marcela, todo mundo conhece, é uma planta muito conhecida que eu uso ela pra dor de estômago, dor de barriga, pra gripe, tosse. Primeiramente faz chá dela, gemada também né, não tem tosse que não cure. Lá em casa a marcela é muito utilizada. Uso sempre chá, as flores e vai uns galinhos também (Amor).

Após esta apresentação me dirigi ao restante do grupo e perguntei se havia alguém que não conhecia esta planta e ninguém respondeu positivamente e então perguntei se a conheciam por outro nome ou se faziam algum uso diferente do que já havia sido detalhado pó *Amor* e mais uma vez a resposta foi negativa. Desta forma convidei mais uma das integrantes que havia trazido planta (as novas integrantes não sabiam que era pra trazer) e mesmo timidamente elas foram se posicionando e seguindo o exemplo de *Amor*.

Eu trouxe cidreira e funcho né. (Beija-flor).

Neste momento verifiquei que Beija-flor possuía nas mãos galinhos de capim

⁵ Excicata – nomenclatura usada na área da Botânica para designar um método de secagem e armazenagem de partes de plantas para identificação e comparação posterior.

cidreira e então me dirigi a ela e ao grupo e perguntei o que elas chamam de erva cidreira. E então Beija-flor corrigiu-se e disse que o que trazia nas mãos era o capim cidró, também chamado por elas de capim cidreira e então uma das participantes complementou:

Tem outra cidreira que chamam de melissa né? (Alecrim).

Procurei então na mesa que continha as plantas expostas se existia a espécie denominada melissa e encontrei, mostrei-a ao grupo, e com ajuda de um livro⁶ sobre plantas medicinais repassei o nome científico e demonstrei que esta espécie é a considerada como erva cidreira e que possui todas as propriedades conhecidas.

Então a nossa colega continuou sua apresentação:

Ela é calmante, ajuda também a baixar pressão alta (Beija-flor).

A gente usa mais pra chá assim. A primeira coisa quando a mulher ganha nenê, a primeira coisa é o chá, chá de funcho pra aumenta o leite (Beija-flor).

Perguntei então se o grupo conhecia o funcho e se denominavam diferente, descobri então que muitos também conhecem por erva-doce, mas todas já conheciam e utilizavam a planta.

Alecrim aproveitou para complementar sobre o funcho:

É pra intestino preso e cólica de criança (Alecrim).

Depois de constatar que todas conhecem a planta e de instiga-las a dizer os nomes populares que conhecem, aproveitei para inserir o nome científico e também fiz uma breve explanação de como uma mesma planta pode ter nomes variados em localidades diferentes ou vice versa, ou seja, que a planta pode também possuir o mesmo nome e tratar-se de plantas completamente diferentes de acordo com a região. Neste momento *Alecrim* se expressa novamente:

Aí tem o perigo de usar a planta errada né. (Alecrim).

⁶ Livro: “Plantas medicinais no Brasil – nativas e exóticas”, de Harri Lorenzi e Francisco José de Abreu Matos,

Concordei com ela e perguntei a todas qual o perigo em se utilizar erroneamente as plantas medicinais.

Aí não vai fazer o efeito que a gente quer (Amor).

Ou então pode ser uma planta perigosa, que não podia fazer chá. Precisa saber que partes da planta usar (Alecrim).

Estes questionamentos serviram para que eu complementasse sobre o perigo das plantas tóxicas. Citei exemplos de plantas potencialmente tóxicas e suas reações no organismo e também expliquei o que *Alecrim* já havia iniciado, sobre certas plantas que não se pode utilizar qualquer parte dela no preparo, ou seja, que certas plantas tem partes terapêuticas e partes tóxicas, depende do uso que se faz dela, a forma de preparo e se é para uso interno ou externo. Neste momento fui abordada com o questionamento sobre o uso do confrei (*Symphytum officinale* L.).

Mas o confrei tem gente que bebe também. (Cânfora).

Então respondendo à indagação de *Cânfora*, como é conhecido hoje em dia, não se recomenda o uso interno do confrei, pois estudos farmacológicos efetuados com esta planta indicaram que seu uso interno, em doses altas ou por tempo prolongado, podem ocasionar o aparecimento de tumores malignos no fígado, brônquios e bexiga.

Comentei sobre a planta comigo-ninguém-pode, planta altamente tóxica e responsável, no estado de Santa Catarina, pela maioria dos casos de intoxicações com plantas com crianças, mas ninguém a conhecia.

Comentei sobre a planta comigo-ninguém-pode, planta altamente tóxica e responsável, no estado de Santa Catarina, pela maioria dos casos de intoxicações com plantas com crianças, mas ninguém a conhecia.

As crianças põem tudo na boca né... nos olhos... (Alecrim).

O copo de leite também é tóxica né? (Alecrim).

Confirmei e expliquei seus efeitos no organismo. Então uma nova participante:

Este é o poejo, poejinho... (Rosinha)

Menta né? (Primavera)

É também... é pra tosse, acalma tosse, pra pôr no mate doce (Rosinha).

Aqui para descontrair e matar uma curiosidade minha, disse as participantes que nunca havia tomado mate doce e então elas disseram “*Então você vai tomar hoje*”. O mate tradicional já estava passando a roda desde o início do encontro e agora tratavam de preparar um doce para eu provar.

Uma das participantes pegou uma plantinha e mostrou ao grupo como quem perguntava se alguém conhecia.

É folhinha cheirosa... (Alecrim).

Neste momento provoquei o grupo com o questionamento de que é importantíssimo prestar atenção nas pessoas que aceitamos informações sobre plantas medicinais. Salientei o cuidado que se deve ter em buscar informações com pessoas confiáveis e sempre nestes momentos prestar muita atenção nos detalhes da planta, nomenclatura popular e científica, morfologia e partes da planta a serem utilizadas no preparo, e se possível pegar um exemplar de amostra. E continuando as apresentações:

Eu sabia que para baixar a pressão é folha de chuchu. (Sol).

Pra mim eu faço, pra mim tomar, agora eu tratar outra pessoa com pressão alta já é problema, então eu já não trato... (Alecrim).

Alecrim demonstrou-se cuidadosa e séria no que diz respeito à indicação de tratamento de doenças com plantas medicinais e então houve uma breve discussão a esse respeito.

Pressão alta é sério, tem que ter acompanhamento, eu não vou tratar a pessoa com chá e depois ela pode ter problemas mais tarde, isso eu não faço (Alecrim).

E a gente nunca sabe se a pessoa vai tomar direito né, fazer direito... (Amor).

A minha pressão alta eu trato, aí eu trato o sistema nervoso e aí também controla a pressão, eu só tomo o chá quando tem crise (Alecrim).

Aproveitei as discussões para perguntar sobre a dosagem e frequência dos chás.

Depende do chá e pra quê? (Alecrim).

Mas a gente sabe que não pode ficar tomando chá o tempo todo (Beija-flor).

Então aqui esclareci que os chás não são aconselhados a serem tomados por um período maior que 20 dias, e depois disso deve-se parar o tratamento ou utilizar outra planta com propriedades similares. Deve-se sempre prestar atenção nas partes a serem utilizadas no preparo, e a dosagem geralmente indicada é de duas a três xícaras por dia, preocupando-se com a concentração. Lembrar também que deve-se diminuir a dose para crianças, quando for possível ser consumida por estas. Então fui logo interrompida para acrescentarem mais informações ao que eu dizia:

E não se deve dar qualquer chá pra mulher grávida né? (Luz).

E continuando:

Eu trouxe a arruda... é usada pra diminuir cólicas menstruais, tirar mau hálito e sarna e piolho. (Cânfora).

Aqui no livro diz que arruda é usada pra curar dor de cabeça e ressaca (Beija-flor).

Neste momento me dei conta que algumas das participantes tinham livros em mão para consulta. Pedi então para conhecer os livros e verifiquei tratar-se de uma versão mais antiga de um livro⁷ bastante popular e simples sobre plantas medicinais que também possuo. Este livro é comum entre as pessoas que não da academia, pois é um livro simples mas que não consta nem nomes científicos e nada sobre as características morfológicas das plantas, mas vem com ilustrações coloridas que ajudam na identificação.

Então as participantes voltaram a explanação das plantas trazidas.

Aqui eu tenho que é bom (a arruda) pra regular a pressão e usa-se pra dor nos olhos (Alecrim).

⁷ Livro: “Ervas e Plantas Medicinais – a medicina dos simples”, de Pe. Ivacir João Franco e Prof. Vilson Luiz Fontana. Editora Edelbra, Erechim/RS.

Diz que não pode usa na gravidez (Beija-flor).

E dizem que a arruda também protege contra mau olhado... (Alecrim).

Esta última fala de Alecrim demonstra como as crenças permeiam todo o processo de percepção da saúde. Outra integrante pega sua plantinha e mostrando a todas pergunta se elas conhecem. Respondem com um sinal de balançar a cabeça ou simplesmente com um sim.

Essa aqui é a sálvia, é bom pra gripe, pra asma... (Samambaia)

Pros nervos... sálvia é bom, calmante, ativa a memória (Alecrim).

Aqui entramos num dilema pois algumas colegas disseram que chamam esta planta de sábia e que a sálvia é diferente, mas apenas tínhamos em mãos este exemplar e os livros que estavam ali conosco também não nos ajudaram a desvendar este entrave, ficando para uma próxima ocasião.

Erva do mato...conhecem? (Violeta).

Eu uso pra fazer xarope, pra gripe, pra bronquite, pulmão...(Alecrim).

Catarro pulmonar, tosse, diarreia, calvície... passar nas verruga que elas saem (Amor - com ajuda do livro).

Aproveitei este depoimento pra descontrair e contar o que uma vez me indicaram pra tirar uma verruga que tive na ponta do joelho... mandaram eu esfregar três vezes ao dia uma lesma de jardim... A pausa serviu pra u provar então o mate doce que me prepararam... E estava uma delícia, agradei muito a gentileza.

Agora restou apenas a *Alecrim* para apresentar suas plantas, ela fez questão de ficar por último pois trouxe diversas plantas e é uma das participantes que possui maior conhecimento popular de plantas medicinais.

Alcachofra é bom pra diabetes, colesterol, sistema nervoso, dor de estômago, fígado, é um monte de coisa que você usa a alcachofra. A alcachofra eu não sei como os outros usam, eu nunca ferveo ela, eu só esmago bem e coloco na água fria que ela solta bem tudo que ela tem, ela fica amarga... (Alecrim).

Aqui fiz uma interrupção para provoca-las sobre as formas de preparo. Perguntei se conheciam outras formas além do chá, gemada...

Tem pomadas, tem as tintura, tem chá que ferve e outros não...(Amor).

Uma vez aprendi que a infusão tem que tapar, principalmente o chá que tem cheiro, porque solta o cheiro né, então não deve ferver (Golfinho).

Como não houve mais manifestações mesmo sendo provocadas, terminei esclarecendo as formas de preparo mais comuns como a infusão (explicando sobre o porque de se tapar), explicando que é usada para chá feito de folhas e/ou flores (partes moles da planta); a decocção que é usada para cascas, sementes, raízes, enfim partes duras da planta; tinturas (principalmente para espécies vegetais sazonais); vinhos medicinais; as pomadas para uso externo; cataplasmas; compressas; xampus; sabonetes; etc.

É sempre viva aquela amarelinha ali? (Violeta).

É calêndula... a gente usa pra alergia de pele, pode ser usada as folhas e a florzinha (Alecrim).

É muito boa pra pomada (Amor).

E Alecrim continua...

Tem a violeta também. A violeta eu tenho dúvida se é essa... (Alecrim).

Dúvida bem oportuna pois realmente muita gente faz confusão com a violeta e acaba, por falta de informação, utilizando aquela violeta de jardim que é encontrada em todas as floriculturas. Mas a violeta usada medicinalmente é da espécie *Viola odorata* L., e que neste caso tratava-se da espécie correta.

E essa qual deve ser usada? (Alecrim - mostrando dois tipos de carqueja)

Verifiquei que uma das espécies tratava-se de *Baccharis trimera* (Less.) DC. que eu conheço como a espécie mais utilizada medicinalmente e a outra parecia ser da espécie

Baccharis articulata (Lam.), mas mesmo com a ajuda dos livros não pude confirmar, o exemplar estava muito murcho e sem flores. Aconselhei então que usasse somente a espécie “trimerá”.

Ah! Eu trouxe uma planta pra ver se você conhece, se conhece por outro nome, aqui a gente conhece por anador... (Alecrim)

E tem o melhoral também, ah! Eu quero ver também que nome tem a dipirona, porque esses nomes não são certo... Nesses livrinho não tem (Alecrim).

Confirmei que conhecia todas estas espécies e somente repassei os nomes científicos, pois desconheço outros nomes populares. Aproveitei para salientar a importância de se conhecer os nomes científicos pois eles são reconhecidos no mundo todo, diminuindo em grande parte os problemas de identificação erradas. Sem contar com o fato de que utilizando-se nomes de medicamentos industrializados, pode-se utilizar erroneamente a planta, achando que estas possuem a mesma ação terapêutica que seu nome indica, e muitas vezes isto não é verdadeiro.

Essa aqui eu trouxe de Itajaí, porque aqui não tem, por causa do frio... é cúrcuma, sassafras.... (Alecrim).

Todas as integrantes pegaram nas mãos o exemplar para conhecer, e algumas se dirigiram a mim com questionamentos sobre algumas características morfológicas, demonstrando elevado interesse em aprender a identificar corretamente uma planta. Aproveitei também para parabenizar Alecrim por seu interesse e sua busca por plantas medicinais de outras regiões e sua ânsia de aprender mais.

Esse doril eu tenho lá em casa, não sabia o nome..., também a geada quase matou mas ele tá brotando de novo... (lecrim)

Não desejava simplesmente falar os nomes científicos, coisa que acaba por ser esquecida, por isso nestas oportunidades aproveitava para, juntamente com as participantes, vasculhar os livros que possuíamos no local a procura desta nomenclatura, e com isso, exercitava com elas um modo de como fazer esta procura, e então fazíamos uma leitura conjunta das características e propriedades da planta.

Findada todas as plantas trazidas, perguntei se havia ficado alguma dúvida ou se tinham alguma sugestão a fazer e responderam satisfeitas que estava tudo ok, que estavam

aprendendo bastante. Resolvi então explicar a minha proposta de montagem de uma excicata, explicando inicialmente como e por quê montar uma.

Voltando então a questão da identificação correta das plantas nos recordamos do que já havíamos comentado entre as apresentações. Reforcei a questão de muitas plantas se parecem muito morfológicamente e que para se obter uma identificação correta é necessário que o exemplar vegetal possua o máximo possível de suas partes, como: flores, frutos, raízes... A principal ferramenta para a identificação são as flores, as folhas são muito parecidas entre as famílias vegetais. Comentei que quando temos dúvidas com relação à uma espécie vegetal não devemos utiliza-la, por riscos à saúde, e que então se faz necessário que se preste atenção e conheça alguns procedimentos para identificação como: a forma das folhas, se são lisas, peludas, finas ou parecidas com um couro, se tem espinhos, a coloração na parte de cima e de baixo das folhas, quantas pétalas tem a flor... Enfim tentar sempre prestar atenção no máximo de detalhes possível e nunca esquecer de refletir se o exemplar ou as informações que tem em mãos são de procedência confiável.

Com a ajuda das participantes, parti então para a montagem da excicata. Primeiramente expliquei que esta é a forma utilizada pelos biólogos e estudantes da botânica para secar e armazenar um exemplar vegetal, para então posteriormente ele ser levado à um especialista ou um herbário⁸ e obter-se a identificação correta. Esta ferramenta é muito simples e pode ser utilizada por todos aqueles que desejarem tal procedimento.

A montagem começa colocando-se o exemplar vegetal entre folhas de jornal, de forma que todas as suas partes fiquem bem espalhadas e cobertas pelo papel. Feito isso, anexa-se uma ficha que contém várias características deste exemplar como: nome popular; nome científico; localidade de coleta; seu habitat; seu hábito (arbusto, árvore...); se tem flores e/ou frutos (cor, odor, tamanho, etc); o nome do coletor, etc. Enfim, o máximo de informações possíveis.

Agora o próximo passo é colocar estes jornais contendo os vegetais entre papelões ou placas de madeira pra fazer pressão. Pedi para que cada participante pegasse uma de suas plantinhas e fizesse o mesmo que eu estava mostrando. Algumas participaram mas não foi possível anotar as características de cada exemplar, visto que elas não possuíam a maioria destas e também porque nosso tempo era muito curto. Mas este exercício já se mostrou suficiente para a aprendizagem de como proceder a montagem de uma excicata, tomando

ciência também de seu conteúdo e sobretudo tiveram contato com sua importância (Vide figura 10).



Figura 10: Participantes montando a excicata. 3º encontro, Centro Comunitário do Boqueirão, município de Passos Maia/SC.

Enquanto terminava de montar a excicata, propus às integrantes do círculo de cultura, uma oficina em grupo, a montagem de um cartaz que expressasse tudo que havíamos conversado nos dois encontros, ou seja, a relação “homem x meio ambiente” para o alcance de uma vida saudável.

A princípio a proposta para mim pareceu um pouco redundante, visto que parece um processo contrário ao proposto nos círculos de cultura de Freire, mas como no advento do primeiro encontro, para o levantamento das palavras geradoras não utilizei-me desta ferramenta, por não encontrar material para tal atividade, devido às questões que permearam mudanças na estruturação dos encontros, mas por outro lado me pareceu bastante interessante resgatar o que elas haviam absorvido de nossas conversas.

⁸ Herbários: locais onde encontram-se exemplares modelos (esterótipo) de vegetais para comparação e identificação de espécies.

Propus então que separássemos o grande grupo em cinco grupos de seis pessoas em média, e sugeri que em cada grupo houvesse sempre uma das integrantes que já havia participado do encontro anterior, para discutirem entre si as questões sobre saúde e meio ambiente levantadas anteriormente, prestando atenção para ver se surgia algo novo.

Fiz um breve relato das palavras problematizadas no encontro anterior para as novas integrantes ficarem mais familiarizadas com o conteúdo. Não quis escolher os componentes dos grupo a serem formados, sugerindo que elas se encarregassem de se juntarem da forma que achassem melhor.

Alecrim tomou logo a iniciativa e começou a dividir o grande grupo, tomando o cuidado de deixar sempre uma colega que participou do primeiro encontro. Então distribui entre elas revistas, jornais, papel em branco, colas coloridas, canetas e pincéis atômicos. Este momento foi transformado numa “bagunça” alegre e descontraída, com risos e manifestações de prazer em “voltar a ser criança”. Deixei livre a colagem, o desenho e a escrita (Vide figuras 11, 12 e 13).



Figura 11: *Participantes do círculo de cultura na confecção de cartaz sobre saúde e meio ambiente – recortes. 3º encontro, Centro Comunitário do Boqueirão, município de Passos Maia/SC.*



Figura 12: Participantes do círculo de cultura na confecção de cartaz sobre saúde e meio ambiente – recortes. 3º encontro, Centro Comunitário do Boqueirão, município de Passos Maia/SC.



Figura 13: Participantes do círculo de cultura na confecção de cartaz sobre saúde e meio ambiente – recortes. 3º encontro, Centro Comunitário do Boqueirão, município de Passos Maia/SC.

Após um longo período entre conversas, discussões, colagens, risos e muita descontração, concluíram seus cartazes. Fui avisada então que elas haviam preparado um chá

para nós após o encontro. Elas trouxeram bolachas caseiras e chás naturais como hortelã e camomila. Então percebi que o nosso tempo era ainda mais escasso e infelizmente após a conclusão dos cartazes foi feito um breve relato dos itens explorados ali, mas percebi que a maioria contemplou tudo que havíamos discutido, problematizado, não parecendo ter surgido nada novo. Pedi desculpas mas juntas decidimos refletir mais profundamente sobre os cartazes numa próxima oportunidade.

Aproveitei para pedir aos grupos que fizessem uma avaliação do encontro, escrevendo o que acharam da conversa de hoje. Pedi para que fossem bastante sinceras, não precisariam colocar seus nomes se não quisessem, pois esta avaliação era desejada por mim para constatação de se havia alcançado meus objetivos enquanto educadora.

Ao ler as considerações sobre nossa tarde de diálogo fiquei realmente surpresa com seus depoimentos e as palavras utilizadas para adjetivar estes momentos, e também muitíssimo satisfeita ao perceber que mesmo com vários tropeços parecia haver conseguido estabelecer realmente uma relação dialógica e despertar o interesse e a participação de todas.

Ficou livre à todas expressarem suas considerações a respeito do encontro, e portanto recebi depoimentos tanto individuais como coletivos e estão abaixo listados:

Grupo 1:

Esperamos que volte sempre, o encontro foi ótimo.

Grupo 2:

Bom. Eu adquiri conhecimento e identidade. (Juli).

É a primeira vez que participei, achei muito bom, achei ótimo. (Andorinha).

Foi muito bom, espero mais vezes. (Poejo).

Realização (Rosinha).

Grupo 3 e 6:

Muito lindo o trabalho de hoje. (Alecrim).

Uma tarde alegre e transformadora. (Sol).

Uma tarde maravilhosa. (Amora).

Foi muito importante e linda. (Hortelã).

Gostei e vou voltar pra casa contente porque eu aprendi e partilhei com as companheiras. (Luz).

Adorei, aproveitei 100%. (Flor).

É a primeira vez que participo mas achei muito legal. (Árvore).

Grupo 4:

O grupo achou que valeu a pena esta tarde. Queremos que volte sempre, que estamos sempre dispostas a participar. Foi ótima a tarde.

Grupo 5:

Paz!. Satisfeita, espero voltar. (Vento).

Gostei das trocas de experiências. (Primavera).

Amor! Gostei muito. (Água).

Adorei demais, espero outra vez (Arco-íris).

Gostei, adorei, quero voltar (Cachoeira).

Gostei, adorei, quero voltar (Riacho).

Antes de finalizar e partir para a confraternização, resolvi ler um artigo da revista Horizonte geográfico⁹, que tratava-se de um belo exemplo para as mulheres desta comunidade. O artigo descreve um grupo de mulheres da Amazônia que tem recebido reconhecimento internacional pelas iniciativas em favor do meio ambiente. Elas montaram uma associação que produz produtos naturais como sabonetes e incensos, com base na destilação de plantas aromáticas e medicinais encontradas na floresta da região a 280 km de Manaus. Utilizei deste exemplo para aproveitar e mostrar como elas podem buscar alternativas de renda como estas e também para sensibiliza-las e convida-las novamente para a “1ª Semana de Plantas Medicinais de Passos Maia”, onde poderão ter acesso a mais informações sobre o cuidado, o preparo e o cultivo comercial das espécies vegetais utilizadas terapêuticamente.

Agradei a todas pela presença e pelo carinho e fomos então para a confraternização (Vide figuras 14, 15 e 16), e entre “bate papos”, reforçamos a relação de respeito e confiança

⁹ Revista Horizonte Geográfico – ano 16, nº 87 – edição comemorativa Dia Mundial do Meio Ambiente, artigo “Amazônia – como impedir a devastação”, Boa idéia: amigos da Floresta, p. 39.

estabelecidas e desejamos nos reencontrar assim que possível.



Figura 14: Ervas trazidas pelas participantes do círculo de cultura para o chá de confraternização. 3º encontro, Centro Comunitário do Boqueirão, município de Passos Maia/SC.



Figura 15: Participantes do círculo de cultura em chá de confraternização. 3º encontro, Centro Comunitário do Boqueirão, município de Passos Maia/SC.



Figura 16: Participantes do círculo de cultura em chá de confraternização. 3º encontro, Centro Comunitário do Boqueirão, município de Passos Maia/SC.

6.3 TEORIZANDO E PROBLEMATIZANDO...

Durante todo o decorrer dos encontros fui destacando as *palavras-chave* (sub-temas) que identifiquei nos depoimentos das participantes em torno dos temas centrais do estudo, isto é, **saúde** e **meio ambiente**. Enquanto as participantes se manifestavam a respeito dos temas centrais, tivemos a oportunidade de teorizar e problematizar estes temas.

Primeiramente relatarei resumidamente os temas centrais teorizados nos encontros, a partir dos sub-temas, tentando compreender seus significados e identificando as possíveis transformações capazes de gerar um melhor cuidado à saúde e meio ambiente. Em seguida relatarei os sub-temas.

6.3.1 Conhecendo a realidade

Para você o que é necessário para ter SAÚDE?

ter casa;	educação;
terra pra plantar	liberdade
trabalho	fé, religião e paz espiritual
renda	diálogo
boa alimentação	transporte
recursos humanos em saúde	bom uso da tecnologia
ter ambiente saudável	bom relacionamento entre família, amigos e comunidade

Tematização: SAÚDE

O que é saúde: conceituação conjunta

Cuidado à saúde: condições do atendimento primário à saúde no município; dificuldades de acesso aos serviços em saúde; uso de terapia alternativa com plantas medicinais (prevenção e cura); usos e abusos da automedicação;

Recursos: debate em grupo, livros e revistas.

Problematização: SAÚDE

O que poderia ser feito para alcançar as condições necessárias para uma vida saudável nesta comunidade?

Ampliar as oportunidades de educação popular na comunidade, com maiores informações sobre o cuidado à saúde;

Conhecer novas alternativas de obtenção de renda;

Melhorar as vias de acesso do interior para a área urbana;

Ampliar o sistema de transporte no município;

Ampliar o quadro de profissionais na área da saúde;

Refletir mais sobre nossos valores (muito consumismo e individualismo)

Transformação: SAÚDE

Ações para a superação:

As moradoras sempre que possível se reunirão para trocar conhecimentos e experiências no cultivo e uso terapêutico das plantas medicinais, assim como troca de mudas.

Implantação de hortos comunitários nas escolas e centros comunitários para o cultivo de plantas medicinais e nutracêuticas;

Criação de uma Associação Comunitária de cultivo de plantas medicinais para obtenção de renda.

O que você entende por MEIO AMBIENTE?

é tudo	é as ruas
é a nossa casa	o que nos dá o alimento
é a natureza	é onde rezamos
nossa cidade	é nossos jardins
nosso país	

Tematização: MEIO AMBIENTE

O que é meio ambiente: conceituação conjunta

O que é natureza: conceituação conjunta

Cuidado ao meio ambiente: problemas ambientais locais; preservação x utilização; degradação; manejo sustentável e desenvolvimento sustentável.

Recursos: debate em grupo, livros e revistas

Problematização: MEIO AMBIENTE

O que poderia ser feito para minimizar a degradação ambiental local?

Maiores informações sobre o uso sustentável do meio ambiente;

Conscientização ambiental (educação voltada para a preservação e compreensão do meio ambiente);

Diminuição dos gastos para melhoria das condições de fertilidade das terras locais;

Refletir mais sobre nossos valores (o ser humano como o dono do mundo)

Transformação: MEIO AMBIENTE

Ações para a superação:

Promoção de atividades educativas e de lazer que despertem a consciência ambiental (preservação e uso sustentável dos recursos naturais);

Busca de alternativas de obtenção de renda para diminuir a degradação ambiental;

Ficou claro nos depoimentos que veem o meio ambiente não somente como o que está a sua volta, não somente a natureza (a mata) mas tudo que os cerca, partindo do interior de suas casas, seus jardins, a mata e as ruas ao redor e a cidade.

Ambiente é tudo, é a natureza, a cidade, e é também nossa casa (Rosa).

Este espaço serviu pra esclarecerem algumas dúvidas com respeito a sua relação com o meio ambiente, sendo aqui evidenciado como o maior problema o desrespeito ao meio ambiente, ou seja, a degradação ambiental.

Pois é aí não temos mais saúde, a gente desmata tudo... (Golfinho).

A extração de madeira para fins de produção de carvão foi colocado como a maior degradação, mesmo sendo proibida a exploração madeireira atualmente. Deixaram claro que existem muitas famílias que não possuem nenhuma consciência ambiental, que por não conseguirem renda advinda do plantio da terra, acabam explorando as matas tirando árvores que queimam pra fazer carvão, e ainda vendendo a preços baixíssimos.

Diz que tão tirando pra poder comer, se não ninguém ia tirar se não fosse né, pra sobreviver daquilo que tem ali (Alecrim).

Foi colocado logo de início que pra se ter saúde é necessário ter um ambiente saudável e que a natureza deve ser conservada pois dela advém muitas plantas que nos alimentam, abrigam e também podem ajudar na cura.

A maior dificuldade encontrada para a preservação ambiental encontra-se principalmente no acesso ao conhecimento, ou seja, à educação. Parece-me que as pessoas somente amam aquilo que conhecem e apenas preservam aquilo que amam. E aqui parece bem oportuno colocar um pensamento do mestre Freire:

Não creio na amorosidade entre mulheres e homens, entre os seres humanos, se não nos tornamos capazes de amar o mundo (FREIRE, 2000, p. 24)

Algumas colegas aproveitaram pra expor suas experiências pessoais neste sentido, mostrando que consciência a gente adquire com conhecimento e trocas como esta que estávamos tendo, que muitas delas já estiveram do outro lado da história, já degradaram muitas matas e hoje tentam protegê-las.

Eu já estive do outro lado. Antigamente, antes de entrar pro movimento, eu e o meu marido trabalhava numa madeira e a gente derrubava tudo. Já teve ocasião da fiscalização vir atrás do patrão e a gente mentir e esconder onde tava os caminhões cheios de toras de madeira. E hoje eu to aqui falando de preservação. È que naquela época a gente não sabia muita coisa, não entendia o que tava fazendo (Golfinho).

Como animadora de debates, perguntei como poderíamos reverter a situação de desrespeito ao meio ambiente.

Tem que conservar a natureza né? (Cânfora).

Eu acho que a pessoa tem que tá consciente, como disse a amiga Cânfora né, se ela conseguir dentro do seu lote, tirar a sobrevivência pra si, eu acho que se a pessoa tá consciente que é por ali mesmo, conservar a natureza, e da própria natureza ela sobreviver ali dentro, eu acho que as próximas geração vai vir com mais saúde né?, nossos filhos, nossos netos..., porque senão, se vai assim como ta indo, hoje as mães já tem dois, três filhos, já é bastante. Uma que tem cinco, seis, já não tem mais saúde (Alecrim).

E Alecrim conclui sua reflexão sobre como a degradação ambiental influencia no processo saúde-doença:

Então vai indo assim sem saúde né. Então nós temos de pensar, assim de cuidar da natureza, acho que é isso, não desmatar, não tirar as árvores que são boas, deixar elas dentro do nosso lote, então eu vejo por a né, se nós vai desmatando tudo e colocando fogo, vejo que no meu ponto de vista, que aí é que nós não temos mais saúde. Nós mesmos vamos destruindo... (Golfinho).

Algumas participantes acrescentam:

A gente depende da natureza e também as próximas gerações que tão vindo... (Rosa).

Nós não vamos usufruir sozinhos né? (Alecrim).

O homem pode dizer assim, eu tô plantando mas eu não sei, não vai ser pra mim né... mas mesmo assim se cada um tentar um pouquinho né?. Tem pessoas que não querem se conscientizar né? (Águia).

Mais uma vez elas colocam como forma de superação destes problemas a conscientização. Volto-me então à Paulo Freire que baseia sua pedagogia no exercício do pensar crítico, da consciência crítica, adquirida através do desvelamento da realidade e na

ação-reflexão-ação constantes, em busca da transformação e não à adaptação a situação problema enfrentada.

A consciência do mundo, que viabiliza a consciência de mim, inviabiliza a imutabilidade do mundo. A consciência do mundo e a consciência de mim me fazem um ser não apenas no mundo mas com o mundo e com os outros. Um ser capaz de intervir no mundo e não só de a ele adaptar. É neste sentido que mulheres e homens interferem no mundo enquanto os outros animais apenas mexem nele. É por isso que não apenas temos história, mas fazemos história que igualmente nos faz e que nos torna portanto históricos (FREIRE, 2000, p. 40)

Ainda problematizando em cima da questão da degradação ambiental, expuseram que quando foram assentadas no município foram colocadas em muitas áreas onde as matas já haviam sido degradadas restando muito pouco a preservar e que também acabaram sendo responsabilizadas por isso.

Aqui tem assentamento que vários grupos quando chegaram nos locais já estavam tudo pelado, que na verdade estavam assim as terras. Nós agora vamos poder culpa-los de tirar tudo, não podemos dizer isso, porque já estava assim (Águia).

Mas agora alguém tirou, alguém tirou, e alguém que não necessitava pra sobreviver, isso é o pior) Alecrim.

E então uma das participantes coloca:

Esses foram embora, hoje moram no Mato Grosso... (Golfinho).

Este momento foi descontraído e todas riram. Estavam falando dos antigos donos das terras, os grandes latifundiários que agora tem fazendas na região do Mato Grosso. Voltam a falar de como encontraram as terras em época de posse dos assentamentos.

No 13 de julho, antes de nós ir pra aquela área, era só natureza, mato, matagal. Passava lá era aquelas toras mais alta do que nós. Nós conversava com o pessoal que tinha noção que nós ia pegar aquela terra, aí começaram a desmatar, aí quando o pessoal foi pra área... foi o pessoal que tirou, nunca foi o fazendeiro né? (Beija-flor).

E continuam tirando... (Cânfora).

Quando saía a área, acabava a negociação, pegavam primeiro e tiravam tudo né, as madeiras grossas, as embúia, os pinheiros... pra negociar... (Alecrim).

Questionei-as em como podemos mudar isso agora que já foi quase tudo desmatado e elas então logo responderam:

Tem que plantar (Águia).

Tem que plantar outras árvores... (Rosa).

As plantas nativas, porque que não se planta este tipo de árvores nativas? (Águia).

Porque a própria natureza, se agente deixa elas vem... vem a vassoura, e vem embora, aí deixa né... (Golfinho).

Neste sentido, iniciou-se uma nova discussão, em torno de quais árvores plantar e como restaurar as matas nativas. Aqui esclareci algumas estratégias usadas para tais fins como por exemplo o uso de poleiros artificiais para que os próprios pássaros da região tragam as sementes e reflorestem naturalmente. Ainda criticaram o reflorestamento com pinus, embora desconhecessem a verdadeira razão do problema:

Mas se planta o pinus ele mata, ele limpa a terra. Nem cobra fica debaixo desses pinus (Cânfora).

Aqui esclareci alguns pontos a esse respeito, explicando que o pinus “mata” e “limpa” a terra porque libera uma resina no solo que é tóxica, portanto não deixando que outras espécies sujam, também pelo fato dele ser uma espécie exótica, ou seja, oriunda de outro país e com isso nossas espécies vegetais e animais não tem proteção e afinidades com esta espécie.

Aproveitei para falar que quando exterminamos espécies vegetais, sem perceber estamos também prejudicando as espécies animais que antes ali se alimentavam, pousavam ou dormiam. Enfim ficou claro como a degradação ambiental traz consigo outros problemas num sistema em cadeia, onde uma coisa leva a outra.

Que nem eu vejo os homens que caçam, caçam e matam todos aqueles bichinhos que comem as formigas, aí dá um acesso muito grande de formigas dentro do assentamento, por quê? Não tem mais aqueles que comiam.... tamanduá... (Golfinho).

As condições da moradia, assim como o ambiente ao redor da casa e aquele que nos cerca, seja a mata ou a cidade, foi considerado imprescindível para se ter boa saúde, se obter o

bem-estar.

Sem ter um ambiente saudável não tem como ter saúde. (Alecrim).

A preservação da natureza, das matas, foi colocado como importantíssimo para a proteção das águas e do solo, ou seja, para a manutenção da vida no planeta. Além disso a preservação ambiental entrou num campo mais lúdico, de que a natureza, com suas belezas nos proporciona lazer, paz e bem-estar, enfim uma vida saudável.

A saúde brota da natureza... (Rosa).

Ter um ambiente saudável é conservar a natureza, né? (Cânfora).

Sub-temas:

Emergiram muitos sub-temas a partir dos temas centrais, muitos inclusive apresentaram vários desdobramentos e portanto considerei importante relatá-los, na busca de uma melhor compreensão da realidade e das possíveis transformações necessárias.

Os subtemas, à medida em que eram identificados, eu já provocava um debate estimulado por questões como: “Em que este fator influi em sua saúde ou da sua comunidade?”, e “Como poderíamos mudar esta situação?”.

A partir destes questionamentos as participantes foram teorizando e problematizando:

Alimentação:

A maioria dos depoimentos enfatizou a relação do alimento saudável com a existência e manutenção da saúde.

Ter saúde é ter alimentação... (Beija-flor).

Ter saúde é ... ter o alimento adequado, vitaminas, sais minerais... (Rosa).

Deram grande enfoque ao fator alimentação, não somente à importância de se ter o que comer, mas principalmente à qualidade da alimentação, no que se refere ao hábito alimentar, à higienização dos alimentos e principalmente o fato deste não estar contaminado ou alterado.

Tem de ter o alimento adequado, vitaminas, sais minerais... (Rosa)

Alimento é claro que não pode faltar, mas alimento pode ter à vontade, mas se não for bem limpo, bem cozido, de boa procedência, não vai fazer bem... (Alecrim).

Eu acho assim que mudou, no meu ponto de vista, mudou um pouco, a diferença da alimentação né?. Antigamente nós não tinha veneno, não tinha nada, era mato, era aquela coisa mais saudável, e hoje nós não temos mais isso, a poluição tomou conta, é veneno, é tudo, já mudou muita coisa. Em muito é coisa da alimentação, antigamente era outro tipo de comida, era canjica, milho, polenta, feijão, hoje nada é natural mais... (Beija-flor).

Com relação à alimentação todas concordaram que é necessário conscientizar-se dos perigos que a poluição e o envenenamento dos alimentos podem causar a nossa saúde, e mesmo sendo agricultoras, ainda encontram dificuldades para produzir alimentos mais saudáveis. Também citaram o fator tecnologia, que embora facilite o trabalho do agricultor, leva à produção de alimentos menos saudáveis.

A metodologia, antigamente era não usar agrotóxico, pra não ficar doente. Tinha como se prevenir né?. Agora não, mesmo que você deixa de usar, tem um lá que usa, e então porque tem gente lá que usa, vão usar também... (Beija-flor).

Mas agora já temos o ar poluído, as águas poluídas, as plantas, as árvores existem muito pouco... a terra já não produz e já não sabemos quase produzir o adubo orgânico, porque já vem tudo pronto, bem mais fácil... (Águia).

Aí vai de cada um querer comer bem, plantar sem agrotóxico (Lua).

Foi muito discutido o fato de hoje em dia se optar pelo mais fácil, sem refletir em que isto interfere em nossa vida, em nossa saúde. Salientaram a importância de se resgatar alguns dos costumes antigos e deixou clara a necessidade de ações educativas que contemplem as questões dos hábitos alimentares e as formas de produção mais “orgânicas”. Percebi que esta discussão em torno da alimentação trouxe muitos aspectos que muitas das participantes ainda não haviam se dado conta, ou seja, ainda não tinham parado para pensar e refletir. Acredito que este momento tenha contribuído bastante para que elas encontrem alternativas e novas possibilidades para melhorar seus hábitos e consumos alimentares.

Terra

Este tema esteve sempre presente em todos os discursos das participantes e

relacionando-se com todos os outros subtemas, deixando explícito como a experiência de vida, as crenças e costumes destas pessoas estão diretamente relacionadas com sua concepção de saúde. Isto demonstra mais uma vez a importância de se conhecer e respeitar a cultura e o conhecimento dos sujeitos em qualquer ação educativa em saúde. A terra é considerada para elas a essência da vida e a única forma de se obter uma boa alimentação, além de fonte de renda para a família que em sua grande maioria sempre viveu de lidar com a agricultura. Nesta discussão ficou claro que não adianta apenas ter a terra, ela tem de ser produtiva. Também observou-se a necessidade de ampliação dos créditos financeiros e de treinamento e acompanhamentos para os trabalhadores rurais.

Ter saúde é ter terra pra plantar, pra poder ter alimento... (Samambaia).

Na minha opinião pra ter saúde tem de ter alimento, terra. Primeira coisa tem de ter condições pra gente trabalhar... (Golfinho).

O que eu vejo é assim, se nós produzirmos e tivermos condições pra produzir tudo em cima do lote que nós temos, se cada um pudesse produzir tudo que precisa pra consumo, nós se livrava do mercado... (Cânfora).

Tem muito assentamento que a terra é muito ruim, tem que gastar muito dinheiro pra poder corrigir o solo, pra depois conseguir planta alguma coisa... (Margarida).

Ao refletirem sobre o problema da terra e sua produtividade, esbarraram também em outro subtema, o da preservação ambiental, esclarecendo como eles mesmos também podem ser responsáveis por esta situação e como poderiam revertê-la.

O solo precisa das plantas, muita gente não sabe, tira, tira e queima... e a terra não dá mais nada (Águia).

Alguns assentados tão cansado de plantar e não dá mais, não tem condições... Então deixa um pedaço de lado e deixa, pra voltar a natureza... (Golfinho).

Renda

A grande preocupação com relação ao dinheiro foi que nas atuais conjunturas econômicas e sociais em que se encontram as participantes, sua única fonte encontra-se nos produtos que tiram da terra. Tendo a terra conseguem o necessário para sua sobrevivência, mas estão na busca de outras alternativas de renda, pois preocupam-se com o futuro dos filhos e em melhorar as condições de vida em que se encontram. Além de algumas terras

necessitarem de muitos gastos pra serem preparadas para o plantio, muitos agricultores necessitam de treinamentos e acompanhamentos para aprender a plantar. A maioria dos agricultores assentados veio de outras localidades, muito variadas, portanto há uma “miscelânea” de culturas e conhecimentos, o que em muitos casos acaba prejudicando sua atividade agrícola, ou seja, existe agricultor que sempre lidou com o mesmo produto e nas mesmas condições, e ao ser assentado neste município, tenta repetir o que sempre fez, e isso nem sempre é o procedimento ou o produto mais adequado.

Pra ter tudo isso a gente precisa de dinheiro... (Hortência).

O problema também é que tem muito assentado que já pegou financiamento e entrou em vários projetos e nunca deu certo (Babosa).

Pra nós num falta alimentação né, a gente planta quase tudo, mas se tivesse como conseguir ganhar mais dinheiro com o lote seria melhor, né? (Hortência).

Embora estas agricultoras possuam costumes simples, que não requerem muitos gastos e também procurem diminuir a valorização do dinheiro, estão inseridas numa sociedade que é capitalista e que instiga o consumismo. Também fica claro que a questão monetária tem grande influência na saúde das pessoas, principalmente hoje com os preços abusivos dos medicamentos.

Neste momento fui abordada com a pergunta “*E sobre os cursos e implantação de hortos medicinais na comunidade, que o professor falou com a gente?*”. Trata-se de outro projeto em andamento no município que prevê a capacitação de indivíduos e grupos comunitários para o cuidado, preparo e uso de plantas medicinais. Neste sentido, esta ação educativa poderia tornar-se uma alavanca no processo de busca de alternativas de renda para a população local. Aproveitei o momento para esclarecê-las a respeito dos cursos e dos hortos.

Transporte

O transporte mostrou-se o fator que influencia em praticamente todos os outros subtemas e que acaba dificultando fortemente o acesso à saúde destas agricultoras e sua comunidade. As esparsas estradas de terra, íngremes e pedregosas, por si só já exerceriam dificuldades de transporte no local, além disso os moradores dos assentamentos em sua grande maioria não possuem veículos automotores, restando como única opção de transporte os ônibus escolares (gratuitos) da prefeitura que circulam apenas nos horários de aula. O

transporte dificultoso impossibilita o acesso à saúde, não sendo possível ir até os postos de saúde ou poder usufruir do lazer.

Um dos maior problema é o transporte que é ruim... (Samambaia).

No nosso assentamento também, o problema é o transporte.. (Cânfora).

Aqui no assentamento a gente tem uma dificuldade grande de transporte para ir até o posto. Então eu lá no meu assentamento, a gente primeiro faz o tratamento ali, que a gente tem a farmacinha, e aí se não dá volta, aí leva, a dificuldade é o transporte sem dúvida (Golfinho).

O transporte porque as vezes tem pessoas passando mal, mal, não tem carro, passa o ônibus na frente mas não leva, deixa a pessoa doente nem que morra, ali isso já aconteceu. Criança, pelo menos, acho que o transporte tinha que levar (Amor).

No nosso assentamento também, o problema é o transporte. Que nem, lá dentro do assentamento, passa dois ônibus, um leva passageiros, mas se precisar ir de manhã cedo já não tem... (Cânfora).

Como animadora do debate, questionei as participantes como a prefeitura e a comunidade poderiam estar tentando resolver este problema.

Não sei como ta as despesas do município, mas vamos supor, no dia da semana que tem médico pra criança, pediatra, é terça até o meio dia e quinta até meio dia, e não tem ônibus pra nenhum lado. Aí só a cidade se beneficia daí né? (Beija-flor).

O prefeito já tentou asfaltar a estrada de entrada da cidade e ainda não conseguiu, aqui no interior dos assentamentos então!! Vai demorar... (Dália).

Ainda tentando discutir alternativas para enfrentar e solucionar este problema, as participantes demonstraram que estão sempre “cobrando” ações da prefeitura e ainda não sabem como podem interferir mais, pois este fator envolve a questão financeira do município, que é muito baixa, dependente das transações agrícolas, pecuárias e madeiras.

A gente já tentou falar com o prefeito várias vezes, mas ele diz que não tem dinheiro, que o dinheiro mal dá pra manter as estradas de terra funcionando e que os ônibus da prefeitura são o que mais gastam no orçamento (Golfinho).

Refletindo sobre a questão em que as ações esbarram e acabam por estagnar-se frente as dificuldades político/sócio/econômicas encontradas no cotidiano da nossa sociedade atual, cito as

palavras de Freire (2000, p.43):

Uma das primordiais tarefas da pedagogia crítica radical libertadora é trabalhar a legitimidade do sonho ético-político da superação da realidade injusta. É trabalhar a genuinidade desta luta e possibilidade de mudar, vale dizer, é trabalhar contra a força da ideologia fatalista dominante, que estimula a imobilidade dos oprimidos e sua acomodação à realidade injusta, necessária ao movimento dos dominadores...

Recursos humanos

A falta de recursos humanos na área da saúde foi muito discutida entre as participantes. Além da dificuldade de transporte até a cidade, os moradores esbarram também neste outro problema, o número insignificante de médicos e enfermeiros para o cuidado à saúde no município. Ficou claro também que os moradores desconhecem as regras de funcionamento dos estabelecimentos de assistência à saúde e também seus direitos e deveres neste modelo de atendimento. As participantes deixaram clara a necessidade de se contratar mais pessoal na área da saúde, mas não agentes comunitárias de saúde, mas sim pessoal especializado, como médicos e enfermeiras.

Porque é um médico só, e ele sai também pro interior e aí o pessoal fica ruim e precisa vim onde ele tá... (Alecrim).

As pessoas que se tornam médico ou enfermeira não querem vir trabalhar aqui no município, é muito longe, muito afastado e com problemas de transporte, fica difícil (Cânfora).

E além disso acho que a prefeitura não tem dinheiro pra pagar mais gente, o médico ganha bastante (Violeta).

Ao refletir sobre a falta de recursos humanos desenvolveu-se também uma discussão sobre a atuação do profissional de saúde, principalmente de médicos e enfermeiras, levantando alguns questionamentos sobre a postura ética dos mesmos.

O médico não sei se ele é contratado pra trabalhar 8 horas ali no posto e chegou aquelas 8 horas e ele pode ir embora, aí tinha que ver com a secretaria de saúde pra tomar uma providência né? (Alecrim).

Mas se passou o horário, mas tem médico e tem enfermeira, não podem abandonar, porque a ética, já diz né, se tem a ética profissional, nós não podemos deixar a pessoa morrer, mesmo se já passou o horário... (Águia).

Amor então questiona e demonstra indignação sobre esta discussão:

Mas tem de ter pelo menos uma enfermeira de plantão, não é?

Eu acho que se for a família da gente, a gente faz qualquer coisa lá na frente do posto

Mas conclui com a seguinte reflexão...

Mas acho que essas coisas não é só em Passos Maia, pior ainda nas cidades grande (Amor).

Voltando às questões éticas profissionais, as participantes colocaram que a forma de atendimento é claramente diferenciada quando se trata do atendimento de conhecidos ou pessoas mais esclarecidas quanto ao funcionamento do estabelecimento e seus direitos como cidadão.

Agora aqui nos assentamentos, se for algum agente de saúde, alguém da saúde, umas das nossas né, que vai junto, aí é outro atendimento, porque elas conhecem, elas sabem o que fazer, aonde recorrer, então é atendida porque elas sabem todo procedimento e os direitos que tem (Águia).

Então eles sabem que estas pessoas sabem, então atende. Agora vai alguém que não sabe, vai embora, mandam pra casa ou mandam lá pra Ponte Serrada (município vizinho) e chega lá não atendem, porque precisa ter autorização daqui, tem que sair daqui autorização. Sem autorização não vale nada. (Águia).

Acabei neste momento perguntando quantas agentes comunitárias de saúde o município possui. A discussão então agora gira em torno do apoio que estas agentes exercem no município, mostrando como são tão necessárias e ao mesmo tempo tão despreparadas e muitas vezes indesejáveis.

Agente de saúde do MST, tem assentamento que tem três, tem assentamento que tem duas, varia com o tamanho da população do assentamento. Tem mais de 20 do MST e mais as do PSF, acho que mais 18 (Golfinho).

Questionei sobre a competência destas agentes comunitárias de saúde e então Golfinho complementou:

A gente tem capacitação uma vez por mês em Chapecó com a turma do MST. Agente tem treinamento também, mas é diferente dos agentes do PSF.

Então procurei debater a atuação delas na comunidade e Dália fez um questionamento ao grupo:

No caso das agentes comunitárias do PSF, as que vai lá em casa, é um trabalho assim ó, ela chega e pergunta se eu fui no posto no mês ou se eu não fui né? Só isso. Eu quero perguntar pra vocês assim, se é isso mesmo que vocês fazem, se te outras histórias, como é isso? (Dália).

O nosso trabalho, seria... mas a maioria a gente não faz, o que é pra fazer também, porque nem sempre dá pra fazer. Nosso trabalho seria mandar construir fossa se não tem fossa, mandar queimar lixo se tem lixo espalhado (Águia).

O nosso é mais prevenir, prevenir a doença, prevenir tudo aquilo que a gente vê que pode causar doença, a gente fala (Golfinho).

Águia então complementa seu discurso e coloca outro problema em questão:

Mas a gente não fala a mínima das coisas que é pra falar, por causa que falar, mesmo sem falar, às vezes dizem que a gente vai mandar na casa... (Águia).

Neste momento as participantes começam a refletir o por quê deste tratamento, desta reação das pessoas, visto que elas ao visitarem os domicílios estão pensando no bem da comunidade. E aqui chegam a conclusão da importância do diálogo entre os sujeitos.

Só que não é só falar, tem que saber como falar também, como chegar né? (Alecrim).

Diálogo

As agentes comunitárias de saúde presentes no grupo começam então a trocar experiências tentando encontrar um caminho para melhorar sua atuação.

Eu não tenho essa dificuldade, de diálogo, algumas vezes falo do MST, dentro dos assentamentos, não trabalho fora dos assentamentos, tenho aquele carinho especial pra chegar e dizer pras pessoas né?. Faz seis anos que eu tô trabalhando e eu nunca fui atropelada de dentro de uma casa. Eu trabalho as coisas assim de ter a fossa, a higiene e até troco experiências... (Golfinho).

Eu também, mas eu não falo o que eles mandam falar (Beija-flor).

Se eu vejo que a pessoa é assim irritada, falando nosso português, então eu troco com ela: companheira você vai lá na minha casa me ajudar a fazer a limpeza e na segunda eu ajudo na tua, aí nós trocamos, aí ela não se ofende

pro que eu fiz e não capita o que eu queria com ela. E aprende comigo. Então ela vai na minha casa pra nós se trocá, pra mim não ofender ela. E jamais me atropelou, nunca (Golfinho).

A questão do diálogo é ressaltada por Beija-flor, que reflete sobre uma alternativa pra conseguir chegar até essas pessoas e conseguir ser ouvida e conseguir os resultados desejados.

Não é fácil, muitas pessoas quando a gente fala as coisas eles respondem que o prefeito pegou o dinheiro, porque veio verba, e não mandou fazer as fossas... é tudo assim, a gente fica até sem palavras, porque daí a gente liga pro prefeito, mas não é por aí, eles querem tudo pronto, não é fácil (Beija-flor).

Uma vez eu tentei fazer assim né, tipo um mutirão pras pessoas se ajudarem, mas não concordaram porque o prefeito tinha pegado verba (Alecrim).

Esta questão de querer tudo pronto, do acomodamento com as situações vivenciadas, de acostumar-se a receber tudo, dessa sensação de incapacidade das pessoas, Paulo Freire coloca:

A autodesvalia é outra característica dos oprimidos. Resulta da introjeção que fazem eles da visão que deles tem os opressores. De tanto ouvirem de si mesmos que são incapazes, que não sabem nada, que não podem saber, que são enfermos, indolentes, que não produzem em virtude de tudo isso, terminam por se convencer de sua incapacidade (FREIRE, 1987, p.50)

Esta discussão alongou-se bastante em torno de como fazer essas pessoas ouvirem e participarem da promoção de sua própria saúde e de sua comunidade.

Eu acho assim que tem uma coisa que eu acho diferença, que antes de chegar nas casas, reunir né, fazer uma reunião, tudo, dizer tudo, falar o que vocês falam nas casas e mais, fazer tipo um curso então (Beija-flor).

E neste momento *Águia* conclui com sua experiência:

Nós conseguimos reunir bastante gente, mas muita gente não vai... Não é todo mundo que tem jeito pra isso, que é treinada... (Águia).

Muitos ouvem o que a gente diz, muitos sabem que é importante mas não compreendem (Águia).

E a discussão termina quando *Alecrim* retruca e conclui:

Eles compreendem mas não fazem... (*Alecrim*).

Família

Pelo que pude constatar as famílias nesta comunidade são constituídas da forma tradicional, formada pelo casal e filhos, embora tenha conhecimento de casos de mulheres que foram “abandonadas” pelos companheiros ou até mesmo “deixaram” estes, tendo de sustentar sozinha os filhos. Os problemas familiares que foram levantados como fatores que podem prejudicar a saúde estão principalmente: os relacionamentos entre marido e mulher, entre os pais e filhos e também problemas com relação ao alcoolismo. Dentre estes problemas também surge a depressão, causada principalmente pela falta de expectativa de vida, pela falta de lazer e de liberdade.

Ter saúde é ter boa alimentação, ter terra pra plantar, ter amigos, ter família e tá de bem com eles. Porque não adianta ter comida, amigos, se não tá bem em casa com o marido, os filhos... (*Alecrim*).

Eu acho que se for a família da gente, a gente faz qualquer coisa lá na frente daquele posto... (*Amor*).

A gente tem que tá bem com as pessoas em casa, com o marido, os filhos, senão nada vai bem, brigas deixam a gente doente (*Rosa*).

Tem muito problema de alcoolismo né, tem gente que não vê futuro né na roça e acaba se afundando no álcool... (*Hortênci*a).

Alecrim expõe um fator que facilita o uso freqüente do álcool neste município, é a problemática do transporte:

Quando os homens vão pra cidade resolver alguma coisa, as vezes eles tem que esperar muito tempo pra pegar o ônibus pra voltar então aproveitam pra ficar no bar bebendo (*Alecrim*).

Quanto ao problema da depressão, este vem associado também à questão de lazer, que além das opções de lazer serem escassas, muitas vezes não podem participar por causa do transporte.

Quando questionadas a respeito das alternativas para estes problemas que envolvem a convivência familiar, como o alcoolismo por exemplo, todas acreditam que o melhor caminho seria a possibilidade de melhoria da qualidade de vida: com maior obtenção de

renda, melhoria do transporte (dando maior acesso ao lazer), implantação e manutenção de programas de conscientização dos perigos do uso de drogas como o álcool, e apoio psicológico aos familiares de alcoólatras.

Liberdade

A liberdade também foi discutida pelas mulheres, e mostrando que o convívio familiar deve ser nutrido de atenção, companheirismo e respeito, para se tornar um ambiente saudável.

Tem de ter liberdade, poder ser livre, sair, divertir-se, não pode ficar dentro de casa... (Alecrim).

A saúde também é não ter doença. Uma mulher que casa com um homem muito machista, que mantém a mulher dentro de casa e vive na rua, uma mulher dessa acaba em depressão (Alecrim).

No tempo em que eu vivia dentro de casa eu não tava nada bem, eu tava cada vez ficando pior, e quando eu decidi que eu ia começar a sair, comecei a ir na missa, nas reuniões, e não vou ficar só dentro de casa, e embora eu não tenha estudo, eu vou... E fiquei boa, eu acho que só dentro de casa a pessoa não sabe de nada né?, e sente cada vez a tristeza vai acumulando mais, e a pessoa vai ficando mal (Cânfora).

A questão da liberdade está enraizada na cultura destas pessoas, principalmente dos homens, sendo um problema bastante complexo a ser superado, mas que na opinião das participantes deve partir do autoconhecimento e do diálogo. As pessoas devem refletir sempre sobre o que são, como e onde estão, e a partir daí identificar seus objetivos e buscar os caminhos que as levem ao alcance destes.

É importante enfatizar que há uma diferença fundamental entre quem se acomoda perdidamente desesperançado, submetido de tal maneira à asfixia da necessidade, que inviabiliza a aventura da liberdade e a luta por ela, e quem tem, no discurso da acomodação, um instrumento eficaz de sua luta – a de obstaculizar a mudança. O primeiro é o oprimido sem horizonte; o segundo, o opressor impenitente... (FREIRE, 2000, p.41)

Religiosidade

A religiosidade está muito presente no dia a dia desta comunidade, basicamente católica. Este tema foi sempre citado, mas quando problematizado mostrou que o maior enfrentamento da comunidade está na questão do transporte mais uma vez. Algumas participantes também colocaram que o padre que atua na igreja da cidade deixa a desejar, mas

nunca tentaram mudar ou questiona-lo, por questão de respeito a sua posição.

Ter saúde é ter fé, religião... tem do corpo tá bem, mas o espírito também (Alecrim).

Ter saúde é o bem estar físico, psicológico, também espiritual... (Rosa).

Nós nos reúne bastante nas capela pra rezar, sempre tem bastante gente, e as irmãs tão sempre junto (Lua).

A gente tem as capela aqui nos assentamento, mas sente falta do padre que só fica na igreja da cidade (Violeta).

Sempre que dá a gente vai numa missa lá na cidade, pra rezar com o padre, com sermão e tudo, mas o problema do transporte atrapalha, nos fim de semana não tem ônibus (Alecrim).

Tecnologia

Esta questão envolveu principalmente as discussões com relação à alimentação e preservação ambiental. Foi discutido principalmente a forma acrítica com que nós aceitamos os avanços tecnológicos e como eles podem beneficiar ou muitas vezes prejudicar nossa saúde.

Antigamente a máquina era o homem, o boi, o arado.... (Alecrim).

A tecnologia é importante, é importante só que.... devia se inventar outras coisas pra que se preencha né?... (Alecrim).

...antigamente muitas vezes morria alguém, não se sabia nem do quê morria, pegava e enterrava e pronto. Não existia quase nem médico. Hoje em dia morre um pessoa vão fazer, como se diz, o laudo médico né?, daí vão ver o porque morreu, muitas vezes até de uma verminose né?, ou de doença mais séria, então hoje em dia se sabe o que causa a verminose, mas antigamente não, morria, morreu (Alecrim).

Tinha muitas pessoas que morriam mas não se sabia de quê. Morria muita criança porque não tinha vacina (Águia).

Beija-flor coloca que embora a tecnologia nos traz muitas vantagens na área da saúde pode também trazer muitos problemas que ainda nem podemos estimar a dimensão.

Antigamente era outro tipo de comida, era tudo mais saudável, como eu já disse, era canjica, milho, polenta, feijão e não tinha essa coisa de compra tudo no mercado, lá agora é só coisa transgênica, é isso, é aquilo... (Beija-flor).

O avanço tecnológico trouxe muitos benefícios ao trabalhador com o advento das máquinas, mas para muitos, também trouxe o desemprego.

Por causa da máquina, que facilitou também o serviço, agora fica até mais fácil passar veneno, diminui o trabalho, antigamente a máquina era o homem, o boi, o arado (Alecrim).

Os empregos né, ele tipo assim, na época que na roça a gente carpia, hoje que inventaram a máquina, um só faz, pega o trator passa no terreno que antes precisava de uns cinco ou seis pra trabalhar. Daí aqueles que antes precisavam de cinco ou seis agora não precisa de mais ninguém pra trabalhar. Os grandes tão fazendo isso né? Vai mudando, cada dia, cada vez mais... (Beija-flor).

Pode-se usar a máquina mas tem que gerar mais emprego, ter outro jeito de empregar (Alecrim).

Neste momento foi discutida a questão do uso acrítico da tecnologia, que embora facilite o trabalho, facilita o uso de agrotóxicos, levando a uma alimentação menos saudável. Ficou claro que estes agricultores necessitam de aprimoramento, de acesso às novas tecnologias voltadas à produção de orgânicos.

Tem também o interesse, há o interesse por traz disso. É interessante produzir mais, é preciso produzir mais porque tem mais gente, só que dá pra produzir sem usar agrotóxico, se soubéssemos como usar, produzir sem (Águia).

...já não sabemos quase produzir o adubo orgânico, porque já vem tudo pronto, bem mais fácil. Mas quem produz não somos nós que produzimos os químicos né?, quem que ta produzindo os químicos? São outros interesses, outros que produzem, que tem interesse em exportar, pra longe do país deles. Porque eles querem e produzem do jeito deles, mas eles não comem daquilo que... nós é que provamos pros outros países né? (Águia).

Consumismo

Ao refletirem sobre saúde, as integrantes do círculo de cultura frequentemente faziam referência ao passado, ou seja, comparavam as condições de vida de “antigamente” com a situação vivenciada hoje. Neste vai e vem de constatações, o capitalismo foi apontado como um sistema nocivo à saúde das pessoas e das comunidades, levando-as a um consumismo compulsivo, sem reais necessidades. Na ânsia de acumular cada vez mais capital, este sistema baseado no consumismo, é estimulado pelas intensas e diversas formas de publicidade, fazendo com que as pessoas nem sequer reflitam sobre o que estão

adquirindo, sobre sua utilidade, benefícios ou prejuízos, ou seja, simplesmente estão aceitando tudo que lhes é ofertado mesmo que não tenha condições para absorver e manter isto.

Antigamente era outro tipo de comida, era canjica, milho, polenta, feijão... e não tinha essa coisa de ir lá no mercado e comprar tudo que é coisa... (Beija-flor).

A gente não costuma comprar muita coisa, não temos dinheiro, mas até alimento que a gente podia plantar, acaba sendo comprado no mercado (Margarida).

Eu acho que falta consciência do que a gente pode fazer. Tem muita gente que nem percebe o quanto pode produzir no seu lote. Se tivesse consciência de que pode sobreviver sem precisar buscar tudo por aí, ia viver bem melhor, mais saudável (Beija-flor).

Agora é tudo mais fácil mesmo né?, é só ir no mercado, nas lojas e comprar tudo pronto. Mas essas comida que vende pronta, em lata e coisa assim, não é tão boa como antigamente, igual quando a gente mesmo planta e faz tudo fresquinho (Golfinho).

Habitação

Ainda falando das influências no processo saúde-doença, a moradia foi citada como um ambiente problemático, e aqui salientaram a importância da higiene pessoal, da higiene da casa, no seu interior e exterior. Constataram que o maior problema encontra-se na falta de informação das pessoas, assim como em sua cultura e experiência de vida, pois muitas famílias nunca tiveram casa para morar, viveram por muitos anos em “barracos” cedidos pelos patrões em madeiras ou em acampamentos, não sabendo realmente como manter um domicílio saudável.

Ter saúde é ter alimentação, terra, ter a casa... (Beija-flor).

Alimento é claro que não pode faltar, mas também higiene, se faltar higiene na casa, o alimento pode ter a vontade mas se faltar higiene, se não for bem limpo, bem cozido, não vai fazer bem... (Alecrim).

Mas tem gente que não tem jeito, não adianta falar, parece que não entende, a gente fala, fala, e eles não mudam nada, continua tudo sujo (Beija-flor).

É muito importante também higiene da casa né, deixar tudo limpo, os animais cercados e mais longe das casas (Alecrim)

A forma de superação desta realidade, de acordo com as participantes, seria a

educação. Somente através da educação se poderá chegar a uma transformação.

Educação

A educação foi salientada como o único meio para se alcançar uma vida saudável, ou seja, sem educação não tem como sequer terem consciência de seus direitos de cidadãos e também perceberem o mundo em que interagem. Embora as pessoas desta comunidade tenham acesso à educação, muitas vezes esta é dificultada pela questão do transporte ou por questões ideológicas. A comunidade acredita que este problema esteja sendo minimizado ultimamente, com as pessoas tendo mais acesso às informações, e tendo mais contatos com outras pessoas, havendo mais trocas de experiências.

Ter saúde é ter boa educação... (Alecrim).

Falta consciência do que eles podem, se a gente souber como fazer as coisas, vamos viver bem melhor (Golfinho).

Eu já fiquei sabendo de umas aulas lá no colégio da cidade pra quem não sabe ler, mas é difícil de ir lá sempre e também o MST sempre tem estes tipo de aula, então a gente deixa pra fazer com os companheiros (Beija-flor).

O MST tem vários projetos de alfabetização e eles estão sempre dando muitos cursos também. A gente tem encontros em várias cidades, a gente viaja bastante e aprende bastante também. (Golfinho).

Agora com o pessoal da universidade vindo sempre aqui a gente aprende cada vez mais coisas novas (Alecrim).

Os pensamentos de Paulo Freire referem-se sempre à educação como a única forma dos homens tornarem-se sujeitos, deixando de serem objetos, para então poderem transformar sua realidade opressora.

A educação tem sentido porque o mundo não é necessariamente isto ou aquilo, porque os seres humanos são tão projetos quanto podem ter projetos para o mundo. A educação tem sentido porque homens e mulheres aprenderam que é aprendendo que se fazem e se refazem, porque mulheres e homens se puderam assumir como seres capazes de saber, de saber que sabem, de saber que não sabem. De saber melhor o que já sabem, de saber o que ainda não sabem. A educação tem sentido porque, para serem, mulheres e homens precisam de estar sendo. Se mulheres e homens simplesmente fossem não haveria porque falar em educação (FREIRE, 2000, p. 40)

Medicalização

O preço dos medicamentos foi levantado como fator limitante da saúde, e isto também entra na questão renda, e embora os postos de saúde distribuam gratuitamente a maioria dos medicamentos, a quantidade nem sempre é suficiente ou alguns necessitam de outros que não são encontrados nestes postos. O uso das plantas medicinais foi apontado como alternativa freqüente de cuidado à saúde. Mesmo assim verifica-se um grande número de pessoas todos os dias nos postos de saúde, procurando atendimentos para quaisquer sinais de “problemas de saúde”.

Eu não precisei mais ir no médico, eu vivia indo... e depois que eu comecei este tratamento com remédio medicinal nunca mais fui no médico, me dá gripe, mas faltar ar assim nunca mais.. (Amor).

Muitas pessoas que estavam fazendo tratamento com o médico e não curavam a gripe, mesmo com outros problemas que não estavam curando, nós conseguimos com os remédios caseiros, então é sinal que tem bom efeito (Águia).

Aí a gente toma um chá em casa, se não passa a gente vai até o posto na cidade (Margarida).

E os medicamentos da farmácia nem sempre fazem efeito como devia (Alecrim).

Discutindo sobre o uso das plantas medicinais, as participantes levantaram os principais problemas de saúde enfrentados pela comunidade, entre os problemas citados destacam-se os distúrbios do aparelho respiratório como resfriados e gripes frequentes devido ao frio da região, e alguns tem problemas de asma por conta do forno a carvão. Foi declarado que a maioria da população dos assentamentos não tem problemas muito graves de saúde, mas quando aparece alguma coisa, primeiramente procuram alguém que possui as ervas medicinais e se isso não resolver aí então procuram ajuda médica. Isto se dá desta forma pelo fato do transporte local ser precário, pela falta de médicos na cidade e também por acreditarem muitas vezes que o medicamento natural além de ser mais saudável seja mais eficiente.

E tem muita coisa que a gente trata com remédio natural, é mais saudável e não custa tanto como os remédios da farmácia. A gente tem nossa farmacinha lá na comunidade (Rosa).

Muitas pessoas que estavam fazendo tratamento com o médico e não curavam a gripe, mesmo com outros problemas que não estavam curando,

nós conseguimos com os remédios caseiros, então é sinal que tem bom efeito (Águia).

A maioria das integrantes que já conhecem muitas plantas medicinais disseram ter adquirido este conhecimento através de cursos anteriormente ministrados por professores da UFSC e também pela Pastoral da Criança e pelo Movimento dos Sem Terra. Quanto ao uso das plantas medicinais nos detemos às questões de aquisição de mais informação e troca de mudas entre as colegas, os melhores locais para possíveis hortos comunitários e apenas citei sucintamente alguns cuidados básicos quanto a identificação, dosagem, frequência e uso destas plantas.

O que é importante também é conhecer bem a planta, a erva, porque pode acontecer de você fazer remédio com alguma coisa que não é o que você pensa que é... (Alecrim).

Ficou claro que muitas das participantes já detêm significativo conhecimento do uso destas plantas, mas que mesmo estas gostariam de receber mais informações e questionaram sobre a possibilidade de se construir hortos comunitários e cursos sobre fitoterapia a serem realizados no município.

VII REFLETINDO SOBRE A ADEQUABILIDADE DO REFERENCIAL TEÓRICO SOBRE O ESTUDO DESENVOLVIDO

Ao realizar este estudo, utilizando a metodologia da educação dialógica e problematizadora, mediada pelo conhecimento popular do uso de plantas medicinais, verifiquei que esta possibilitou, ao partir da realidade de cada integrante, valorizando sua experiência e seu contexto de vida, uma reflexão em grupo sobre como se estabelece a relação ‘homem x ambiente’ visando o alcance de uma vida mais saudável.

Ficou evidente que esta metodologia proposta por Freire, que baseia-se no diálogo horizontal entre as pessoas, e que valoriza o conhecimento do educando e o coloca como sujeito da educação, capaz de construir seu próprio conhecimento e assumir seu papel de sujeito criador, e onde educador e educandos são sujeitos concretos, favoreceu sobremaneira o interesse e a participação de todos os integrantes do círculo de cultura no processo de reflexão crítica sobre a sua realidade.

Esta metodologia sem dúvida também foi a facilitadora de minha integração com o grupo, possibilitando compartilhar além de conhecimentos, experiências de vida. A vivência desta experiência trouxe importantes reflexões para minha vida pessoal e profissional, fazendo-me refletir mais criticamente sobre minhas concepções de educação e também de saúde.

Este estudo que processou-se na aliança do saber científico e o popular, diferenciando-os e ao mesmo tempo promovendo um diálogo entre eles, mostrou-se um instrumento eficaz na construção do entendimento sobre as reais possibilidades de ações voltadas para o cuidado e à promoção da saúde.

O processo de reflexão crítica desenvolvido durante toda esta experiência possibilitou analisar os principais problemas vivenciados pelas integrantes do círculo de cultura, integrando as questões de saúde e meio ambiente a todos os outros aspectos de sua realidade. Este espaço em que todos tiveram condições de participarem das discussões, reflexões e análises acerca dos problemas evidenciados na comunidade, pareceu ajudá-las na percepção de suas necessidades e na busca de soluções para a sua superação.

Ao problematizarem seu mundo vivido, despertaram para um nova visão de mundo, inserindo-se nele e se vendo como sujeitos nele, vislumbrando os desafios e as possibilidades de mudanças e transformações de sua realidade.

Através do processo de codificação e descodificação dos temas geradores acredito ter sido possível este desvelamento da visão ingênua, construindo-se assim uma visão mais crítica, uma consciência crítica. Compartilho do pensamento de Wosny (1984, p. 15) quando afirma que “A conscientização não implica simplesmente na tomada de consciência, mas sim na consciência da ação sobre a realidade, pois esta realiza-se na prática e não na teoria”.

Como animadora do círculo de cultura busquei provocar e desafiar as participantes à uma relação dialógica e crítica, e através do resgate das práticas de uso das plantas medicinais, compartilhada com informações que permitissem aprofundar uma visão mais científica sobre os tratamentos alternativos de saúde, estas práticas passassem a ser valorizadas na comunidade e com isso elas mesmas se sentissem mais valorizadas.

Esta experiência me fez ver que como educadora preciso estar sempre atenta à organização de todas as informações, percepções e impressões que vão emergindo no processo educativo, e isso também me levou a refletir que minhas ações foram o tempo todo guiadas pelo referencial teórico, mesmo que de forma não consciente.

A metodologia do círculo de cultura proposta por Freire mostrou ser ao mesmo tempo um processo dinâmico, aberto e contínuo, exigindo de mim como educadora, muita sensibilidade e flexibilidade. Muitas vezes me perguntei se estava conseguindo realmente pôr em prática as concepções de educação que o referencial propõe, principalmente diante de algumas dificuldades que encontrei na construção e efetivação dos encontros, mas acredito que consegui exercer meu papel de educadora, animadora de debates, de forma ética, respeitosa e amorosa. As dificuldades e medos encontrados durante esta vivência me ajudaram a vencer muitas barreiras e aprender muito.

O contato que tive com as concepções de Paulo Freire e a metodologia problematizadora, contribuíram significativamente para a ampliação e aprimoramento do meu entendimento sobre educação e como exercer o papel de educadora. Posso afirmar que esta experiência com certeza me transformou, me transformou como pessoa e como profissional, tornando-me uma educadora compromissada com a ética, com o respeito, com a humildade, curiosidade e criticidade. Mostrou-me também que é preciso ter coragem, coragem para enfrentar os desafios e buscar *ser mais*.

Considero ter alcançado os objetivos propostos para este estudo, pois percebi a necessidade destas agricultoras de ampliarem seus conhecimentos quanto aos cuidados à sua saúde e meio ambiente. Trabalhando junto as questões de características botânicas e terapêuticas, este trabalho permitiu um contato mais aprofundado das agricultoras com a

problemática de saúde, da importância da preservação ambiental e das plantas medicinais.

O melhor conhecimento da percepção de saúde e meio ambiente e do conhecimento do uso das plantas medicinais utilizadas por esta comunidade, podem ajudar na elaboração e concretização de projetos a serem propostos no local.

Acredito também que a metodologia freireana contribui muito nas atividades de educação em saúde e meio ambiente, pois tem como característica principal o poder de transformação dos sujeitos envolvidos neste processo. Também quero salientar que a forma de abordagem educativa, mediada pelo conhecimento popular do uso de plantas medicinais, utilizada nesta prática, mostrou-se um instrumento eficaz para discutir-se questões relacionadas ao cuidado à saúde individual, da comunidade e do meio ambiente.

VIII REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1977. 229p.

BRANDÃO, C. R. **Lutar com a palavra** – escritos sobre o trabalho do educador. Rio de Janeiro: Graal, 1982. 186p.

_____. **Educação popular**. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. 86p.

_____. **Pesquisa participante**. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. **O que é educação**. 33ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BRICEÑO-LEÓN, R. Siete tesis sobre la educación sanitaria para la participación comunitaria. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.12, n.1, p. 1-17, jan./mar. 1996. Disponível em <http://www.scielo.br>. Acesso em 08 de junho de 2002.

DI STASI, L. C. **Plantas medicinais: arte e ciência** - um guia de estudo interdisciplinar. São Paulo: UNESP, 1996.

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação – Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3ª ed. São Paulo: Moraes, 1980.

_____. **Educação e mudança**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 31ª ed. São Paulo - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Ed. Cortes, 1991.

_____. **Pedagogia da Indignação – cartas pedagógicas e outros escritos**. 3ª ed. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. **Pedagogia da Esperança – Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. 8ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

_____. **Pedagogia da Autonomia – saberes necessários à prática educativa**. 24ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GADOTTI, M. **Convite à leitura de Paulo Freire**. 2ª ed. São Paulo: Scipione, 1991.

_____. **A voz do Biógrafo Brasileiro: a prática à altura do sonho**. 2000. Disponível em <http://www.paulofreire.com.br>, acessado em 30 de abril de 2002.

GOMÉZ, G. R., MORES, J. G., JIMÉNEZ, E. G. **Metodología de la investigación cualitativa**. Argentina: Ediciones Aljibe, 1996.

HEIDEMANN, I. T. S. B. **Participação popular na busca de uma melhor qualidade de vida: uma alternativa**. (Dissertação de Mestrado do Curso de Mestrado em Enfermagem). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1994.

SILVA-JÚNIOR, A. A. **Plantas medicinais e aromáticas**. Empresa Catarinense de pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina – Administração Regional de Itajaí – Estação Experimental de Itajaí, 1997.

LENINGER, M. M. **Cultural care diversity and universality: a theory of nursing**. New York: National League for Nursing, 1991.

LEITÃO, S. G. **A etnobotânica e a etnofarmacologia como ferramentas para a busca de novas drogas de origem vegetal**. 2003. Disponível em <http://www.ufrj.br/etnobot>, acessado em 14 de maio de 2003.

LUZ, F. A. da. **Cuidando, ensinando e aprendendo: uma experiência de enfermagem em emergências toxicológicas**. Florianópolis: UFSC, 2001. (Projeto de Prática Assistencial – Graduação em Enfermagem). Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, 2001.

MORISSAWA, M. **A história da luta pela terra e o MST**. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

MEDEIROS, L. C. M. **As plantas medicinais e a enfermagem – a arte de assistir, de curar, de cuidar e de transformar os saberes**. Rio de Janeiro, Teresina, 2001. (Tese de Doutorado em Enfermagem). Escola de Enfermagem Anna Nery, UFRJ, 2001.

MICHALAK, E. Irmã. **Apontamentos fitoterápicos da irmã Eva Michalak**. Florianópolis: EPAGRI, 1997, 94p.

OLIVEIRA, S. de. **A possibilidade do uso de plantas medicinais como instrumento de educação ambiental**. Foz do Iguaçu-PR. (Monografia em Especialização em Educação Ambiental). Universidade Federal de Santa Catarina – Itaipu Binacional, 1998.

PAGLIARINI, W. F. M. & ZANIN, A. **Levantamento de plantas de uso medicinal no distrito de Ribeirão da Ilha, Florianópolis, SC**. In: SIMPÓSIO DE PLANTAS MEDICINAIS DO BRASIL, 14, 1996, Florianópolis-SC. *Resumos...*p. 54.

SACRAMENTO, H. T. et al. **Fitoterapia: uma alternativa para a saúde pública**. In:

SIMPÓSIO DE PLANTAS MEDICINAIS DO BRASIL, 14, 1996, Florianópolis-SC. *Resumos...*p. 59.

SAUPE, R., BRITO, V. H. & GIORGI, M. D. M. **Utilizando as concepções do educador Paulo Freire no pensar e agir da enfermagem.** (Material mimeo. Para aula, 1996).

SILVA, D. J. da. **Uma abordagem cognitiva ao planejamento estratégico do desenvolvimento sustentável.** Florianópolis/SC (Tese de Doutorado em Engenharia de Produção). Universidade Federal de Santa Catarina, 1998.

SIMÕES, C. M. O. et al. **Plantas da medicina popular no rio Grande do Sul.** 3ª ed. Editora da Universidade:

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – SISTEMA DE BIBLIOTECAS. **Teses, dissertações, monografias e trabalhos acadêmicos.** Curitiba: UFPR, 2000.

VALLA, V. V., STOTZ, E. N. **Participação popular, educação e saúde: teoria e prática.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993. 160p.

VASCONCELOS, E. M. **Crise e redefinição da educação popular em saúde nos anos 90.** (Material mimeo. Em anais do Encontro de Educação Popular e Saúde, 1998)

VIEIRA, P. F. & WEBER, J. **Gestão de recursos renováveis e desenvolvimento – novos desafios para a pesquisa ambiental.** São Paulo: Cortez, 1997.

WOSNY, A. de M. **Nasce o sol no Sol Nascente: organização popular numa perspectiva problematizadora de educação e saúde.** Florianópolis: UFSC, 1994. (Dissertação de Mestrado em Enfermagem). Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, 1994.

_____. **Universidade, assentamentos e comunidades rurais: definindo papéis para uma reforma agrícola.** Florianópolis: UFSC, 1995. (Material didático – NEPEPS – Núcleo de extensão e pesquisa em educação popular e saúde). Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, 1996.

_____. **Plantas da medicina popular do estado de Santa Catarina: usos, abusos, cuidados e descuidos.** I Congresso Brasileiro de Ciências da Saúde Humana. Concórdia, SC: Universidade do Contestado, 2000, Anais do, p. 75.

WOSNY, A. de M., BOHES, A., VERDI, M., SAUPE, R. **NEPEPS – Núcleo de extensão e pesquisa em educação popular e saúde.** Florianópolis: UFSC, 1995. (Projeto de Extensão – Departamento Saúde Pública). Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, 1995.

ANEXOS

Anexo 1

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
CURSO DE MESTRADO EM ENFERMAGEM

Consentimento livre e esclarecido do participante

Passos Maia, de de 2003.

Prezado senhor (a):

Venho respeitosamente através do presente, solicitar sua colaboração no sentido de participar do trabalho que será por mim desenvolvido na disciplina de Prática Assistencial do curso de Mestrado em Enfermagem – UFSC, Florianópolis/SC.

O objetivo deste trabalho é que através de três encontros agendados, possamos desenvolver um processo educativo participativo sobre os cuidados à saúde e meio ambiente mediado pelo conhecimento popular do uso das plantas medicinais.

Pelo presente consentimento livre e esclarecido, Eu _____, declaro que fui informado de forma clara e detalhada dos objetivos deste trabalho. Sei que para mim, não há risco algum em participar do mesmo e poderei desistir a qualquer momento, se assim o desejar e, ainda, sei que me é assegurado o anonimato.

Estou de acordo em fazer uso de gravador durante as atividades grupais e individuais, bem ser fotografado nos momentos do trabalho e da utilização dos dados obtidos através das discussões, dos relatos, das entrevistas, das experiências vividas no meu cotidiano e dos encaminhamentos que poderão eventualmente ser propostos, como apresentação e divulgação em eventos.

Responsável pelo trabalho: Mestranda Andréa Medina Gonçalves Cruz (048 – 2351049)

Andréa Medina G. Cruz
Mestranda

Prof. Dr. Antônio de Miranda Wosny
Orientador

Assinatura

do

Participante

ANEXO 2

1ª SEMANA DE PLANTAS MEDICINAIS DE PASSOS MAIA-SC

Uso, Cultivo e Comércio

1ª EXPOSIÇÃO ESCOLAR DE PLANTAS MEDICINAIS DE PASSOS MAIA-SC

DATA: 28/07-01/08/03

**LOCAL: Centro de
Convivência do Idoso**

APOIO:

*UFSC/NEPEPS/
UNISOL/UNISUL*

*INCRA-SC
Prefeitura Municipal
Passos Maia-SC*

*EPAGRI-SC
Regional Concórdia*

Informações: EPAGRI (049) 437 0112 PMPM (049) 437 0010



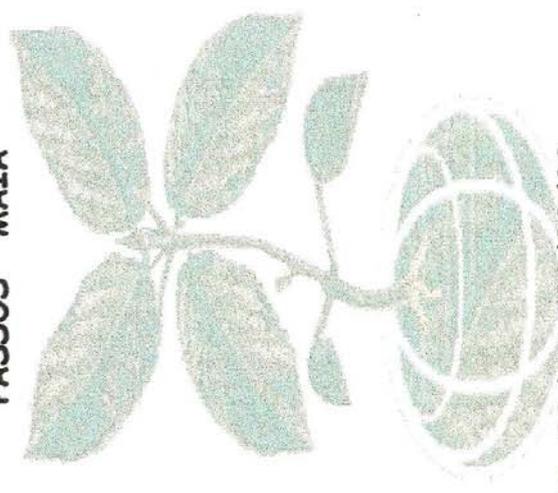
ANEXO 3



**1ª SEMANA DE PLANTAS
MEDICINAIS DE PASSOS
MAIA - SC**

Uso, Cultivo e Comércio

**1ª EXPOSIÇÃO ESCOLAR DE
PLANTAS MEDICINAIS DE
PASSOS MAIA**



**DATA: 28/07 - 01/08/03
LOCAL: Centro de Convivência
do Idoso**

INSCRIÇÕES

GRATUITAS

NA EPAGRI-SC

APOIO

**UFSC/NEPEPS/
UNISOL/DAEX**

**PERÍODO DE
INSCRIÇÃO:
07/07 à 25/07**

INCRA-SC

Informações:

**EPAGRI
(049) 437 0112**

**PMPM
(049) 437 0010**

EPAGRI-SC
Regional Concórdia

UNISUL
*Curso de Naturologia
Aplicada*

ANEXO 4



FITOTERAPIA

Você sabe o que é FITOTERAPIA? É uma prática popular que trata problemas de saúde utilizando Plantas Medicinais. Além disso, promove a saúde e também pode contribuir com desenvolvimento cultural e econômico da comunidade.

Objetivo: capacitar indivíduos e grupos comunitários para o cuidado, preparo e uso de plantas medicinais. Propõe-se também discutir a importância da preservação do meio ambiente, da flora medicinal local, bem como suas perspectivas de ampliação da renda familiar com possibilidades de mercado de produtos de origem fitoterápica.

Programação:

28/07
8:30 - CERIMÔNIA DE ABERTURA
9:00 - 11:30 e 14:00 - 17:00
 "IDENTIFICAÇÃO E NOMENCLATURA DE PLANTAS MEDICINAIS"
 Ministrantes:
Alésio dos S. Passos (Educador Ambiental - Assembléia Legislativa/SC)
Andréa Medina G. Cruz (Bióloga/UFSC)

29/07

8:30 - 11:30 e 14:00 - 17:00
 "INDICAÇÕES E CUIDADOS NO USO DE PLANTAS MEDICINAIS".
 "CUIDADOS COM PLANTAS TÓXICAS"

Ministrantes:

César Simionato (Médico/ HU/UFSC)
Ana Silveira (Farmacêutica do horto medicinal da UFSC)
Margareth Grando (Professora Farmacêutica e Bioquímica do CIT/HU)

31/07

8:30 - 11:30 e 14:00 - 17:00
 "CUIDADOS NO PREPARO DE PLANTAS MEDICINAIS: coleta, secagem e armazenamento, embalagem e receitas populares"

Ministrante:

Fátima Farias (Enfermeira professora do curso de Naturologia Aplicada da UNISUL).

01/08

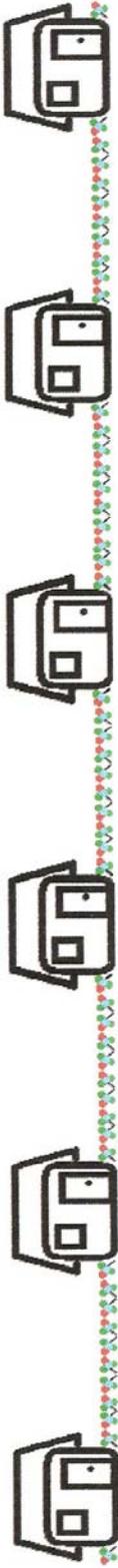
8:30 - 11:30 e 14:00 - 17:00
 "PREPARO DE TINTURAS, POMADAS, SABÕES, XAMPUS E OUTROS PRODUTOS FITOTERÁPICOS"

Ministrante:

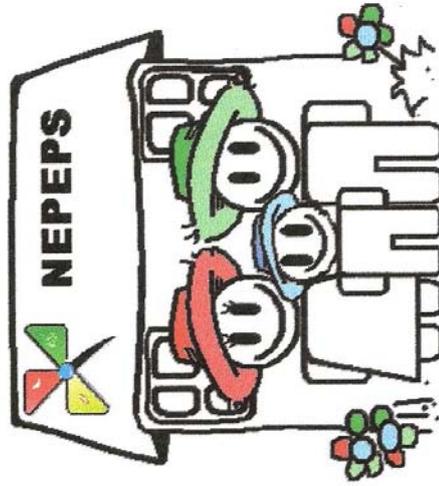
Tereza Gaio (Enfermeira e professora do curso de Naturologia Aplicada da UNISUL).

17:00 - Encerramento

ANEXO 5



**1ª SEMANA DE
EDUCAÇÃO EM SAÚDE
PARA PROMOÇÃO DE
DOMICÍLIO SAUDÁVEL**



APOIO:

**PRÓ-EXTENSÃO
2002/UFSC/
NEPEPS/DAEX**

**PREFEITURA
MUNICIPAL DE
PASSOS MAIA**

INCRA-SC
Regional Chapecó

EPAGRI-SC
Regional Concórdia

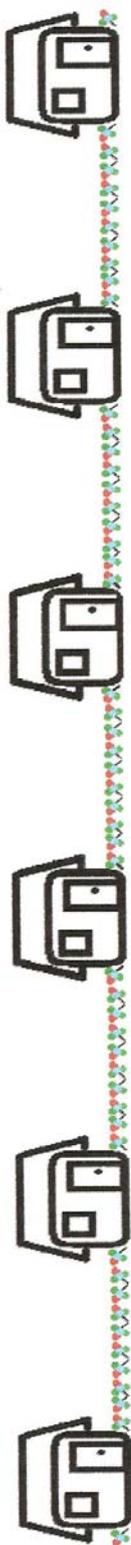
JUSTIFICATIVA

Santa Catarina, assim como outros estados brasileiros, possui uma realidade agrícola bastante diversa. Com as sucessivas lutas dos trabalhadores rurais em nosso estado, surgiu a necessidade de assistência à saúde nesses assentamentos, em conjunto com a participação multidisciplinar dos profissionais da saúde, em vista da realidade adversa enfrentada pelos trabalhadores rurais. Para tal assistência é necessário considerar as ações educativas um instrumento facilitador nessa participação

Objetivo: Compartilhar saberes e valores, estimulando as famílias de assentados agrícolas a produzirem domicílios saudáveis.

DATA: 29/07 - 01/08/03
**LOCAL: CENTRO COMUNITÁRIO
DE PASSOS MAIA**

ANEXO 6



Programação:

28/07 (segunda-feira)

**ATIVIDADES EDUCATIVAS
ABORDANDO PLANTAS
MEDICINAIS
E MEIO AMBIENTE:**

**Brincadeiras educativas,
dramatizações, teatros
de fantoches, vídeos.**

**LOCAL: CENTRO COMUNITÁRIO
DE PASSOS MAIA**

**PÚBLICO ALVO: ESCOLARES DE
1ª A 4ª SÉRIE DAS ESCOLAS
RURAIS E URBANA.**

29/07 (terça-feira)

MANHÃ E TARDE

**ATIVIDADES EDUCATIVAS
ABORDANDO MEIO AMBIENTE,
VERMINOSE E CUIDADOS
HIGIÊNICOS INDIVIDUAIS E
COLETIVOS (visita às escolas)**

ESCOLA DUQUE DE CAXIAS - Indumel
ESCOLA NOVA CONQUISTA - Quiguay

30/07 (quarta-feira)

MANHÃ E TARDE

**ATIVIDADES EDUCATIVAS
ABORDANDO MEIO AMBIENTE,
VERMINOSE E CUIDADOS
HIGIÊNICOS E COLETIVOS**

ESCOLA Nº SRª APARECIDA -
29 de Junho, 20 de Novembro, Zumbi I e
Zumbi II
ESCOLA Mª FRCª MACIEL - Tozzo
ESCOLA ADOLFO KONDER - Tupi
ESCOLA BELA PLANÍCIE - Planície
ESCOLA AQUINO MACIEL - Sto Antônio

31/07 (quinta-feira)

MANHÃ E TARDE

**ATIVIDADES EDUCATIVAS
ABORDANDO MEIO AMBIENTE,
VERMINOSE E CUIDADOS
HIGIÊNICOS E COLETIVOS**

ESCOLA GOVERNADOR JORGE
LACERDA - Tigre e Sapateiro
ESCOLA ISOLADA CHAPECOZINHO -
Dom Carlos
Conquista do Horizonte

01/08 (sexta-feira)

MANHÃ E TARDE

**ATIVIDADES EDUCATIVAS
ABORDANDO MEIO AMBIENTE,
VERMINOSE E CUIDADOS
HIGIÊNICOS E COLETIVOS**

ESCOLA PROFª CORÁLIA GEVAERD
OLININGER - Passos Maia

ANEXO 7

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS
Parecer Consubstanciado Projeto nº 031/ 2004

I- Identificação

Título do Projeto: A Etnofarmacologia como Abordagem Educativa em Saúde e Meio Ambiente em Uma Comunidade Rural de Santa Catarina.

Pesquisador Responsável: Prof. Dr. Antônio de Miranda Wosny

Pesquisador Principal: Andrea Medina Gonçalves Cruz

Instituição onde se realizará: Prefeitura Municipal de Passos Maia - SC

Data de entrada no CEP: 09/ 02/ 2004

II- Objetivos

Geral: Desenvolver um processo educativo em saúde e meio ambiente mediado pelo conhecimento popular sobre o uso das plantas medicinais.

III- Sumário do Projeto

Estudo de cunho qualitativo, a ser realizado na comunidade rural do município de Passos Maia, com a participação de homens e mulheres adultos, pertencentes à área tanto urbana como rural (proprietários, acampados e assentados) bem como membros das pastorais e/ou postos de saúde locais, que possuam algum conhecimento sobre o uso de plantas medicinais e que aceitem participar da pesquisa. Através da observação participante, da realização de entrevistas semi-estruturadas e da formação de um grupo (Círculo de Cultura) com encontros agendados, objetiva-se conhecer de modo acurado as questões etnobotânicas e etnofarmacológicas presentes na comunidade, assim como desvelar a percepção desta comunidade sobre os cuidados de saúde e meio ambiente, sob a ótica de um processo educativo proposto por Paulo Freire.

IV- Comentários

O projeto apresenta relevância para a área a que se destina, encontra-se bem fundamentado, apresenta a documentação necessária para sua análise e os pesquisadores estão qualificados para desenvolvê-lo. No entanto, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), está redigido em linguagem muito elevada, devendo ser adequado ao nível de compreensão das pessoas a que se destina. Também solicita-se que seja anexado ao projeto o roteiro previsto para a entrevista semi-estruturada.

V- Parecer do CEP

Aprovado

Aprovado "ad referendum"

Aprovado e encaminhado ao CONEP

Com pendências

Não aprovado

Justificativa: TCLE inadequado.

VI- Data da Reunião

Florianópolis, 01 de março de 2004



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS

Tendo em vista o atendimento das pendências apontadas, recomenda-se a aprovação do presente projeto, bem como, do TCLE apresentado.

V- Parecer

Aprovado (X)

Aprovado "ad referendum" ()

Aprovado e encaminhado ao CONEP ()

Com pendências ()

Reprovado()

VI- Data da Reunião

Florianópolis, 28 de junho de 2004

A handwritten signature in blue ink that reads "Vera Lúcia Bosco".

Vera Lúcia Bosco
Coordenadora

Fonte: CONEP/ANVS - Resoluções 196/ 96 e 251/ 97 do CNS.